



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

Maria de Nazaré Oliveira Dantas

Maria: de Nazaré a Fátima

Contributos para a lecionação da Unidade Letiva 2 - *A Mãe de Jesus* - do 2º ano do 1º ciclo do Ensino Básico

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:

Prof.^a Doutora Maria Isabel Pereira Varanda

Braga
2017

*Ouvindo o arauto da Mensagem,
Ó terra eleita que o Espírito lavra,
Também dizemos: ah! Cheia de graça,
Sois a serva e mensageira da Palavra.*

*Saudada por todas as gerações:
Feliz entre as mulheres, sois, Maria!
Bendito o Anjo que Vós precedeu:
Custódia, como Vós, da Eucaristia.*

*Ave o clemens, Ave o pia
Salve Regina Rosarii Fatimae!
Ave o clemens, Ave o pia
Ave o dulcis Virgo Maria.*

*Visitando os pequenos, as crianças,
Mostrais desígnios de misericórdia.
Erguendo a Vossa cátedra, Senhora,
Chamais o ser humano à concórdia.*

*Ensinando as verdades eternas
e a arte de crar, crer e amar,
Em Fátima, sois mestra, sois doutora,
Sois de Deus profecia, em Vosso altar.¹*

¹ “Mestra do Anúncio, Profecia do Amor – Hino do Centenário das Aparições de Fátima”, Marco Daniel Duarte e José Joaquim Ribeiro, acedido em 11 de maio de 2017, http://www.fatima.pt/files/upload/identidade/Pauta_Hino.pdf.

*A Maria, que é de Nazaré, que é de Fátima, que é do Mundo, que é de Deus...
Que é Mãe: Mãe nossa e Mãe d'Ele.*

*Às meus pais, Joaquim e Glória.
Dedicar-vos este trabalho é tão pouco...*

E ao Gaudium, minha alegria.

*Um profundíssimo agradecimento a duas grandes mulheres
que Deus fez cruzar o meu caminho:
a Doutora Isabel Varanda
e a Dra. Maria José Dias.*

*Profunda gratidão também aos docentes, colegas e funcionários da
Faculdade de Tecnologia de Braga
com os quais, durante cinco anos, partilhei esta caminhada.*

RESUMO

“Quem és tu, Maria?” Esta é a questão que atravessa todo este Relatório de Estágio e à qual nos propomos responder. Começamos por questionar quem é esta mulher, eleita por Deus para uma tal e vital missão. Ela é a Nova Eva, a *Theotókos*, Mãe de Deus e nossa Mãe, dada pelo próprio Filho no alto da cruz. É aquela a quem os cristãos, não desde sempre, mas desde cedo, reconhecem um lugar de destaque e dedicam um culto próprio.

“Mas o que tens tu a dizer em Fátima, Maria?” Podemos dizer que a Mensagem de Fátima não é única, mas é apresentada sob uma perspectiva única. Sendo revelação privada, nada acrescenta à revelação pública, à Revelação de Deus que culmina quando se faz carne. Trata-se de uma Mensagem de conversão, reparação e penitência mas também uma Mensagem de esperança, de amor e misericórdia de Deus, um Deus que se revela também no meio dos dramas da Humanidade e continua a desejar resgatá-la. Em Fátima temos a particularidade de os interlocutores serem três crianças provenientes de um ambiente rural pobre, marcado por uma religiosidade popular, e que recebem e transmitem a Mensagem precisamente como crianças que são. Uma singela forma de o Criador dizer, à sua criatura, o seu imenso amor.

“E como te veem, Maria, as crianças de hoje? O que dizem elas sobre ti?” As crianças da turma onde foi desenvolvida a Prática de Ensino Supervisionada têm já as suas representações da Mãe de Jesus. Já a conhecem de outros contextos, como a catequese. Também já ouviram falar de Fátima e sabem quem são os três pastorinhos, três meninos que têm mais ou menos a sua idade. Mas há sempre algo de novo a acrescentar. E, no final da lecionação, há novos conteúdos adquiridos.

PALAVRAS-CHAVE

Maria, Mãe, Mariologia, Igreja, Fátima, Pastorinhos, Mensagem.

ABSTRACT

“Who are you Mary?” This is the question that goes through all the Internship Report and to which we propose to answer. We start by questioning who this woman is, chosen by God to assume such a vital mission. She is the New Eve, *Theotókos*, Mother of God and our Mother, given by the Son, himself, from the top of the cross. She is the one whom Christians, not since always, but since early times, recognize a prominent place and dedicate a characteristic cult.

“But what do you have to say in Fátima, Mary?” We can say that Fátima’s Message is not unique, but it is presented from a unique perspective. Being a private revelation, nothing adds to the public revelation, to the Revelation of God which ends when he’s made flesh. It is a Message of conversion, reparation and penitence but also a Message of hope, love and mercy of God, a God who still reveals himself, even among the humanity’s dramas and keeps wishing to rescue it. In Fátima there is this particularity: the interlocutors are three children from a poor rural environment, marked by a popular religiosity, who receive and convey the Message precisely as children who are. A simple way for the Creator to say, to His creature, His enormous love.

“And how do children from today, see you, Mary? What do they say about you?” The children from the class where we developed the Supervised Teaching Practice have already some ideas about Jesus’ Mother. They already know her from other contexts, such as catechism (classes). They also have already heard something about Fátima and they know who the three little shepherds are, three children who are about their ages. But there’s always something new to learn. And, by the end of this teaching, there are some new contents acquired.

KEY-WORDS

Mary, Mother, Mariology, Church, Fátima, Little Shepherds, Message.

INTRODUÇÃO

O que aconteceu em Fátima entre 1916 e 1917 e continua a acontecer até aos dias de hoje tornou/torna este fenómeno digno da atenção não só da Igreja Católica, mas também de outras confissões e até religiões. Torna-o também alvo de estudos académicos, cada vez em maior número. Trata-se de um acontecimento sobre o qual um olhar atento é incontornável quando nos referimos não só à história da Igreja, mas também à história de Portugal e do Mundo. Talvez o trabalho que agora se apresenta pudesse ser mais aprofundado, temos essa consciência. No entanto é importante ter em conta o âmbito em que é desenvolvido: o de um Mestrado em Ciências Religiosas – área de Educação Moral Religiosa e Católica.

Assim, antes de falar sobre Fátima, é preciso procurar conhecer aquela que ali se mostrou a três simples crianças: é preciso conhecer Maria, a Mãe de Jesus Cristo. Além disso, o ponto de partida é a necessidade da lecionação da Unidade Letiva 2 “A Mãe de Jesus” do programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Por isso, importa perceber que o trabalho que a seguir se apresenta, não se centra exclusivamente no fenómeno de Fátima. A “ponte” para o fenómeno de Fátima, cuja protagonista é a Mãe de Jesus, aquela de que nos fala a Unidade Letiva, explica-se e justifica-se não só pela pertinência de um fenómeno que influencia veemente a religiosidade e cultura portuguesas, mas também pelo aproximar do Centenário das Aparições que se celebra no ano da conclusão deste Relatório, o ano de 2017. Porém, mesmo que o ponto de partida não fosse esta Unidade Letiva, não seria possível falar sobre Fátima, entendendo o que ali se passou/passa, sem antes conhecer Maria.

A elaboração deste Relatório implicou, então, não só horas de estudo, leitura e reflexão, mas também várias deslocações a Fátima para um contacto mais próximo com o fenómeno e alguns dos seus atuais interlocutores. Maria, Mãe do Deus encarnado, pela sua importância na História da Salvação, merece um estudo atento e dedicado e, com a aproximação do Centenário das Aparições, tornou-se gradualmente mais claro que seria este o caminho a seguir para a conclusão não só de um Mestrado, mas de um percurso um pouco mais longo que se iniciou com a Licenciatura em Ciências Religiosas. Assim, com a consciência de que muito mais há e poderia ser dito a propósito do tema escolhido, por agora a atenção concentrar-se-á em aspetos mais essenciais, tendo em conta a lecionação desenvolvida em contexto de Prática de Ensino Supervisionada.

Assim, o trabalho que agora se apresenta, procurará traçar um itinerário que começa em Nazaré da Galileia e terminará (por agora) em Fátima, Portugal, estruturando-se em três partes distintas mas interligadas. Importa conhecer, antes de mais, esta menina-mulher, Maria, a Mãe de Jesus, e o seu significado para a fé cristã. Tal procuraremos explicitar no primeiro capítulo

deste Relatório. O primeiro capítulo levar-nos-á, então, a focar a nossa atenção sobre a presença de Maria na Sagrada Escritura, no culto da Igreja Católica e também no seu pensamento, pelo gradual surgimento de uma disciplina própria: a mariologia.

Só depois de conhecer Maria e um pouco do culto mariano, que foi ganhando forma ao longo dos séculos, poderemos procurar perceber todo o fenómeno que se passou (e continua a passar) em Fátima, num sítio no qual, em 1917, apenas havia árvores, pedras e mato e silêncio, e onde hoje existe um dos maiores santuários marianos do mundo, visitado por milhões de peregrinos dos mais variados países. Importa, assim, analisar vários aspetos: o contexto em que decorrem as Aparições; o que significa a própria palavra “aparição”; é importante também conhecer aqueles através dos quais Maria fala, tão escolhidos por Deus quanto ela própria, ou seja, os três pequenos pastores de Aljustrel, Lúcia, Francisco e Jacinta (os dois últimos já canonizados pela Igreja Católica); a influência que este acontecimento tem sobre a Igreja, Portugal e o Mundo; e, por fim, a Mensagem que ali Deus, através de Maria, seu amado e escolhido instrumento, transmite. Aprofundar tudo isto será tarefa a desenvolver no segundo capítulo.

Por fim: como dizê-lo aos alunos? Como adequar a explicitação da vida e testemunho de Maria, do acontecimento de Fátima e a sua Mensagem ao contexto próprio de uma turma de alunos do 2º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico? A isso procuraremos responder no terceiro capítulo deste Relatório, no qual desenvolveremos uma possível planificação da lecionação dos conteúdos da Unidade Letiva e acerca do fenómeno de Fátima. Respeitaremos os conteúdos previstos pelo programa de Educação Moral e Religiosa Católica para esta Unidade Letiva e, para falar sobre Fátima, partiremos, precisamente, da figura dos três pastorinhos.

Para a elaboração deste Relatório de Estágio seguimos a metodologia da norma Chicago 16A² e obedecemos ao Acordo Ortográfico de 1990, em vigor desde 2006.

² “Chicago-Style Citation Quick Guide”, The Chicago Manual of Style Online, acedido em 22 de abril de 2017, http://www.chicagomanualofstyle.org/tools_citationguide.html.

Para falarmos a alguém sobre uma pessoa, é importante conhecê-la: a sua história, os seus traços característicos, as suas ações, as suas relações. Assim, para falar sobre Maria a uma turma, é importante saber quem é esta pessoa tão marcante para os cristãos, particularmente para os católicos. Importa, sobretudo devido ao contexto particular em que nos encontramos, a lecionação de uma Unidade Letiva da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, saber o que diz sobre ela a Igreja Católica.

Assim, neste primeiro capítulo procuraremos perceber qual o lugar ocupado por Maria, a Mãe de Jesus, na fé cristã, tentando perceber o caminho que parte de Nazaré, ou seja, mergulhando, primeiramente, na Sagrada Escritura, e que chega até aos dias de hoje. Tentaremos perceber como se desenvolveu a mariologia (particularmente no ocidente católico) desde a Igreja antiga até aos dias de hoje, assinalando como momento charneira o Concílio Vaticano II. Para concluir este primeiro capítulo, e já perspetivando o segundo que tratará particularmente do fenómeno de Fátima, abordaremos ainda as mariofanias.

1. De Maria de Nazaré à Mariologia

Neste primeiro ponto, propomo-nos a perceber, então, qual o lugar que Maria tem ocupado na fé, no culto e no pensamento da Igreja Católica, desde os acontecimentos relatados na Sagrada Escritura até aos dias de hoje. Procurando traçar o retrato de Maria, a Mãe de Jesus, percebemos que o seu lugar é de grande relevância, ainda que, em certos momentos, exacerbado ou até mal compreendido. Chegando aos dias de hoje, temos consciência dessa relevância, bem patente em documentos como a constituição dogmática *Lumen Gentium*³, a exortação apostólica *Marialis Cultus*⁴, ou a carta encíclica *Redemptoris Mater*⁵. Outros documentos mereceriam referência, porém a nossa análise deter-se-á nestes três.

Procuraremos perceber como a mariologia se desenvolveu em estreita relação com outras áreas da teologia como a cristologia, a soteriologia e a eclesiologia, ainda que não se possam confundir. Aliás as declarações sobre Maria foram em primeiro lugar necessárias a

³ Sacrosanctum Concilium Oecumenicum Vaticanum II, «Constitutio Dogmatica de Ecclesia “Lumen Gentium”», *AAS* 57 (1965) 5-71.

⁴ Paulus Pp. VI, «Adhortatio Apostolica “Marialis Cultus”», *AAS* 66 (1974) 113-168.

⁵ Ioannes Paulus Pp. II, «Litterae Encyclicae De Beata Maria Virgine in vita Ecclesiae peregrinantis “Redemptoris Mater”», *AAS* 79 (1987) 361-433.

partir da cristologia e, no tempo dos Padres, a mariologia foi esquematizada na eclesiologia⁶. Porém “só a confluência desta eclesiologia (...) com as afirmações sobre Maria, preparadas na cristologia (...) produziu a mariologia como totalidade própria na teologia. Assim não é possível ordená-la exclusivamente à cristologia ou exclusivamente à eclesiologia (e muito menos dissolvê-la nela)”⁷.

1.1. Maria na Sagrada Escritura

Para percebermos qual o lugar que Maria ocupa na fé cristã, convém partir da base desta: a Sagrada Escritura. Relendo particularmente o Novo Testamento, ou seja, o testemunho daqueles que lidaram mais de perto com Jesus Cristo e, certamente em alguns momentos, com a sua mãe, percebemos que as referências a ela são poucas e sempre em relação ao Filho, sobretudo no que se refere à Encarnação. Não será difícil percebermos isto, tendo em conta que sobretudo os Evangelhos são releituras dos acontecimentos já à luz do acontecimento pascal, isto é, a morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Sendo que “os livros do Antigo Testamento descrevem a história da salvação, que vai preparando, a passos lentos, a vinda de Cristo ao mundo” (LG 55), pode considerar-se que as primeiras referências a Maria na Sagrada Escritura, surgem precisamente no Antigo Testamento quando é referida uma mulher como a Mãe do Redentor, quando se fala da Virgem que dará à luz o Emanuel ou quando se refere a filha de Sião (cf. LG 55). Assim, o número 55 da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, faz ressaltar três passagens que, profeticamente, aludem a Maria como participante na promessa de Deus: “Farei reinar a inimidade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta esmagar-te-á a cabeça e tu tentarás mordê-la no calcanhar” (Gn 3,15); “Por isso, o Senhor, por sua conta e risco, vos dará um sinal. Olhai: a jovem está grávida e vai dar à luz um filho, e há-de pôr-lhe o nome de Emanuel” (Is 7,14); e “Por isso, Deus abandonará o seu povo até ao tempo em que der à luz aquela que há-de dar à luz, e em que o resto dos seus irmãos há-de voltar para junto dos filhos de Israel. Ele permanecerá firme e apascentará o seu rebanho com a força do Senhor e com a majestade do nome do Senhor, seu Deus” (Mq 5,2-3).

No que diz respeito à primeira passagem citada, necessariamente teríamos de ler todo o capítulo 3 do livro do Génesis, para entendermos a aplicação mariana realizada, percebendo que o pronome “esta” se aplica, não à mulher, mas à sua descendência, isto é, o Messias, e o

⁶ Cf. Cardeal Joseph Ratzinger e Hans Urs Von Balthasar, *Maria. Primeira Igreja* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2004), 23.

⁷ Ratzinger e Von Balthasar, *Maria. Primeira Igreja*, 23.

“tu” se refere à serpente, personificação do mal, do pecado⁸. Se consideramos Jesus Cristo o Messias, concluímos que a mulher é Maria. Relativamente à passagem do livro de Isaías, trata-se de uma das mais conhecidas passagens da profecia do nascimento do Emanuel, anúncio depois retomado precisamente no livro de Miqueias e que Mateus (cf. Mt 1,18-25) virá afirmar que se cumpriu⁹. “O sinal de Isaías, tornado messiânico em sentido pleno, faz-se, assim cristológico: o Emanuel perfeito (...) refulge no «Deus-connosco», Jesus de Nazaré, filho de Deus (...). A aplicação do oráculo a Cristo arrasta consigo também a aplicação mariana. A «jovem mulher» não é estéril, como acontecia noutras narrações de nascimentos célebres (...), mas «virgem», porque o filho que dela vai nascer não provém «nem da carne nem da vontade do homem, mas de Deus»”¹⁰.

Porém, é no Novo Testamento que se encontram as referências mais explícitas à Mãe de Jesus Cristo, desde logo no relato da Anunciação (cf. Lc 1,26-38), passando pela visita a sua prima Isabel (cf. Lc 1,39-56), pela referência a Maria na genealogia de Jesus e no anúncio a José (cf. Mt 1,16.18-25), pelo nascimento de Jesus (cf. Lc 2,1-19), pela apresentação de Jesus no templo e o encontro com Simeão (cf. Lc 2,20-40), e pela passagem em que Jesus, ainda adolescente, tendo se separado de Maria e José em Jerusalém é, mais tarde, encontrado entre os doutores no templo (cf. Lc 2,41-52).

No decorrer da vida pública de Jesus, além de haver outras referências, há duas passagens incontornáveis: a das (chamadas) bodas de Caná (cf. Jo 2,1-12) e o momento da crucifixão e morte de Jesus em que Maria permanece inamovível junto à cruz (cf. Jo 19,25-27). São duas passagens que serão muito tidas em conta na formulação da mariologia: numa assistimos à fé de Maria que se faz dom e que, na sua solicitude, intervém a favor da Humanidade – “não têm vinho” (Jo 2,3) – querendo-lha comunicar – “fazei o que Ele vos disser!” (Jo 2,5) – exortando os servos a obedecerem à sua palavra; na outra vemo-la constituída Mãe da Humanidade, pelo próprio Filho, e assim tornada modelo da Igreja, que deve acolhê-la com reverência filial tal como o discípulo¹¹. Veremos isto mais adiante neste mesmo trabalho.

Depois dos Evangelhos, encontramos mais algumas referências a Maria, nomeadamente nos Atos dos Apóstolos, onde encontramos Maria em oração com os Apóstolos (cf. Act 1,14), e no livro do Apocalipse, quando é referido o sinal da mulher vestida de sol, grávida de um filho varão que governará todas as nações (cf. Ap 12,1-6).

Percebemos então que Maria surge como um elemento crucial na nova aliança que Deus quer estabelecer com o seu povo, através da encarnação do seu Filho. Particularmente o

⁸ Cf. Gianfranco Ravasi, *Os rostos de Maria na Bíblia* (Lisboa: Paulus, 2008), 24.

⁹ Cf. Ravasi, *Os rostos de Maria na Bíblia*, 129.

¹⁰ Cf. *Ibidem*, 136.

¹¹ Cf. Aristide Serra, *Maria em Caná, e junto à cruz* (Lisboa: Edições Paulistas, 1984), 131.

evangelista Lucas mostra-nos que “a mensagem de Deus, no anúncio da encarnação messiânica, inaugurou o louvor a Maria com a saudação que a ela dirigiu o anjo Gabriel (Lc 1,28) e o evangelho de João completou o retrato bíblico da mãe de Jesus, apresentando-a como mulher de fé, que se tornou a mãe dos discípulos”¹².

O olhar sobre a presença de Maria na Sagrada Escritura, permite-nos ainda compreender a presença do seu nome no Credo, isto é, a confissão de fé da Igreja, cujo centro “é o «sim» a Jesus Cristo: «Incarnou pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria e se fez homem» (...). Para compreender o artigo central da confissão de fé em toda a sua profundidade, temos que olhar, por trás do Credo, para a sua fonte: a Sagrada Escritura. A profissão de fé revela-se neste lugar (...) como uma síntese de três grandes testemunhos bíblicos sobre a encarnação do Filho”¹³: os relatos da anunciação de Mateus e Lucas e o prólogo do evangelho de S. João.

Mateus, que escreve num contexto judeu e judeo-cristão, procura mostrar a continuidade entre Antigo e Novo Testamento e, por isso, quer mostrar a relação entre promessa e cumprimento, cujos protagonistas humanos, José e Maria, têm uma importância essencial¹⁴: “José representa a fidelidade das promessas de Deus em relação a Israel, mas Maria encarna a esperança da humanidade. José é o pai segundo a lei, mas Maria é mãe com o seu próprio corpo: dela depende que Deus se tenha tornado realmente um de nós”¹⁵.

Por sua vez, Lucas, na perícopé da anunciação do nascimento de Jesus, dá ênfase ao mistério trinitário e como que faz um paralelismo entre a tenda da reunião e Maria, “a nova tenda sagrada, a arca viva da Aliança. O seu «sim» torna-se o lugar da reunião, onde Deus recebe acolhimento no mundo”¹⁶. “Deus pede o «sim» do ser humano. Ele não decreta e dispõe simplesmente a partir do seu poder. Na criatura humana criou um interlocutor livre, a fim de que o seu reino se possa tornar realidade, um reino não fundado num poder exterior mas sim na liberdade (...). Sem este consentimento livre de Maria, Deus não pode tornar-se homem. Sem dúvida que este «sim» de Maria é pura graça (...). Mas a graça não suprime a liberdade. Pelo contrário, cria-a”¹⁷.

Por fim, no prólogo de S. João apresenta-se uma novidade: o Verbo que se faz carne e habita no meio de nós. “Cristo, que foi gerado pela força do Espírito Santo na Virgem, é o começo de uma nova humanidade, de uma nova forma de existência. Tornar-se cristão significa

¹² Th. Koehler, “História da Mariologia”, in *Dicionário de Mariologia*, Stefano de Fiores e Salvatore Meo (dir.), (S. Paulo: Paulus, 1995), 561.

¹³ Ratzinger e Von Balthasar, *Maria. Primeira Igreja*, 80.

¹⁴ Cf. Ratzinger e Von Balthasar, *Maria. Primeira Igreja*, 83-85.

¹⁵ *Ibidem*, 85.

¹⁶ *Ibidem*, 85.

¹⁷ *Ibidem*, 87-88.

ser incluído neste novo começo (...). Assim se situa de novo a Virgem Mãe no centro do acontecimento de salvação. Com todo o seu ser, ela garante a novidade que Deus operou”¹⁸.

1.2. O lugar de Maria desde a Igreja Antiga até ao Concílio Vaticano II

Se há poucas referências a Maria nos Evangelhos, a sua presença é ainda mais escassa nos primeiros documentos da Igreja e concílios ecuménicos¹⁹. Podemos “afirmar que, doutrinalmente, a fé no mistério de Maria é uma afirmação cristológica”²⁰. É precisamente nesta linha cristológica que encontraremos as primeiras referências à Mãe de Jesus, pois “a menção da concepção virginal de Jesus, filho de Maria, penetra nas confissões de fé logo no começo do século II”²¹.

Inácio de Antioquia, “chama Maria de virgem e mãe de Deus nosso salvador, para mostrar a verdade da encarnação”²². Já o apologista Justino, dá particular relevo à pessoa de Maria no *Diálogo com Trifão*, no qual chama Maria de virgem e estabelece um paralelo entre ela e Eva²³. Este paralelismo, como veremos, será encontrado em várias formulações marianas ao longo da história da mariologia. Por sua vez, Ireneu de Lyon é o primeiro Padre da Igreja a falar explicitamente sobre Maria na pregação apostólica e a situá-la na economia da Salvação, sendo que, para ele, a articulação da fé sobre Jesus Cristo implica a concepção virginal²⁴. A ele devemos textos como *Contra as heresias e Demonstração da pregação apostólica*, que se tornarão fundamentais para a evolução da doutrina mariana²⁵. Também opõe Maria a Eva sendo, a par de Justino e Tertuliano, dos primeiros a cantar Maria como “Nova Eva”²⁶.

No século III encontramos Tertuliano e Orígenes como grandes expoentes da doutrina mariana. Tertuliano estabelece um paralelismo entre Maria e a Igreja e defende a concepção virginal de Maria. Orígenes, que foi o primeiro a usar o termo *Theotókos* – mãe de Deus –, está também na base de uma tradição espiritual na qual Maria assume o papel de modelo do perfeito discípulo²⁷.

Em 381, o Símbolo de Niceia-Constantinopla inclui o nome de Maria, como, aliás, já o fizera o Símbolo dos Apóstolos. Estes incluem também o nome de Pilatos, o que nos confere

¹⁸ *Ibidem*, 91-92.

¹⁹ Cf. Group des Dombes, *Maria no projeto de Deus e na comunhão dos santos* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1997), 21.

²⁰ Koehler, “História da Mariologia”, 561.

²¹ Group des Dombes, *Maria no projeto de Deus e na comunhão dos santos*, 22.

²² Cf. Koehler, “História da Mariologia”, 562.

²³ Cf. *Ibidem*, 562.

²⁴ Cf. Group des Dombes, *Maria no projeto de Deus e na comunhão dos santos*, 22-23.

²⁵ Cf. Koehler, “História da Mariologia”, 562.

²⁶ Cf. Ravasi, *Os rostos de Maria na Bíblia*, 28.

²⁷ Cf. Koehler, “História da Mariologia”, 563.

dois dados da cronologia histórica de Jesus: o nascimento e a morte. Claro que não poderemos colocar os dois testemunhos ao mesmo nível, pois Pilatos é uma testemunha civil, ao passo que Maria testemunha o mistério da encarnação²⁸.

Podemos então afirmar que “a teologia mariana da Igreja antiga é uma cristologia: é um olhar dirigido a Cristo que incita a falar da Virgem Maria como a mãe de Jesus, Cristo e Salvador, que é Deus”²⁹. Em 431 realiza-se o Concílio de Éfeso e um texto de Cirilo de Alexandria, aprovado pelo Concílio, explicita a doutrina da Igreja levando à atribuição definitiva do título *Theotókos* a Maria³⁰.

As controvérsias que foram surgindo nos primeiros tempos da Igreja, sobretudo trinitárias e cristológicas, e que foram superadas pelos primeiros quatro Concílios Ecuménicos, acabam por ajudar também a esclarecer a doutrina mariana³¹. Clarifica-se que a identidade de Jesus Cristo se define “na unicidade da sua pessoa divina e na dualidade das naturezas, a divina e a humana”³², isto é, Ele era Deus e homem, sendo Maria, a *Theotókos*, dessa fé garante³³.

Com a introdução do título *Theotókos* pela primeira vez num documento conciliar, mais precisamente no Concílio de Éfeso, abre-se caminho a que também se introduza a Virgem Maria na liturgia e na arte. Neste sentido, são tidos em conta particularmente os evangelhos da infância, sendo a representação da epifania das mais comuns e aquela que levou à definição do ícone da *Theotókos* com o Menino³⁴.

Também Santo Agostinho (354-430) se referiu amplamente a Maria, em vários dos seus escritos, a ele se devendo a fórmula que afirma que Maria concebeu o Filho de Deus primeiro no espírito e só depois no ventre e que, ainda que contestada inicialmente, acabou por influenciar a tradição posterior³⁵. No que se refere ao pecado, Santo Agostinho não fala a propósito do de Maria, somente para honra do Senhor, mas a sua doutrina, segundo a qual todos somos concebidos no pecado, à exceção de Cristo, será sempre um entrave à doutrina da imaculada conceição de Maria³⁶:

No que diz respeito à Idade Média (latina), podemos distinguir dois períodos distintos: um que vai do século VI ao século XI e outro do século XII ao século XV. No primeiro período, são dedicadas as primeiras basílicas a Maria, como é o caso da Basílica de Santa Maria Maior em Roma, a *Theotókos* vai sendo introduzida na arte, e o culto mariano vai-se organizando

²⁸ Cf. Group des Dombes, *Maria no projeto de Deus e na comunhão dos santos*, 23-24.

²⁹ *Ibidem*, 25.

³⁰ Cf. Koehler, “História da Mariologia”, 561.

³¹ Cf. *Ibidem*, 563.

³² *Ibidem*, 564.

³³ Cf. *Ibidem*, 564.

³⁴ Cf. *Ibidem*, 565.

³⁵ Cf. *Ibidem*, 565.

³⁶ Cf. *Ibidem*, 565

lentamente³⁷. “Do ponto de vista doutrinal, o Venerável Beda (+735) desenvolve a tradição agostiniana e vê em Maria a obra extraordinária do Espírito Santo; utiliza o paralelo Maria-Eva e a conexão entre os mistérios de Maria e os da Igreja”³⁸. Por sua vez, Auperto (+784) formula com sucesso a maternidade espiritual de Maria (se Cristo é o irmão dos crentes, então a sua mãe é também a dos fiéis) vendo nela também, sobretudo no capítulo 12 do livro do Apocalipse, o tipo da Igreja³⁹.

A piedade mariana acabou por se tornar um dos elementos de progressiva demarcação entre o Ocidente e o Oriente⁴⁰, no entanto, e até ao final deste primeiro período da Idade Média, “a influência do oriente sobre a piedade ocidental parece inegável; é o que fica demonstrado pela arte, pela liturgia, pela tradução do hino *Akáthistos* em latim por volta do ano 800. Mas a oração latina desenvolve-se também com os seus próprios recursos. É importante destacar esse duplo aspeto na evolução no Ocidente”⁴¹.

Santo Anselmo (1033-1109) é um outro marco crucial no desenvolvimento da doutrina mariana nesta época. A sua obra inaugura uma nova época teológica, a escolástica, que atribuirá a Maria o seu lugar na teologia ocidental, afirmando, num dos seus textos, que nada é superior a Maria, a não ser o próprio Deus, que deu a Maria o seu próprio Filho, que amava como a Si mesmo⁴².

Na Idade Média assinalamos um segundo período que vai do século XII até ao século XV, sendo que o século XII pode ser chamado de século mariano⁴³. A partir do século XI a literatura mariana desenvolveu-se consideravelmente, escrevendo-se cada vez mais sobre a teologia e a piedade mariana, reconhecendo-se que Maria merece mais veneração (*dulia*) do que os outros santos, mas não pode ser objeto de adoração (*latria*), isto é, o culto mariano deve subordinar-se ao culto divino⁴⁴. Na literatura desta altura, sobressaem os sermões de São Bernardo (+1153) sobre os mistérios de Cristo e de sua mãe, em particular sobre a anunciação e assunção⁴⁵. Esta fase da Idade Média “contribui sobretudo para dar forma a uma piedade do povo de cunho cristológico, eclesial, capaz de inspirar às multidões o sentido da salvação oferecida em Jesus, o sentido da presença do Deus de misericórdia na nossa vida, uma misericórdia que se tornou sensível pela encarnação e que, no papel mediador de Maria, se

³⁷ Cf. *Ibidem*, 567.

³⁸ *Ibidem*, 567.

³⁹ Cf. *Ibidem*, 567.

⁴⁰ Cf. Group des Dombes, *Maria no projeto de Deus e na comunhão dos santos*, 37.

⁴¹ Koehler, “História da Mariologia”, 567.

⁴² Cf. *Ibidem*, 567-568.

⁴³ Cf. *Ibidem*, 568.

⁴⁴ Cf. Group des Dombes, *Maria no projeto de Deus e na comunhão dos santos*, 38.

⁴⁵ Cf. Koehler, “História da Mariologia”, 568.

apresenta com uma auréola de maternidade”⁴⁶. Neste sentido, Maria é tipo da Igreja – medianeira, rainha e mãe – e vão-se multiplicando as orações de louvor e invocação, como é o caso de *Ave, Gaude* ou *O quam*⁴⁷.

“Teólogos como São Boaventura (+1274) e Tomás de Aquino (+1274), esclarecem a cristologia soteriológica e preparam, assim, a verdadeira elaboração da doutrina mariana, fundamentada na fé na *Theotókos*, com base na relação de caráter único que a Virgem tem com a pessoa do Verbo feito carne (...). A maternidade divina vai sendo cada vez mais bem compreendida e explicada não como maternidade somente física, mas dentro da perspectiva espiritual enunciada por Agostinho”⁴⁸.

Podemos assinalar três grandes linhas de orientação do desenvolvimento da doutrina mariana no decorrer deste período: a primeira refere-se à situação de Maria em relação ao pecado, ou seja, a questão da Imaculada Conceição; a segunda é o acesso de Maria à realidade celeste, isto é, a assunção de Maria; a terceira remete-nos para a ação que Maria pode exercer a favor dos crentes⁴⁹.

No que concerne, especificamente, à primeira questão, a Imaculada Conceição, existem duas correntes: os imaculistas e os maculistas⁵⁰. Duns Escoto (+1308) torna-se um bastião dos imaculistas e os seus argumentos acabam por levar à primeira definição da Imaculada Conceição no Concílio de Basileia, entre 1431 e 1449, definição esta que nunca foi recebida devido à rutura que teve lugar entre este concílio e o Papa⁵¹.

Relativamente à segunda questão, não há dúvidas de que Maria foi recebida na glória celeste. Restam, porém, dúvidas quanto à sua morte e à ascensão corporal, havendo, mais uma vez, teólogos que argumentam a favor e contra⁵².

Por fim, e em relação à terceira questão, para a teologia deste período, “Maria, como rainha do céu, é considerada como aquela que transmite os méritos de Cristo aos crentes; isto é exprimido, desde mais ou menos 1100, pelos cânticos *Salve Regina* ou *Ave Regina coelorum*. Maria ocupa-se principalmente dos mais miseráveis da terra, ela é a mãe de misericórdia (*mater misericordiae*), nossa esperança e nossa advogada”⁵³. Assim, considera-se que Maria pode conceder aos crentes numerosas graças, sendo compreendida como mediadora ou cooperadora,

⁴⁶ *Ibidem*, 568.

⁴⁷ Cf. *Ibidem*, 568.

⁴⁸ Koehler, “História da Mariologia”, 568.

⁴⁹ Cf. Group des Dombes, *Maria no projeto de Deus e na comunhão dos santos*, 38-40.

⁵⁰ Cf. Koehler, “História da Mariologia”, 568.

⁵¹ Cf. Group des Dombes, *Maria no projeto de Deus e na comunhão dos santos*, 39.

⁵² Cf. *Ibidem*, 40.

⁵³ *Ibidem*, 40-41.

ainda que sempre sob subordinação cristológica, algo expresso nos cânticos e orações litúrgicas da época⁵⁴.

A piedade mariana foi-se desenvolvendo especialmente no seio da vida monástica, onde se diz que Maria ilustra a dimensão diaconal da vida cristã⁵⁵. Os monges são também responsáveis pela composição de ofícios e pela elaboração de novas formas de oração, das quais o rosário é o mais importante, e que refletem a fé na proteção maternal de Maria⁵⁶. Porém, até ao final da Idade Média, surgem também alguns excessos da piedade mariana, manifestados na arte, nas peregrinações, na veneração de imagens e nas narrativas de aparições, excessos estes, alvo de popularidade crescente, ainda que teologicamente cada vez menos controlados⁵⁷.

Com o Renascimento surgem algumas mudanças patentes não só na arte, como também na exegese dos textos sagrados que se tornou mais crítica. Assim, homens como Erasmo, procuram passar de uma devoção mariana de caráter medieval a uma piedade mais crítica, estranha à piedade popular e às suas manifestações, muitas vezes tidas como supersticiosas. Porém, os papas da altura não estavam atentos às advertências que surgiam, não só no contexto específico da piedade mariana como noutros. Surge a reforma protestante que leva à rutura com Roma e a devoção mariana acaba também por sofrer com isso. Sobretudo os excessos em que a piedade mariana tinha caído levam a que os protestantes acabem com as invocações a Maria e as manifestações de amor filial para com ela⁵⁸.

De início, “entre os reformadores, Maria tem um lugar relativamente importante, determinado pelo contexto da época. Depois esta preocupação diminui por razões de polémica confessional”⁵⁹. Entre os reformadores, Martinho Lutero, Ulrico Zuínglio e João Calvino são os que mais põem em evidência um pensamento mariano. Martinho Lutero revê a sua teologia e piedade marianas à luz dos temas que contesta na sua reforma, daí defender que o papel de Maria se limita ao que diz a Sagrada Escritura⁶⁰. Assim, Lutero defende seis perspetivas fundamentais: primeiro, a teologia mariana deve permanecer submetida à cristologia, sendo que até a virgindade deve ser entendida num sentido cristológico, ou seja, em função da Incarnação; depois, para ele, Maria é «Mãe de Deus», seu instrumento e templo e, portanto, uma figura histórica e não dogmática; afirma ainda haver uma analogia entre o destino de Maria e o da Igreja, sendo para esta modelo e mãe dos seus membros; relativamente à imaculada conceição, para Lutero a questão fica em suspenso por falta de fundamento bíblico sendo que, o que é

⁵⁴ Cf. *Ibidem*, 41.

⁵⁵ Cf. *Ibidem*, 42.

⁵⁶ Cf. Koehler, “História da Mariologia”, 569.

⁵⁷ Cf. Group des Dombes, *Maria no projeto de Deus e na comunhão dos santos*, 42.

⁵⁸ Cf. Koehler, “História da Mariologia”, 569-570.

⁵⁹ Group des Dombes, *Maria no projeto de Deus e na comunhão dos santos*, 43.

⁶⁰ Cf. *Ibidem*, 44.

relevante, é que Cristo nasceu sem pecado; em relação à assunção, afirma que Maria está junto a Deus mas é impossível deduzir os detalhes dessa presença; por fim, Lutero diz que se deve venerar Maria mas tal veneração deve seguir o seu exemplo de fé e humildade⁶¹.

Por sua vez, Zuínglio também se refere a Maria, defendendo a sua virgindade perpétua, dizendo também que se deve venerar Maria e não adorá-la, que a imaculada conceição não tem pertinência bíblica e, por isso, a sua santidade depende de Cristo, e que dela a Igreja deve colher o exemplo de fé, obediência e diaconia⁶².

Por fim, Calvino, o que menos se pronuncia sobre o assunto, sublinha a dimensão histórica de Maria a partir de passagens da Sagrada Escritura, retomando temas como a virgindade (devida à ação do Espírito Santo) e a função de pedagoga da fé de Maria, recusando o título de «Mãe de Deus» para defender o de «Mãe do Filho de Deus» e afirmando Maria como modelo ético, de escuta, de compreensão e testemunho⁶³.

Nesta altura, além da divisão da cristandade na Europa, dá-se também a expansão cristã para Ásia, África e América: as missões dão um certo incremento à Igreja e, também aqui notamos uma presença, ainda que discreta, de Maria⁶⁴. Acontece o Concílio de Trento que tenta responder aos reformadores e, também discretamente, afirma a legitimidade do culto à Virgem e excluindo-a da universalidade do pecado original⁶⁵. No entanto a presença de Maria é notória na literatura, quer teológica quer espiritual, com particular relevo para Francisco Suarez, que transformou as questões marianas de São Tomás num tratado sistemático de mariologia inserindo na cristologia, Plácido Nigido, que criou o termo “mariologia”, São Francisco de Sales e Bossuet que escreveram sobre o amor da mãe de Deus, e São João Eudes, que promove o culto litúrgico ao Sagrado Coração de Maria. A par disto são fundados grupos de religiosos e leigos que acentuam a devoção a Maria⁶⁶.

No século XVIII, São Luís Maria Grignon de Montfort prega e escreve um verdadeiro tratado da devoção autêntica a Maria (publicado apenas em 1842) e funda duas congregações religiosas de espírito missionário mariano; na Itália, o sacerdote Ludovico Antonio Muratoni faz algumas críticas contra os abusos da devoção mariana; Santo Afonso de Ligório escreve um livro mariano, intitulado *As glórias de Maria*, que é um autêntico tratado mariano sob a forma de comentário sobre a Salve Rainha, onde esclarece a devoção a Maria e o recurso à sua intercessão⁶⁷.

⁶¹ Cf. Group des Dombes, *Maria no projeto de Deus e na comunhão dos santos*, 44-48.

⁶² Cf. *Ibidem*, 49-50.

⁶³ Cf. *Ibidem*, 50-52.

⁶⁴ Cf. Koehler, “História da Mariologia”, 570.

⁶⁵ Cf. *Ibidem*, 570.

⁶⁶ Cf. *Ibidem*, 570.

⁶⁷ Cf. *Ibidem*, 571.

O período que vai do final do século XVIII até ao século XX, é também um período rico para a doutrina mariana, marcada por três factos em particular: o surgimento de novas congregações religiosas, muitas delas de denominação mariana, e num contexto político e social muito específico posterior à revolução francesa de 1789, de perseguição à Igreja; o nascimento de importantes santuários marianos, centros de peregrinações, surgidos após aparições a crianças e pobres, entre os quais se encontra o de Fátima; e as duas definições dogmáticas Marianas, a Imaculada Conceição de Maria (1854) e a Assunção (1950)⁶⁸. Destas duas definições, “a primeira proclama que Maria foi preservada do pecado original, em previsão dos méritos do Salvador (...). O segundo dogma define que a Virgem foi glorificada na alma e no corpo no fim da sua existência terrena; mas fá-lo sem dar explicações sobre o problema da sua morte (...). Estes dois dogmas foram definidos pela autoridade papal (Pio IX e Pio XII)”⁶⁹.

No que diz respeito à teologia, esta foi-se renovando lentamente, aparecendo diversas obras, congressos marianos, surgindo os primeiros passos do diálogo ecuménico e sociedades de estudos marianos e grupos de leigos, de entre os quais sobressai a “Legião de Maria”, fundado por Frank Duff em 1925⁷⁰.

1.3. A mariologia do Concílio Vaticano II até aos nossos dias: os principais documentos

A mariologia conhece, num período compreendido entre 1920 e 1963 uma série de críticas e contestações vindas de diversos setores⁷¹. Aliás, a crise em que o pensamento e o discurso sobre Maria entram após o Concílio Vaticano II, muito fica a dever à difícil relação entre dois movimentos espirituais surgidos no seio da Igreja Católica: um movimento mariano, cuja piedade era interpelada pelas aparições e preferia um tipo de mediação *per Mariam ad Jesum*; e o que ficou conhecido como Movimento Litúrgico, que acentuava o caráter teocêntrico da oração cristã e buscava uma piedade orientada pela Sagrada Escritura⁷².

Neste sentido, o Concílio Vaticano II acaba por desempenhar um papel preponderante numa espécie de viragem e construção de um discurso sobre Maria adequado ao nosso tempo e no qual a sua figura seja realista e significativa⁷³. “Tinha que fazer parte das tarefas de um

⁶⁸ Cf. *Ibidem*, 571-572.

⁶⁹ *Ibidem*, 572.

⁷⁰ Cf. *Ibidem*, 572.

⁷¹ Cf. Stefano de Fiores, “Mariologia”, in *Dicionário de Mariologia*, Stefano de Fiores e Salvatore Meo (dir.), (S. Paulo: Paulus, 1995), 843.

⁷² Cf. Ratzinger e Von Balthasar, *Maria. Primeira Igreja*, 13-15.

⁷³ Cf. Fiores, “Mariologia”, 852.

concílio realizado nesse tempo determinar a relação correta entre esses dois movimentos divergentes, levando-os a uma unidade fecunda”⁷⁴.

1.3.1. Maria no Concílio Vaticano II: a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*

O Concílio Vaticano II esteve, desde o início, ligado à questão mariana: João XXIII abriu-o solenemente a 11 de outubro de 1962, festa da Maternidade divina de Maria e Paulo VI encerrou-o a 7 de dezembro de 1965, vigília da Imaculada Conceição⁷⁵. Porém, e na tentativa de conciliar os dois movimentos referidos, um dos primeiros problemas do Concílio, foi “decidir se a mariologia devia ser apresentada num texto próprio ou ser assumida na Constituição sobre a Igreja”⁷⁶. Depois de uma votação, acabou por se decidir a inclusão de um capítulo na Constituição *Lumen Gentium*.

Também se encontram numerosas alusões ao tema mariano noutros documentos conciliares, porém podemos considerar o VIII capítulo da *Lumen Gentium* o documento doutrinal, difundido por um concílio, mais significativo sobre a Virgem Maria⁷⁷. Numa breve abordagem, olhemos alguns dos contributos desta parte do documento para a mariologia atual.

“O capítulo VIII da *Lumen Gentium* apresenta uma estrutura nova. Em harmonia com o título, ele integra o mistério da mãe de Deus no mistério de Cristo e da Igreja. Em particular pôs em relevo os fundamentos bíblicos e tradicionais da doutrina mariana”⁷⁸. Trata-se de uma nova mariologia eclesiológica que, ainda assim, permaneceu estranha a alguns padres conciliares⁷⁹. Este capítulo “apresenta a doutrina clássica em termos modernos: a mãe de Deus, tipo da igreja, é vista como uma pessoa que se oferece livre e conscientemente à graça de Deus (...). Na promulgação da constituição, a 21.11.1964, Paulo VI insistiu muito na importância dessa conclusão mariana da *Lumen Gentium* para melhor compreendermos a natureza da Igreja através de Maria, seu tipo. Paulo VI terminou a sua alocução com a proclamação de Maria «mãe da Igreja», título que não se encontra no texto conciliar”⁸⁰.

Este VIII capítulo, intitulado “A Bem-Aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, no Mistério de Cristo e da Igreja”, conta com cinco pontos e 18 números. Numa breve introdução, e até a partir do título, percebemos desde logo que o tema mariano será tratado em estreita

⁷⁴ Ratzinger e Von Balthasar, *Maria. Primeira Igreja*, 15.

⁷⁵ Cf. Koehler, “História da Mariologia”, 573.

⁷⁶ Ratzinger e Von Balthasar, *Maria. Primeira Igreja*, 16.

⁷⁷ Cf. Salvatore Meo, “Concílio Vaticano II”, in *Dicionário de Mariologia*, Stefano de Fiores e Salvatore Meo (dir.), (S. Paulo: Paulus, 1995), 296.

⁷⁸ Koehler, “História da Mariologia”, 573.

⁷⁹ Cf. Ratzinger e Von Balthasar, *Maria. Primeira Igreja*, 19.

⁸⁰ Koehler, “História da Mariologia”, 573.

ligação com o mistério de Cristo e da Igreja, não sendo, porém, intenção do Concílio propor uma doutrina completa sobre Maria, mas sim esclarecer, cuidadosamente, qual o lugar da Virgem Maria no mistério de Cristo e do seu corpo místico e quais os deveres dos fiéis para com ela (cf. LG 54).

No segundo ponto deste capítulo, “Lugar de SS.^{ma} Virgem da Economia da Salvação”, é explanada a relação entre Maria e Cristo, sobretudo a partir de passagens da Sagrada Escritura. Parte do Antigo Testamento, cujos livros “descrevem a história da salvação, que vai preparando (...) a vinda de Cristo ao mundo” (LG 55), mas é nos relatos do Novo Testamento que percebemos de forma mais evidente a relação entre Maria e Cristo e, conseqüentemente, a História da Salvação. A Constituição Dogmática faz uma analogia a Eva – “uma mulher tinha contribuído para a morte” (LG 56) –, sendo que por Maria nos vem a vida. E este papel, Maria aceita-o livremente, aliás, quis o Pai das misericórdias que a Encarnação fosse precedida pela sua aceitação (cf. LG 56). Desta forma, Maria, “consentindo na palavra divina, tornou-se mãe de Jesus e (...) cooperou na salvação dos homens com fé livre e com inteira obediência” (LG 56) e manteve-se unida com o Filho, na obra da Redenção, desde a concepção virginal no seu seio até à Sua morte (cf. LG 57). Esta união também se vai expressando em diversos momentos da vida pública de Jesus, por exemplo, quando, nas bodas de Caná, movida de misericórdia, conseguiu que Jesus desse início aos seus milagres, com a sua intercessão, na escuta atenta e fiel das palavras do seu Filho, ou na firme, ainda que dolorosa, permanência junto à cruz, onde é dada por mãe ao discípulo (cf. LG 58). Mesmo depois da Ascensão, ela mantém-se ao serviço e unida ao corpo místico do seu Filho, isto é, com os Apóstolos e a Igreja nascente, sempre implorando o dom do Espírito Santo (cf. LG 59).

No terceiro ponto do capítulo, “A Virgem Maria e a Igreja”, fica explícito que Jesus Cristo é o único mediador entre Deus e a Humanidade. Maria apenas mostra a sua eficácia e favorece o contacto dos fiéis com Cristo, sem obscurecer ou diminuir a mediação única d’Ele (cf. LG 60). Neste sentido, Maria, que foi predestinada para Mãe de Deus, que O concebeu e alimentou, foi sua companheira e serva e sofreu com Ele, cooperou de forma singular na Sua obra redentora e exerce uma maternidade espiritual de todos os fiéis na ordem da graça (cf. LG 61). Esta maternidade perdura, mesmo depois de elevada aos Céus, através da intercessão de Mãe que cuida dos irmãos do seu Filho que ainda peregrinam e é por isso que a Igreja continua a invocar Maria com títulos como auxiliadora ou medianeira, compreendendo que Cristo continua a ser o Mediador único, sendo a função de Maria subordinada ao Filho (cf. LG 62). Nenhuma criatura pode ser comparada a Cristo, nem a sua mãe e, assim, toda a cooperação

humana deve ser entendida como participada e suscitada pela única fonte que é a mediação de Cristo, sendo a cooperação de Maria a mais perfeita de todas⁸¹.

A Constituição Dogmática também afirma que “a Mãe de Deus é figura da Igreja (...) na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo” (LG 63). Neste sentido, Maria é figura de maternidade virginal pois, tal como nela, a Igreja também é chamada a ser templo, sacrário e instrumento da manifestação de Deus⁸², e, pela pregação e pelo Batismo, a gerar, “para uma vida nova e imortal, filhos concebidos do Espírito Santo e nascidos de Deus (LG 64).

Por fim, Maria é ainda modelo de virtudes para a Igreja: ela é modelo de fé, caridade, esperança, obediência à vontade de Deus e amor materno, isto é, de tudo aquilo que anima os fiéis a crescer na santidade, e inspiração na sua atividade apostólica (cf. LG 65).

O oitavo capítulo da *Lumen Gentium* reserva ainda dois números para se referir ao culto a Maria na Igreja. Este culto especial a Maria tem por base a ideia de que ela “foi exaltada pela graça de Deus acima de todos os anjos e de todos os homens, logo abaixo do seu Filho, por ser a Mãe santíssima de Deus e, como tal, haver participado nos mistérios de Cristo” (LG 66). Maria é já venerada como Mãe de Deus desde os tempos antigos e o seu culto cresceu sobretudo a partir do Concílio de Éfeso, tratando-se de um culto singular ainda que diferente do culto de adoração prestado ao seu Filho, o Verbo Encarnado (cf. LG 66). Assim, o culto a Maria deve ser promovido de forma digna, especialmente o culto litúrgico, ainda que não se deva cair em exageros (cf. LG 67). É importante não esquecer que “a autêntica devoção não consiste num sentimento estéril e passageiro, nem numa espécie de vã credulidade, mas procede da verdadeira fé, que nos leva a reconhecer a excelência da Mãe de Deus, nos incita a um amor filial para com a nossa Mãe, e nos estimula à imitação das suas virtudes” (LG 67).

Para concluir, o capítulo da *Lumen Gentium* dedicado à Bem-Aventurada Virgem Maria, mostra Maria como sinal de esperança e consolação para o Povo de Deus Peregrino, sendo que Maria não só é imagem da perfeição que a Igreja alcançará futuramente, mas também o é já, enquanto peregrinamos (cf. LG 68). Assim, os fiéis podem já dirigir “súplicas instantes à Mãe de Deus e Mãe dos homens, para que ela, que assistiu, com a sua oração, aos começos da Igreja, também agora, exaltada nos céus acima de todos os anjos e bem-aventurados, interceda junto do seu Filho, na comunhão de todos os santos, para que todas as famílias dos povos (...) se reúnam em paz e concórdia no único povo de Deus, para glória da Santíssima e Indivisa Trindade” (LG 69).

⁸¹ Cf. Meo, “Concílio Vaticano II”, 303.

⁸² Cf. *Ibidem*, 304.

1.3.2. A Exortação Apostólica *Marialis Cultus* de Paulo VI

No seguimento de muito do que foi dito a propósito de Maria no Concílio Vaticano II, no início de 1974, surge um outro documento fundamental para orientar a devoção mariana: a exortação apostólica *Marialis Cultus*, dado pelo Papa Paulo VI. Partindo da renovação litúrgica fomentada pelo Concílio, esta exortação explica o lugar de Maria no ciclo geral do ano litúrgico e o sentido das festas propriamente marianas e especifica as características que uma devoção própria para o nosso tempo deve ter, sendo que doutrinalmente o mistério de Maria deve ser compreendido à luz do mistério trinitário, cristológico, eclesial e pneumatológico⁸³. Assim, esta exortação dá quatro orientações para devoção a mariana: bíblica, litúrgica, ecuménica e antropológica, que deverão servir para aprofundar e melhor perceber o vínculo que nos une a Maria, mãe de Cristo e nossa mãe⁸⁴. “Convém fazer ver em Maria o modelo da pessoa humana, da mulher responsável, em conformidade com a realidade bíblica (...) levando em conta as exigências atuais do fenómeno da libertação da mulher e do reconhecimento dos seus direitos na sociedade moderna”⁸⁵.

A exortação divide-se em três partes fundamentais, sendo que na primeira se reflete sobre o culto da Virgem Maria na liturgia, na segunda sobre a piedade mariana e na terceira são dadas indicações especificamente sobre os exercícios do “Angelus Domini” e do Rosário. Na conclusão é, ainda, explanado o valor teológico e do culto de Maria Santíssima.

Antes de mais, importa fazer notar que o Papa Paulo VI expõe o tema exclusivamente em referência ao Rito Romano (cf. MC 1). Assim, no que se refere à primeira parte, percebemos como a Liturgia dedica a Maria variadas celebrações. Em primeiro lugar olhamos a Liturgia do Advento que vai recordando a Virgem Maria e que contempla a solenidade da Imaculada Conceição (cf. MC 3). Temos, depois, o tempo do Natal que “constitui uma memória continuada da Maternidade divina, virginal e «salvífica»” (MC 5). A estas duas solenidades, acrescentam-se ainda a solenidade da Encarnação do Verbo ou Anunciação do Senhor, celebrada a 25 de março e que faz memória do «fiat» de Maria, e a solenidade da Assunção, celebrada a 15 de Agosto (cf. MC 6). Além das solenidades referidas, são dignas de referência outras celebrações que comemoram eventos “salvíficos”, nos quais Maria esteve intimamente associada ao Filho, como as festas da Natividade de Maria (8 de setembro), da Visitação (31 de maio), a memória de Nossa Senhora das Dores (15 de setembro) e a festa da Apresentação do

⁸³ Cf. Koehler, “História da Mariologia”, 573-574.

⁸⁴ Cf. *Ibidem*, 574.

⁸⁵ *Ibidem*, 574.

Senhor (2 de fevereiro) (cf. MC 7). A estas celebrações juntam-se ainda outras ligadas a motivos de culto local (cf. MC 8).

Num segundo ponto desta primeira parte da exortação, percebemos como Maria, tipo da Igreja, é também exemplo de atitude espiritual com a qual a Igreja deve celebrar e viver os divinos mistérios (cf. MC 16) pois “Maria é a Virgem que sabe ouvir, que acolhe a palavra de Deus com fé; fé, que foi para ela prelúdio e caminho para a maternidade divina (...); fé, ainda, que foi para Ela motivo de beatitude e de segurança no cumprimento da promessa (...); fé, enfim, com a qual ela, protagonista e testemunha singular da Encarnação, reconsiderava os acontecimentos da infância de Cristo, confrontando-os entre si, no íntimo do seu coração” (Mc 17). Além disso, Maria é apresentada como modelo de oração (cf. MC 18), de fecundidade e virgindade (cf. MC 19) e de doação (cf. MC 20).

Na segunda parte da exortação apostólica, o Papa Paulo VI dá algumas orientações, com base no Concílio Vaticano II, para a renovação da piedade mariana. Assim, a par do culto litúrgico, podem desenvolver-se outras formas de piedade mariana que, com o desgaste do tempo, se devem renovar de acordo com alguns princípios (cf. MC 24) como a expressão clara do caráter trinitário e cristológico (cf. MC 25). É também fundamental que a piedade mariana siga “algumas orientações, de ordem bíblica, litúrgica, ecumênica e antropológica (...) para tornar mais vivo e mais sentido o vínculo que nos une à Mãe de Cristo e Mãe nossa, na Comunhão dos Santos” (MC 29).

Na terceira parte – “Indicações acerca dos pios exercício do “Angelus Domini” (“Ave-Marias”) e do Santo Rosário – o Papa refere-se especificamente a estes dois exercícios de piedade. Relativamente ao “Angelus Domini”, considera o Papa que “tal exercício de piedade não tem necessidade de ser restaurado” (MC 41) pela sua estrutura simples, caráter bíblico, e origem histórica que levam à contemplação do mistério da Encarnação (cf. MC 41).

No que diz respeito ao Rosário ou Terço, a sua recitação tem valor e é recomendada (cf. MC 42) pois trata-se de uma oração que se inspira no Evangelho (cf. MC 44): “o Rosário, de facto, considera numa sucessão harmoniosa os principais eventos «salvíficos» da mesma Redenção, que se realizaram em Cristo: desde a concepção virginal, passando pelos mistérios da infância, até aos momentos culminantes da Páscoa, a bendita Paixão e gloriosa Ressurreição, e aos efeitos da mesma sobre a Igreja nascente, no dia de Pentecostes, e sobre a Virgem Maria, na altura em que, tendo terminado o exílio terreno, foi assumida em corpo e alma à pátria celestial” (MC 45). Porém, alerta o Papa que as reais proporções do Rosário nunca sejam alteradas nem lhe seja atribuído um inoportuno exclusivismo (cf. MC 55).

Na conclusão desta exortação, o Papa expõe o valor teológico e a eficácia pastoral do culto da Virgem Maria. Para Paulo VI a piedade da Igreja para com Maria é elemento intrínseco

do culto cristão (cf. MC 56). “Um tal culto à Virgem Santíssima tem raízes profundas na Palavra revelada e, conjuntamente, sólidos fundamentos dogmáticos: a singular dignidade de Maria, (...); a sua cooperação nos momentos decisivos da obra da Salvação, realizada pelo Filho; a sua santidade (...); a sua missão e condição única no Povo de Deus (...); a sua incessante e eficaz intercessão” (MC 56). Por isso, a Igreja, ainda que sabendo que o único caminho para o Pai é o Filho, reconhece também que a piedade mariana, ligada e subordinada à piedade para com Jesus Cristo, pode ter uma imensa eficácia pastoral pois a santidade e exemplaridade de Maria estimula os fieis, é ocasião de crescimento na graça (cf. MC 57).

1.3.3. A Encíclica *Redemptoris Mater* de João Paulo II

Em 1978, é eleito o Papa João Paulo II, Papa marcado sobretudo pelas inúmeras viagens apostólicas que realizou, nas quais não só anunciou a mensagem de liberdade e dignidade do Cristo redentor, como também acentuou o papel confiado por Deus a Maria na história da salvação⁸⁶. A ele devemos uma encíclica fundamental para a mariologia, *Redemptoris Mater*, “cuja primeira preocupação é fazer falar os textos bíblicos”⁸⁷ e que procura mostrar como Maria não é apenas uma personagem histórica do passado ou fixada no seu lugar distante e excepcional no céu, mas conservar-se presente e ativa na História da Salvação, apontando o caminho a seguir e apelando à nossa própria ação⁸⁸.

Esta encíclica que conta com cinquenta e dois números, divide-se em três partes, sendo a primeira intitulada “Maria no mistério de Cristo”, a segunda “A mãe de Deus no centro da Igreja que está a caminho” e a terceira “Mediação materna”. Percebemos, então, que, nesta encíclica, Maria é contemplada à luz do mistério cristológico, do mistério eclesial e do mistério escatológico da glória, sendo que o mistério central é Cristo, ao qual tanto Maria como a Igreja servem e pelo qual se deixam iluminar⁸⁹. Vejamos, então, que contributos dá este documento para a mariologia atual.

Para João Paulo II, a Mãe do Redentor tem um lugar bem claro e definido no plano da salvação – por ela, o eterno ingressou no tempo – e, portanto, é preciso refletir sobre o significado que Maria tem no mistério de Cristo e sobre a sua presença ativa e exemplar na vida da Igreja (cf. RM 1).

⁸⁶ Cf. Koehler, “História da Mariologia”, 574.

⁸⁷ Ratzinger e Von Balthasar, *Maria. Primeira Igreja*, 34.

⁸⁸ Cf. *Ibidem*, 42-43.

⁸⁹ Cf. E. Tourón del Pie, “Redemptoris Mater”, in *Dicionário de Mariologia*, Stefano de Fiores e Salvatore Meo (dir.), (S. Paulo: Paulus, 1995), 1118.

Na primeira parte da encíclica, João Paulo II apresenta alguns momentos fundamentais da vida de Maria ilustrados na Sagrada Escritura e da sua relação com o Redentor. É importante perceber que a encíclica explicita a figura de Maria a partir da sua fé, pois o facto de ser crente é que determina a sua natureza e o caminho que segue, o que fica bem explícito, desde logo, na saudação de Isabel aquando da visitação: “feliz de ti que acreditaste” (Lc 1,45) torna-se uma autêntica chave da mariologia⁹⁰. Este lugar bíblico fundamental não só percorre toda a encíclica como acaba por torná-la uma autêntica catequese sobre a fé⁹¹.

Assim, o Papa João Paulo II começa por se referir ao título “cheia de graça” presente no relato da Anunciação do Anjo, que é o momento em que ela é introduzida definitivamente no mistério de Cristo (cf. RM 8). “Na linguagem da Bíblia «graça» significa um dom especial que, segundo o Novo Testamento, tem a sua fonte na vida trinitária do próprio Deus, de Deus que é amor (cf. 1Jo 4,8). É fruto deste amor a «eleição»” (RM 8). Por isso, com o nome «cheia de graça», presente na saudação do Anjo, percebemos que Maria é, não só a escolhida pelo Pai desde antes da Criação (cf. RM 8), como também eleita e destinada para Mãe do Seu Filho, sendo, para tal, beneficiada com abundantes dons sobrenaturais (cf. RM 9). A sua eleição para ter um papel crucial na Encarnação, que constitui o cumprimento do desígnio salvífico de Deus, da sua promessa feita à Humanidade, faz dela um sinal de segura esperança para toda a pessoa humana (cf. RM 11).

Num segundo ponto, o Papa parte do relato da Visitação, na qual a saudação de Isabel culmina com um outro conteúdo mariológico essencial, a fé de Maria que corresponde à graça anunciada pelo Anjo (cf. RM 12): “feliz de ti que acreditaste, porque se vai cumprir tudo o que foi dito da parte do Senhor” (Lc 1, 45). Estas palavras de Isabel referem-se à obediência da fé demonstrada por Maria aquando da Anunciação, na qual, com o seu «sim», o seu *fiat*, se entrega a Deus e se consagra à pessoa e obra do Seu Filho (cf. RM 13). “O papa vê a atitude de Maria em relação com a figura de Abraão: tal como a fé de Abraão esteve no início da Antiga Aliança, assim a fé de Maria inicia a Nova Aliança na cena da Anunciação. A fé é nela, como em Abraão, confiança em Deus e obediência a Deus”⁹². É importante notar que Maria assume um lugar no cumprimento da promessa de Deus porque é, precisamente, um dos “pequeninos” que acolhem a dimensão de fé, fé esta que atinge o auge na sua atitude firme, de pé, junto à Cruz de Jesus⁹³, ou seja, as palavras de Isabel, “feliz de ti que acreditaste, porque se vai cumprir tudo o que foi dito da parte do Senhor” (Lc 1, 45), não se esgotam no momento da Anunciação (cf. RM 14),

⁹⁰ Cf. Ratzinger e Von Balthasar, *Maria. Primeira Igreja*, 45-46.

⁹¹ Cf. *Ibidem*, 46.

⁹² *Ibidem*, 46.

⁹³ Cf. *Ibidem*, 47.

antes se mantêm ao longo da sua vida como, por exemplo, no encontro com Simeão, no templo (cf. RM 16) e quando ela e José perdem Jesus e o reencontram no templo (cf. RM 17).

Num terceiro ponto desta primeira parte, João Paulo II refere-se concretamente às palavras que Jesus, na cruz, dirige a Maria: “Eis a tua mãe!” (Jo 19, 27). Quando Jesus inicia a sua atividade messiânica, Maria não o acompanhava, estava em Nazaré, mas a voz de uma mulher no meio da multidão – “Felizes as entranhas que te trouxeram e os seios que te amamentaram!” (Lc 11,27) – fazem-na sair de uma espécie de anonimato. No entanto, Jesus faz notar que, mais do que a maternidade carnal, importa a escuta e a observância da Palavra de Deus (cf. RM 20), da qual Maria é, como já percebemos, exemplo por excelência. Mediante a fé, Maria torna-se não só mãe, na carne, de Jesus, mas também a primeira discípula do próprio Filho (cf. RM 20). Já no relato das bodas de Caná (cf. Jo 2, 1-12) observamos Maria numa profundíssima ligação com o seu Filho, não só do ponto de vista de ser a sua generatriz mas também numa íntima união espiritual, ao ponto de ter contribuído para o início dos seus milagres (cf. RM 21). Além disso, esboça-se uma “maternidade nova, segundo o espírito e não somente segundo a carne, ou seja, a solicitude de Maria para com os homens” (RM 21) pelos quais intercede – “não têm vinho” (Jo 2, 3) – e entre os quais e Jesus serve de interlocutora – “fazei o que Ele vos disser!” (Jo 2, 5) (cf. RM 21). “Em Caná, Maria aparece como quem acredita em Jesus: a sua fé provoca da parte dele o primeiro «milagre» contribui para suscitar a fé dos discípulos” (RM 21).

Esta solicitude maternal de Maria observada no acontecimento de Caná, dá-nos um prenúncio da mediação de Maria, orientada para Cristo e revela a sua maternidade na ordem da graça de todos os seres humanos (cf. RM 22) que vem a ser confirmada pelo próprio Jesus na cruz quando não só manifestou a sua preocupação pela Mãe, como a entregou ao discípulo que amava, abrangendo nele toda a Humanidade (cf. RM 23). Podemos ler, de acordo com João Paulo II, neste momento, que em João se representa a Igreja em cujo nascimento Maria também esteve presente e que deve continuar a sua maternidade exemplar (cf. RM 24).

Em suma, o Papa João Paulo II atribui a Maria três atributos essenciais: ela é a “cheia de graça”, eleita por Deus para Mãe do Redentor; ela é a “feliz porque acreditou”, cuja fé obediente e orante é exemplo de relação com Ele; ela é a Mãe na carne e no espírito de Jesus Cristo, mãe também dos homens e das mulheres na sua solicitude e intercessão.

“Numa segunda linha de pensamento, a encíclica aponta Maria como guia da história, como sinal dos tempos”⁹⁴, recorrendo, para tal, à ideia presente no Concílio Vaticano II de que a Igreja está ainda a caminho, peregrina – tal como Israel peregrinou no deserto – e em cuja

⁹⁴ *Ibidem*, 48.

peregrinação Maria marca presença como aquela que acreditou e que participa de modo único no mistério de Cristo (cf. RM 25). Assim, Maria está presente desde logo, no início da caminhada da Igreja, no Pentecostes, quando os apóstolos se preparavam para assumir a missão de ir por todo o mundo, ainda que a sua própria caminhada na fé seja mais longa, pois inicia-se desde logo na Anunciação em Nazaré (cf. RM 26). “Ela estava no meio deles como uma testemunha excepcional do mistério de Cristo. E a Igreja era assídua na oração juntamente com ela” (RM 27).

A Igreja ainda hoje continua a caminhar e a Virgem Maria está constantemente presente nesta caminhada de fé em direção à luz pois, de acordo com o cântico do «Magnificat», que serviu de resposta à confissão de fé de Isabel e expressa a relação pessoal de Maria com Deus, todas as gerações continuam a olhar para Maria como a bem-aventurada, em que Deus fez grandes coisas (cf. RM 35 e 36). Assim, “a Igreja, que desde o início modela a sua caminhada terrena pela caminhada da Mãe de Deus, repete constantemente, em continuidade com ela, as palavras do Magnificat. Nas profundidades da fé da Virgem Maria na Anunciação e na Visitação, a Igreja vai haurir a verdade acerca do Deus da Aliança; acerca de Deus que é Todo-poderoso e faz «grandes coisas» no homem” (RM 37), que salva, que é fonte de todas as dádivas, que prefere os pobres e humildes e cujo amor se manifesta nas palavras e obras de Jesus Cristo, para o qual se orienta também Maria, Mãe e modelo da Igreja (cf. RM 37).

Numa terceira parte, o Papa desenvolve ainda a questão da mediação materna de Maria. Na realidade, o título de mediadora já havia sido referido no capítulo VIII da *Lumen Gentium*, mas nunca foi tratado de forma pormenorizada em nenhum outro documento do Magistério e, agora, João Paulo II, recorrendo à terminologia usada no Concílio Vaticano II, vai aprofundar a questão, o que lhe confere importância quer para a teologia, quer para a piedade⁹⁵.

Antes de mais, importa clarificar que Jesus é o único mediador entre o ser humano e Deus, mas, na Sua mediação, podem fundar-se outras – que dela dependem, que a ela se subordinam e que a ela devem a sua eficácia – como é o caso da mediação de Maria, intimamente ligada à sua maternidade (cf. RM 38). Aliás, “ninguém tem fé sozinho, e também todos vivem a sua fé a partir das mediações humanas. (...) Em comunhão com Aquele que é Ele próprio essa proximidade divina, os seres humanos podem ser uns para os outros mediadores e são-no de facto”⁹⁶.

Maria submete-se à mediação única de Jesus Cristo, logo no momento da Anunciação, consentindo a Encarnação d’Ele em si, declarando-se a “Serva do Senhor”, fazendo da maternidade o dom total de si (cf. RM 39). Assim, a mesma “serva do Senhor”, que se entregara

⁹⁵ Cf. *Ibidem*, 50-51.

⁹⁶ *Ibidem*, 51.

sem reservas ao plano salvífico de Deus, através da pessoa e obra do Filho, e deixada por Ele mesmo como Mãe da Igreja nascente, mesmo depois da sua partida, mantém a mediação materna, intercedendo por todos os seus filhos e cooperando na obra salvífica do Filho, único Mediador, de forma a ela subordinada (cf. RM 40).

Por isso, e de acordo também com o Concílio Vaticano II, podemos afirmar que Maria é Mãe e figura da Igreja, à qual continua intimamente unida (cf. RM 42). Assim, a Igreja presta um culto especial a Maria, venera-a como Mãe de Deus, para ela olha como modelo de maternidade, virgindade, escuta e fé e cooperação, e deve, por isso, procurar torna-se semelhante a ela (cf. RM 42, 43 e 44). Em suma, “Maria está presente, portanto, no mistério da Igreja como modelo” (RM 44).

Maria é nossa Mãe na ordem da graça, uma maternidade de caráter único e irrepetível, conferida por Cristo na cruz, não só a ela como mãe, mas ao discípulo, e a cada um de nós, na entrega filial e no acolhimento que lhe é feito, na própria casa, na própria vida (cf. RM 45). “Esta relação filial, este entregar-se de um filho à Mãe, não só tem início em Cristo, mas pode dizer-se que está definitivamente orientado para ele. Pode dizer-se, ainda, que Maria continua a repetir a todos as mesmas palavras, que disse outrora em Caná da Galileia: «Fazei o que ele vos disser»” (RM 46). Concluindo, e recorrendo, para isso, à afirmação solene de Paulo VI, Maria é a Mãe da Igreja e o conhecimento dela será sempre um subsídio eficaz no aprofundamento da verdade da própria Igreja pois nela encontramos também a forma mais autêntica da imitação de Cristo (cf. RM 47).

2. As Mariofanias

Maria assume muitas vezes o protagonismo num tipo específico de fenómenos: as “aparições”, que, neste caso concreto, denominamos de “mariofanias”⁹⁷. De forma genérica “chama-se *aparicação* à manifestação visível de um ser cuja visão naquele lugar ou naquele momento é inusitada e inexplicável segundo o curso natural das coisas”⁹⁸. É, portanto, fundamental “identificar o sentido teológico das aparições, assim como a sua função no conjunto do mistério cristão e na experiência do povo cristão que peregrina através dos séculos

⁹⁷ Cf. Eloy Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima. A misericórdia de Deus: o triunfo do amor nos dramas da história* (Santuário de Fátima: 2014), 40.

⁹⁸ R. Laurentim, “Aparições”, in *Dicionário de Mariologia*, Stefano de Fiores e Salvatore Meo (dir.), (S. Paulo: Paulus, 1995), 116.

entre os dramas da história; a partir deste pressuposto, poder-se-á compreender as razões pelas quais Maria é protagonista qualificada em tais fenómenos”⁹⁹.

As aparições representam um verdadeiro escândalo para a razão humana, na medida em que não podem ser analisadas e verificadas de forma empírica e, também por isso, têm sido um tema incómodo, e até relegado, para a razão teológica¹⁰⁰. Assim, precisamos de perceber as aparições como vivências de revelação no contexto da experiência religiosa. No entanto, há que ter em atenção que esta experiência ultrapassa os limites da psicologia e, nesse sentido, é necessário saber distingui-la de experiências patológicas, sendo que a experiência religiosa gera atitudes estáveis, sinal de maturidade religiosa e humana¹⁰¹. Assim, na tradição cristã, há uma certa cautela no discernimento sobre as aparições, pois nem todos estes fenómenos são fiáveis; mas, sendo tidos como autênticos, são designados como revelações particulares ou privadas¹⁰². Geralmente, os cristãos têm visões de Cristo, Maria, anjos ou santos, sendo as de Maria reservadas aos católicos¹⁰³.

Assim, importa relembrar que “aparições, audições, êxtases, arroubos místicos, sonhos, manifestações de clarividência e profecia são amplamente atestados na Bíblia. Fora desse contexto, a teologia católica enquadra-os no domínio das «revelações particulares», merecedoras de respeito, mas sem o peso da chamada revelação pública de que dão testemunho as Escrituras”¹⁰⁴. Entendemos, então, por “revelação pública”, a ação reveladora de Deus que se destina à Humanidade inteira, expressa literariamente nas duas partes da Bíblia¹⁰⁵. Na realidade, esta revelação concluiu-se com Jesus Cristo, Verbo Incarnado, mas Deus não deixou de se comunicar com o seu povo, sendo que as revelações provadas podem ter a função de atualizar, recordar ou esclarecer a primeira revelação¹⁰⁶. Neste sentido, também Karl Rahner, referido por Eloy Bueno de la Fuente, aceitando a possibilidade e conveniência das aparições, afirmava que o Deus pessoal e livre não fecha as vias de comunicação com a Humanidade, sendo fundamental ter em conta o papel da subjetividade humana, e percebendo que as aparições não são a substância, mas o invólucro da revelação¹⁰⁷. As revelações particulares

⁹⁹ Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 40.

¹⁰⁰ Cf. *Ibidem*, 39.

¹⁰¹ Cf. Peter Stilwell e Cristina Sá Carvalho, “Aparições”, in *Enciclopédia de Fátima*, Carlos Moreira Azevedo e Luciano Cristino (coord.), (Estoril: Principia, 2007), 38-39.

¹⁰² Cf. Stilwell e Sá Carvalho, “Aparições”, 39.

¹⁰³ Cf. *Ibidem*, 40.

¹⁰⁴ *Ibidem*, 44.

¹⁰⁵ Cf. Cardeal Joseph Ratzinger, “Comentário Teológico”, in *A Mensagem de Fátima*, Congregação para a Doutrina da Fé, 40.

¹⁰⁶ Laurentim, “Aparições”, 118.

¹⁰⁷ Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 44.

tratam-se, então, não de fantasias ou “comunicações intelectuais, mas de um processo vital em que Deus Se aproxima do homem”¹⁰⁸.

Assim, a história do cristianismo tem sido, também, pontuada por testemunhos de videntes, mas, à medida que aumentavam os casos e o seu impacto nos fiéis, o magistério foi reservando a si a sua avaliação, que procura a complementaridade entre a forma e a interpretação destas experiências extraordinárias¹⁰⁹. Já no Concílio de Latrão, ou seja, no século XVI, perante a proliferação destes fenómenos, se declarou que antes de serem publicadas ou pregadas ao Povo de Deus, eles deviam ser alvo do exame da Santa Sé¹¹⁰. Neste sentido, cabe aos teólogos e ao magistério oficial da Igreja avaliar todos os elementos da experiência testemunhada, procurando confirmar, ou não, a sua fiabilidade, buscando, sobretudo, atestar que esta não contradiz a revelação pública nem colide com o bem espiritual dos fieis¹¹¹. Aliás, no século XVIII, o Papa Bento XIV definiu “a posição clássica para o futuro: se as aparições recebem uma autorização eclesial, esta deve apenas ser entendida como um consentimento para desenvolver os elementos que possam edificar os crentes, não lhes devendo, no entanto, ser concedido um assentimento de fé católica, mas de fé humana; não há, por isso, obrigação de acreditar nas aparições, ao passo que para a revelação pública há”¹¹². Por isso, ainda que “não fazendo parte do depósito da fé em que se deve acreditar, não deixam, por isso, as revelações particulares, devidamente atestadas e enquadradas na Tradição viva da Igreja, merecer todo o respeito dos fiéis”¹¹³.

Em suma, as aparições não substituem a fé, mas evidenciam-na; não acrescentam nada à Escritura e à Tradição, mas têm a função de reavivar a fé e a esperança¹¹⁴. No que concerne, mais concretamente, às aparições de Maria, estas são, hoje, as mais frequentes e célebres¹¹⁵ e, por isso, precisam de uma análise mais atenta. É necessário então ter atenção ao plano bíblico e ao plano teológico: por um lado, no plano bíblico, o capítulo 12 do Apocalipse parece anunciar as visitas de Maria ao seu povo e, outras passagens do Novo Testamento como a Anunciação, o nascimento de Jesus ou o relato das Bodas de Caná, sugerem que ela ocupa um lugar particular na difusão do dom de Deus; por outro lado, no plano teológico, sendo ela quem está mais próxima de Cristo, é também quem está mais próxima dos membros do seu corpo místico, em

¹⁰⁸ Ratzinger, “Comentário Teológico”, 40.

¹⁰⁹ Cf. Stilwell e Sá Carvalho, “Aparições”, 45.

¹¹⁰ Cf. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 43.

¹¹¹ Cf. Stilwell e Sá Carvalho, “Aparições”, 46.

¹¹² Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 43.

¹¹³ Stilwell e Sá Carvalho, “Aparições”, 46.

¹¹⁴ Cf. Laurentim, “Aparições”, 122-123.

¹¹⁵ Cf. *Ibidem*, 124.

concordância com a sua condição de serva do Senhor, a sua função materna e a sua condição glorificada no corpo e na alma, de acordo com o dogma da Assunção¹¹⁶.

Parece-nos importante, neste momento em que nos aproximamos do segundo capítulo, aprofundar um pouco mais este sentido teológico e teologal das aparições e, concretamente, das mariofanias. As aparições devem, então, ser valorizadas como sinais cujo valor teológico está, por um lado, no facto de serem epifania da fidelidade de Deus à Aliança estabelecida com a Humanidade, cujo auge está no Filho e que continua a manifestar-se pelo poder do Espírito¹¹⁷. Por outro lado, temos a “resposta dos destinatários humanos, que a incarnam nas suas biografias concretas. Deste ponto de vista, o sentido das aparições deve ser captado como momentos de uma teologia narrativa, que vá acolhendo as pegadas da presença de Deus (pessoal e livre) na história (dolorosa e dramática) dos Homens”¹¹⁸.

Como vimos anteriormente, uma aparição trata-se de uma presença incomum ou impossível de explicar segundo a ordem natural das coisas, impondo o seu carácter objetivo e real e, por isso, para o destinatário humano, “a perceção do tempo e do espaço quebra-se (...) como uma “janela” através da qual se estabelece uma relação pessoal com aquilo (melhor, com Quem) é transcendente”¹¹⁹. Como veremos, também os videntes de Fátima tiveram esta impressão¹²⁰. Porém, tal não significa que estes fenómenos sejam ilusórios ou carentes de valor, como já vimos. Pelo contrário, importa concentrar a atenção no protagonista que dá origem ao acontecimento, ou seja, Deus, que se manifesta através da colaboração humana¹²¹. Assim, “o valor das aparições radica no facto de deixarem ver o olhar de Deus – expresso através da linguagem do profeta e da testemunha – sobre a história, sobre a nossa história real. Fátima foi considerada como a mais profética das aparições”¹²². Por isso dizemos que qualquer aparição autêntica coloca Deus no centro da história, como protagonista não só na sua origem como na sua consumação e daí poder concluir-se que elas apelam mais à esperança do que à fê¹²³.

Como referimos, os fenómenos designados como aparições são epifania da fidelidade de Deus que não abandona os seus filhos e tal epifania concretiza-se muitas vezes como mariofanias, ou seja, assumindo Maria o protagonismo¹²⁴. Tal sucede “porque Maria pertence à revelação do Pai pelo Filho e pelo Espírito. (...) Se Maria se encontrava já na predestinação

¹¹⁶ Cf. *Ibidem*, 124.

¹¹⁷ Cf. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 45.

¹¹⁸ *Ibidem*, 45.

¹¹⁹ *Ibidem*, 46.

¹²⁰ Cf. Luís Kondor, comp., *Memórias da Irmã Lúcia I* (Fátima: Secretariado dos Pastorinhos, 2006), 140, 168 e 170.

¹²¹ Cf. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 46-47.

¹²² *Ibidem*, 47.

¹²³ Cf. *Ibidem*, 47.

¹²⁴ Cf. *Ibidem*, 48.

de todas as coisas em Cristo, é lógico que também ela se encontre presente na função mediadora e sacerdotal do Filho ressuscitado. Nas mariofanias, ela é identificada, sem dúvida alguma, como a mãe de Jesus”¹²⁵.

A Mensagem de Fátima vem a enquadrar-se neste conceito de revelação privada, que se aplica a todas as visões e revelações verificadas depois da conclusão do Novo Testamento¹²⁶. Assim, como nas Bodas de Caná da Galileia, Maria permanece atenta e a dar o seu contributo peculiar ao desígnio salvífico da Trindade, sendo que o sentido desta função desdobrar-se-á em quatro dimensões que se manifestam claramente em Fátima: sendo o modelo de discípula escutante, orante e obediente, ela não se coloca no centro do acontecimento mas coloca-se ao serviço do fortalecimento e aprofundamento da relação entre Deus e a Humanidade; sendo mulher, membro da raça humana, assunta ao céu, ao manifestar-se dá o testemunho e a esperança da ressurreição; sendo a mãe de Jesus Cristo, é-o também dos seus discípulos, isto é, da Igreja e, portanto, também sua companheira, intercessora e modelo; sendo glorificada e assunta ao céus, não deixa de sentir o corpo dorido e sofredor da Humanidade, daí comunicar algumas expressões de caráter apocalíptico¹²⁷.

Desta forma, Maria ajuda os crentes a interpretar os sinais do tempo à luz da fé, o que significa reconhecer a presença de Cristo em cada época, sendo que as revelações privadas reconhecidas pela Igreja, entre as quais se inclui a de Fátima, se tratam precisamente de ajudar a compreender os sinais do tempo e a encontrar a resposta para eles na fé¹²⁸. Por tudo isto, “na luta através da história até à vitória do Filho, Maria, a nova mulher e nova Eva, aparece como sinal de esperança e como manancial de confiança. Precisamente nas suas mariofanias, ela proclama que o drama não finalizará em tragédia. Mas essa garantia não pode ocultar as cicatrizes, as feridas e a amargura que o mal e o pecado depositaram na história através das liberdades humanas. É, por isso, que a história real é tão importante para captar todo o alcance da Mensagem de Fátima”¹²⁹.

¹²⁵ *Ibidem*, 49.

¹²⁶ Cf. Ratzinger, “Comentário Teológico”, 42.

¹²⁷ Cf. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 49-54.

¹²⁸ Cf. Ratzinger, “Comentário Teológico”, 45.

¹²⁹ Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 56.

“Fátima é sobretudo este manto de Luz que nos cobre, aqui como em qualquer outro lugar da Terra quando nos refugiamos sob a proteção da Virgem Mãe para Lhe pedir, como ensina a Salve Rainha, «mostrai-nos Jesus»”¹³⁰: é assim que o Papa Francisco define o fenómeno de Fátima na sua homilia da Eucaristia da canonização de Francisco e Jacinta, que presidiu nas celebrações do Centenário das Aparições de Fátima.

Neste segundo capítulo centramo-nos, então, especificamente no fenómeno de Fátima, que conta, além das mariofanias, com angelofanias. Este trata-se de um acontecimento que “teve origens muito modestas, tanto pelos seus protagonistas humanos como pelo lugar onde começou”¹³¹, mas que acabou por se tornar incontornável na definição da cultura e da religiosidade portuguesa, e que se cruza não só com a história de Portugal mas também com a do mundo. Na verdade, “Fátima é uma realidade que se deve tomar em consideração porque constitui um «sinal dos tempos», com que o Pai manifesta, através da Mãe do Filho Unigénito, o seu paterno e materno cuidado da humanidade, para que esta – abandonando certas tendências desvairadas – fuja à autodestruição e construa uma paz duradoura”¹³². E, como veremos, este acontecimento acabou por influenciar, não só a experiência religiosa dos crentes portugueses, mas também a de toda a Igreja Universal, em particular a do Papa, cuja figura é crucial na própria Mensagem de Fátima.

Neste capítulo partiremos, então, do contexto onde o acontecimento se deu, exporemos alguns dos traços dos mediadores da Mensagem, faremos uma breve abordagem às Aparições, partindo, sobretudo, da perspetiva da vidente Lúcia, tentaremos perceber qual a influência que tal acontecimento teve e tem na história e na vida eclesial da Igreja universal e concluiremos o capítulo percebendo qual a Mensagem que ele comporta.

1. Contexto histórico e sócio-cultural

Antes de passar ao acontecimento propriamente dito, ao que ele nos pretende transmitir e à apresentação dos seus principais personagens, é fundamental perceber que, à data em que

¹³⁰ “Santa Missa com o Rito da Canonização dos Beatos Francisco Marto e Jacinta Marto. Homilia do Santo Padre”, Papa Francisco, acedido em 14 de maio de 2017, http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2017/documents/papa-francesco_20170513_omelia-pellegrinaggio-fatima.html.

¹³¹ Eloy Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 85.

¹³² Stefano de Fiores, *O segredo de Fátima. Uma luz sobre o futuro do mundo* (Lisboa: Paulus, 2008), 7.

ocorreu, vivia-se uma época histórica específica e um contexto sócio-cultural muito diferente do atual. Tal consciência permitir-nos-á perceber determinados aspetos dos pontos seguintes.

À altura das Aparições de Fátima, ou seja, entre os anos de 1916 e 1917, o mundo vivia entre guerras, mudanças políticas e ideológicas e perseguição à Igreja: “a Senhora coloca-se no centro das preocupações mundiais e dos acontecimentos históricos mais trágicos do século XX (...). Não é em vão que Fátima foi considerada a mais profética e a mais política das aparições”¹³³.

Antes de mais, estava-se em plena Primeira Guerra Mundial, uma guerra violenta e que provocou mudanças radicais na Europa¹³⁴. A situação de guerra também afeta os habitantes de Fátima, sobretudo pela angústia pelos jovens soldados enviados, sendo que, inclusivamente, parentes dos três pastorinhos se encontravam nessa situação¹³⁵. Além disso, os efeitos da guerra eram devastadores: “produziu uma multidão de mortos e inválidos, gerou armas de destruição massiva, provocou sofrimento e destruição na população de numerosos países”¹³⁶.

Além da guerra, há ainda a assinalar que o comunismo expandia-se por esta altura, sobretudo a partir da revolução bolchevique na Rússia¹³⁷.

No que a Portugal, concretamente, diz respeito, além da guerra, em 1917 acabava de se mudar de regime e instaurara-se a República que desde cedo entrou em conflito com a Igreja Católica; isto além da instabilidade e divisão entre os que concordavam ou discordavam da participação no conflito bélico, entre os defensores da República e os que criticavam os seus excessos, entre os católicos e os laicistas radicais¹³⁸. O Iluminismo, confiante no progresso e na razão, que se instalara em Portugal em 1770, levava ao repúdio da tradição e ao desejo de controlo da Igreja, o que provocou um confronto, particularmente com os jesuítas¹³⁹. Mais do que a monarquia, o grande inimigo para a República era a Igreja e instalou-se o anticlericalismo que, convertido em laicismo, tinha também a pretensão de suprimir a religião do espaço público, algo declarado abertamente por Afonso Costa¹⁴⁰. “O novo governo, presidido por Teófilo Braga, rompeu todas as relações com Roma; muitos bispos foram expulsos das suas dioceses, foram suprimidos dias festivos, abolida a batina, decretada a lei do divórcio. Em 1911, (...) a Constituição estabeleceu a igualdade política e civil de todos os cultos, a secularização dos cemitérios, o ensino neutro em matéria religiosa nas escolas públicas, a dissolução das

¹³³ Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 57.

¹³⁴ Cf. *Ibidem*, 57-58.

¹³⁵ Cf. *Ibidem*, 59.

¹³⁶ *Ibidem*, 59.

¹³⁷ Cf. *Ibidem*, 60.

¹³⁸ Cf. *Ibidem*, 63.

¹³⁹ Cf. *Ibidem*, 64.

¹⁴⁰ Cf. *Ibidem*, 67.

congregações religiosas. Em 20 de Abril, foi promulgada a Lei da Separação do Estado e da Igreja”¹⁴¹.

Em 1917, a República estava em decadência pois não tinha tido a capacidade de solucionar os problemas antigos e a sua própria ideologia radical tinha provocado alguma tensão no seu seio¹⁴². Em setembro de 1917, ou seja, no decorrer das Aparições de Fátima, dá-se um golpe de estado, liderado por Sidónio Pais que, mesmo sendo republicano, procurava a ordem e o fim das tensões e, por isso, procurava dar passos para resolver a questão religiosa como, por exemplo, participar em celebrações religiosas e retomar as relações institucionais com Roma e o episcopado português¹⁴³. “Este processo terminou repentinamente, pois Sidónio Pais foi assassinado em dezembro de 1918. Retornariam alguns momentos de fervor republicano e de endurecimento da aplicação da Lei da Separação”¹⁴⁴.

Em todo este contexto, uns veem na marifonia de Fátima um acontecimento nacional cuja mensagem ajudaria a encontrar o destino do país¹⁴⁵; outros, porém, consideram-na uma ameaça para os valores republicanos, o que não impediu que o acontecimento se fosse consolidando e enraizando na consciência eclesial¹⁴⁶.

Pelo “lado” do catolicismo, percebemos que este estava bem impregnado na sociedade portuguesa da época, e a população, especialmente a mais rural, vivia ao ritmo das celebrações e devoções tradicionais, mas tratando-se, porém, de um catolicismo bastante elementar, algo ignorante dos conteúdos centrais da fé e mal preparado para as mudanças que se produziam, na altura, na sociedade portuguesa¹⁴⁷. Assim, “as medidas anticlericais e a expulsão de muitos bispos das suas dioceses revelaram a debilidade da Igreja, mas foi simultaneamente a ocasião para que estes tomassem a palavra perante a comunidade eclesial e perante as autoridades políticas”¹⁴⁸. Neste sentido, são diversas as iniciativas tomadas pelos bispos portugueses, e até pelos estudantes católicos de Coimbra, sendo que, a irradiação de Fátima contribuirá muito, oferecendo espírito e alento a um catolicismo que queria consolidar-se no novo contexto social e cultural¹⁴⁹.

¹⁴¹ *Ibidem*, 68.

¹⁴² Cf. *Ibidem*, 70.

¹⁴³ Cf. *Ibidem*, 70.

¹⁴⁴ *Ibidem*, 70.

¹⁴⁵ Cf. *Ibidem*, 63.

¹⁴⁶ Cf. *Ibidem*, 70-71.

¹⁴⁷ Cf. *Ibidem*, 71.

¹⁴⁸ *Ibidem*, 73.

¹⁴⁹ Cf. *Ibidem*, 73-74.

2. Os Videntes de Fátima: de testemunhas a ícones do acontecimento

“A mariofania em Fátima irrompe como um acontecimento em que intervêm diversos atores. O protagonismo radical pertence ao Deus trinitário que mostra a sua presença em e através de Maria no seu estado glorificado. A iniciativa de Deus dá-se como uma interpelação dirigida a determinadas testemunhas, as quais proporcionam um carisma de caráter profético-místico”¹⁵⁰. Por isso, neste segundo ponto, procuraremos traçar, especificamente e de forma breve, o retrato dos três videntes de Fátima: Jacinta, Francisco e Lúcia. “Estes são (...) testemunhas, ícone e reflexo do que ali se faz presente: uma Presença que suscita uma experiência mística que – enquanto tal – se faz profecia na Igreja e no mundo”¹⁵¹.

Em 1917, Jacinta, Francisco e Lúcia eram três crianças com idades compreendidas entre os 7 e os 10 anos. Francisco e Jacinta, já considerados santos pela Igreja Católica, morreram pouco tempo depois das Aparições, e Lúcia, como Maria tinha indicado¹⁵², viveu longos anos e tornou-se um verdadeiro baluarte da difusão da Mensagem de Fátima. Porém, também Francisco e Jacinta desempenharam papéis distintos e encarnaram o testemunho com peculiar carisma¹⁵³.

Os três pastorinhos viviam, à data das Aparições, no lugar de Aljustrel, na freguesia de Fátima, do concelho de Vila Nova de Ourém¹⁵⁴ e eram oriundos de duas famílias cristãs, ligadas por laços de parentesco: a mãe de Francisco e Jacinta, Olimpia, era irmã do pai de Lúcia, António Santos¹⁵⁵, portanto Lúcia era prima de Francisco e Jacinta, que eram irmãos. Os habitantes de Aljustrel viviam uma vida rural sem grandes horizontes e relações com o exterior, de escasso desenvolvimento social e cultural, sendo que em Fátima não haveria escola para raparigas até 1918¹⁵⁶. As famílias dos videntes “eram modestas especialmente a de Lúcia. Viviam da agricultura e da pecuária. Desde muito pequena, Lúcia trabalhava como pastora (...). Os irmãos Francisco e Jacinta (...), muito cedo tomaram parte na mesma atividade”¹⁵⁷ por isso ficaram conhecidos pelo povo, de forma afetuosa, como “os três pastorinhos”.

Na “Carta Pastoral sobre o culto de Nossa Senhora de Fátima”, o bispo Dom José Alves Correia da Silva, faz dos três a seguinte descrição:

“As crianças videntes são humildes criaturas das nossas serras, modestamente vestidas, sem instrução, não sabendo ler, apenas com uma rudimentar instrução religiosa.

¹⁵⁰ *Ibidem*, 57.

¹⁵¹ *Ibidem*, 85.

¹⁵² Cf. Kondor, *Memórias da Irmã Lúcia I*, 175.

¹⁵³ Cf. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 86.

¹⁵⁴ Cf. Irmã Lúcia, *Apelos da Mensagem de Fátima* (Fátima: Secretariado dos Pastorinhos, 2002), 40.

¹⁵⁵ Cf. Irmã Lúcia, *Apelos da Mensagem de Fátima*, 39.

¹⁵⁶ Cf. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 86.

¹⁵⁷ *Ibidem*, 86.

Não são nervosas mas afáveis e carinhosas no meio da sua rudez, amigas da família, obedientes aos pais, alegres...

Não se vislumbra nelas qualquer interesse ou vaidade. Não aceitam esmolas ou prendas que lhes queiram dar. (...)

As crianças, ora interrogadas em conjunto, ora separadas, respondem com a mesma precisão, sem contradições sensíveis, aos diferentes interrogatórios quer oficiais, quer particulares, a que foram sujeitas.

São prêsas pelo representante da autoridade administrativa, ameaçadas de serem fritadas e nem assim se desdizem.

Nada dizem que seja contra a fé ou os costumes”¹⁵⁸.

Durante as Aparições, cada um dos três teve um protagonismo distinto, moldando de forma diferente o testemunho recebido: Lúcia escutava e falava com Maria; Jacinta via e ouvia, mas sem intervir no diálogo; Francisco apenas via¹⁵⁹. Os três, “viveram o espírito de adoração de distintos modos, igualmente profundos, que deixam aflorar a sua experiência mística. Os diferentes carismas de cada um marcarão profundamente a espiritualidade de Fátima”¹⁶⁰.

Olhemos, então, com atenção alguns dados biográficos das três crianças e alguns dos principais traços das suas personalidades.

2.1. *Lúcia de Jesus dos Santos*

Lúcia de Jesus dos Santos, mais tarde conhecida como Irmã Lúcia, foi a última vidente a morrer, em 2005, tendo-se tornado a principal responsável pela divulgação da Mensagem de Fátima. Tal foi possível não só devido a encontros que manteve com Bispos, legados papais ou mesmo Papas, mas, e sobretudo, graças aos seus escritos, entre os quais as *Memórias da Irmã Lúcia e Apelos da Mensagem de Fátima*, que citamos, abundantemente, neste capítulo.

Mas comecemos pelo início. Lúcia nasceu o dia 22 de março de 1907 em Aljustrel e foi batizada no dia 30 de março de 1907 na igreja paroquial de Fátima¹⁶¹. Filha de António dos Santos e Maria Rosa, era a última de sete filhos e fez a sua primeira comunhão aos seis anos, altura em que também iniciou a atividade de pastora¹⁶². Tratava-se de uma família profundamente cristã, sendo a mãe considerada uma mulher humilde, crente e generosa; o pai, pacífico, alegre e cumpridor dos deveres religiosos; e ambos conhecidos pela sua caridade para com os pobres e os doentes¹⁶³. Porém, “Lúcia teve de experimentar os apertos económicos e os

¹⁵⁸ D. José, Bispo de Leiria, “Carta Pastoral sobre o Culto de Nossa Senhora de Fátima”, in *Documentação Crítica de Fátima. II – Processo canónico Diocesano (1922-1930)* (Fátima: Santuário de Fátima, 1999), 270-271.

¹⁵⁹ Cf. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 101.

¹⁶⁰ Conferência Episcopal Portuguesa, *Carta Pastoral no Centenário das Aparições. Fátima, sinal de Esperança para o nosso tempo*. (Moscavide: Secretariado Nacional da Conferência Episcopal Portuguesa, 2016), n.º 9.

¹⁶¹ Cf. Kondor, *Memórias da Irmã Lúcia I*, 8.

¹⁶² Cf. *Ibidem*, 8-9.

¹⁶³ Cf. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 87.

sofrimentos dos pobres: (...) as suas irmãs maiores tiveram de abandonar o lar para trabalhar; (...) Lúcia teve de se encarregar do rebanho. No entanto, as festas e as diversões acompanhavam o ritmo da vida quotidiana. Lúcia confessa que era alegre, (...) que gostava do baile”¹⁶⁴.

Fisicamente, Lúcia era “mais alta e mais nutrida que as outras duas crianças, de tez mais clara, robusta e saudável, apresenta-se (...) com um desembaraço que contrasta singularmente com o acanhamento e a timidez excessiva de Jacinta. Singelamente vestida como esta, a sua atitude não denota e o seu rosto não traduz nenhum sentimento de vaidade nem confusão”¹⁶⁵.

A religiosidade popular, como já referido, característica daquela altura e região, envolvia Lúcia, sendo que sua mãe lhe ensinava a doutrina, rezava o rosário, tinha uma particular devoção mariana e eucarística e até as suas brincadeiras imitavam procissões e outras manifestações religiosas¹⁶⁶.

Foi nestas condições que se começaram a suceder acontecimentos extraordinários: Lúcia é a primeira a ter a experiência de ver uma figura, que inicialmente não compreende mas mais tarde identifica como sendo o Anjo, em 1915; em 1916, já acompanhada de Francisco e Jacinta, dão-se as aparições do Anjo; em 1917, têm lugar as mariofanias¹⁶⁷.

Nas Aparições, Lúcia tem um papel especial pois só ela falava com o Anjo e com a Virgem Maria, recebendo dela uma Mensagem para revelar no futuro¹⁶⁸. Com Francisco e Jacinta, sofre por causa das Aparições, mas é também a ela que ficará reservada a missão de divulgá-las¹⁶⁹. “As incompreensões que mais tarde enfrentarão, sobretudo da parte da mãe e das irmãs de Lúcia, tornam-se experiências dolorosas, mas que dão conteúdo às palavras do Anjo e são assumidas pelas três crianças como sacrifícios que têm de oferecer a Deus”¹⁷⁰. Em algumas ocasiões de maior incerteza e tristeza, é dos primos que recebe ânimo e consolo¹⁷¹:

“Comecei, então, a duvidar se as manifestações seriam do Demónio que procurava, por esse meio, perder-me. E, como tinha ouvido dizer que o Demónio trazia sempre a guerra e a desordem, comecei a pensar que, na verdade, desde que via estas coisas, não tinha tido mais alegria nem bem-estar em nossa casa. Que angústia que eu sentia! Manifestei a meus primos a minha dúvida. A Jacinta respondeu:

- Não é o Demónio, não! O Demónio dizem que é muito feio e que está debaixo da terra, no inferno; e aquela Senhora é tão bonita! E nós vimo-La subir ao céu.

Nosso Senhor serviu-se disto para desvanecer algo a minha dúvida. Mas, no decurso deste mês, perdi o entusiasmo pela prática do sacrifício e da mortificação e titubeava se acabaria por dizer que tinha mentido e assim acabar com tudo. A Jacinta e o Francisco diziam-me:

¹⁶⁴ *Ibidem*, 87.

¹⁶⁵ *Documentação Crítica de Fátima. I – Interrogatórios aos videntes* (Fátima: Santuário de Fátima, 1992), 51.

¹⁶⁶ Cf. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 88.

¹⁶⁷ Cf. *Ibidem*, 88-90.

¹⁶⁸ Cf. Kondor, *Memórias da Irmã Lúcia I*, 9.

¹⁶⁹ Cf. *Ibidem*, 9.

¹⁷⁰ Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 90.

¹⁷¹ Cf. *Ibidem*, 101.

- Não faças isso! Não vês que agora és tu que vais mentir e que mentir é pecado?”¹⁷²

Apesar das dúvidas, Lúcia percebe, desde cedo, a sua missão, dada pela própria Virgem Maria, que a manda também aprender a ler, sendo que, só depois destes acontecimentos, começa a ir à escola¹⁷³. De facto, uma das primeiras preocupações do recém-nomeado bispo da restaurada diocese de Leiria, foi a educação de Lúcia e, por isso, em 17 de junho de 1921, Lúcia, então com catorze anos, ingressa no Colégio da Irmãs Doroteias, em Vilar, no Porto, onde recebe, sobretudo, educação moral e religiosa¹⁷⁴.

Decidida a entregar plenamente a sua vida a Deus, com dezoito anos, no dia 25 de outubro de 1925, vai para a casa das Doroteias em Pontevedra fazer o Postulantado e em 20 de julho de 1926 chega ao Noviciado de Tuy para o completar, professando a 3 de outubro de 1928¹⁷⁵. Em maio de 1937 regressa a Tuy, em maio de 1946 recebe ordens para regressar a Portugal e em 25 de março de 1948 entra para o Carmelo de Santa Teresa, em Coimbra, onde fica até à sua morte em 13 de fevereiro de 2005¹⁷⁶.

Entre 2000 e 2003, o Cardeal Tarcísio Bertone, manteve três encontros oficiais com a Irmã Lúcia, na qualidade de Legado do Papa¹⁷⁷. De acordo com Bertone, Lúcia, nesta altura, mantinha uma memória muito fresca, mostrava-se humilde e obediente e, ao mesmo tempo, persistente e determinada em continuar a explicar a Mensagem que lhe fora confiada por Maria, chegando ao seu núcleo com simplicidade e clareza¹⁷⁸.

2.2. Francisco Marto

“Francisco nasceu a 11 de junho de 1908 e morreu a 4 de abril de 1919”¹⁷⁹. Era uma criança calada e sossegada, simpática e alegre¹⁸⁰. Conta a Irmã Lúcia que era muito diferente da sua irmã, Jacinta:

“O Francisco não parecia irmão da Jacinta senão nas feições do rosto e na prática da virtude. Não era, como ela, caprichoso e vivo; era, ao contrário, de natural pacífico e condescendente.

Quando, nos nossos (jogos) e brincadeiras, algum se empenhava em negar-lhe os seus direitos por ter ganho, cedia sem resistência, limitando-se a dizer apenas:

¹⁷² Kondor, *Memórias da Irmã Lúcia I*, 85.

¹⁷³ Cf. *Ibidem*, 9.

¹⁷⁴ Cf. *Ibidem*, 9-10.

¹⁷⁵ Cf. *Ibidem*, 10.

¹⁷⁶ Cf. *Ibidem*, 10.

¹⁷⁷ Cf. Tarcísio Bertone, *A última vidente de Fátima. As minhas conversas com a Irmã Lúcia*. (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2007), 51.

¹⁷⁸ Cf. Bertone, *A última vidente de Fátima*, 53-54.

¹⁷⁹ Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 86.

¹⁸⁰ Cf. *Ibidem*, 101.

- Pensas que ganhaste tu? Pois sim! Isso a mim não me importa.

Não manifestava, como a Jacinta, a paixão pela dança; gostava mais de tocar o pifarito, enquanto os outros dançavam.

Nos jogos, era bastante animado, mas poucos gostavam de jogar com ele, porque perdia quase sempre.”¹⁸¹

Assim, Francisco não se irritava nem alterava com as contrariedades e perseguições, suportando os insultos e os incómodos das visitas e dos curiosos, sendo, as suas ações mais extraordinárias relativas à prática da caridade e do jejum¹⁸².

No que diz respeito às Aparições, Francisco nunca mostrou vaidade ou orgulho¹⁸³ por ser um dos seus protagonistas. Nas aparições do Anjo, Francisco não ouvia o que ele dizia e mostrava ter alguma dificuldade em perceber o que as suas palavras, depois expostas pela prima e pela irmã, significavam, mas envolvia-se pela presença do sobrenatural e sentia os mesmos efeitos das duas meninas, ficando mesmo dias sem falar¹⁸⁴. O mesmo sucedeu aquando das mariofancias: não ouvia as palavras da Virgem Maria, que depois Lúcia e Jacinta lhe transmitiam, e, por isso, não tinha a compreensão imediata dos factos¹⁸⁵, mas entregava-se plenamente à oração e aos sacrifícios dizendo: “Ó minha Nossa Senhora, terços rezo todos quantos Vós quiserdes. (...) Nossa Senhora disse que íamos a ter muito que sofrer! Não me importo; sofro tudo quanto ela quiser!”¹⁸⁶.

Aquando da prisão em Ourém, era o mais animado e a sua grande preocupação era animar a irmã, e, até aí, rezava e levava os outros à oração¹⁸⁷. Aliás, como descreve a Irmã Lúcia, mais do que uma vez nas suas *Memórias*, Francisco gostava de rezar e, muitas vezes, chegava mesmo a afastar-se dela e de Jacinta para o fazer:

“O Francisco era de poucas palavras; e para fazer a sua oração e oferecer os seus sacrifícios, gostava de se ocultar até da Jacinta e de mim. Não poucas vezes o íamos surpreender, de trás duma parede ou dum silvado, para onde, dissimuladamente, se tinha escapado, de joelhos, a rezar ou a pensar, como ele dizia, em Nosso Senhor triste por causa de tantos pecados. Se lhe perguntava:

- Francisco, porque não me dizes para rezar contigo e mais a Jacinta?

- Gosto mais – respondia – de rezar sozinho, para pensar e consolar a Nosso Senhor que está tão triste.”¹⁸⁸

Na verdade, o seu espírito era naturalmente contemplativo, gostando de contemplar a natureza, mostrando-se “especialmente sensível perante a beleza e o encanto de Deus, e assim também perante o seu sofrimento, despertando nele um profundo desejo de o consolar. A visão

¹⁸¹ Kondor, *Memórias da Irmã Lúcia I*, 136.

¹⁸² Cf. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 101-102.

¹⁸³ Cf. *Ibidem*, 102.

¹⁸⁴ Cf. Kondor, *Memórias da Irmã Lúcia I*, 139-140.

¹⁸⁵ Cf. *Ibidem*, 141-143.

¹⁸⁶ *Ibidem*, 141.

¹⁸⁷ Cf. *Ibidem*, 146.

¹⁸⁸ *Ibidem*, 155.

do Inferno acentuou nele a decisão de não cometer mais nenhum pecado (...); suscitou-lhe, ao mesmo tempo, uma enorme pena pelo destino dos que caíam no Inferno, e ainda mais pelo próprio Deus, a quem quer oferecer o seu consolo”¹⁸⁹.

Quando adoeceu, Francisco manteve-se alegre e oferecia o seu sofrimento pela consolação de Nosso Senhor, mostrando também anseio por receber a Sagrada comunhão e ir para o Céu¹⁹⁰.

2.3. *Jacinta Marto*

“Chama-se Jacinta de Jesus, tem sete anos de idade e é filha de Manuel Pedro Marto e de Olympia de Jesus. Bastante alta para a sua idade, um pouco delgada sem se poder dizer magra, de rosto bem proporcionado, tez morena, modestamente vestida, descendo-lhe a saia até à altura dos artelhos, o seu aspeto é o de uma criança saudável, acusando perfeita normalidade no seu todo physico e moral”¹⁹¹. É assim que Manuel Nunes Formigão descreve Jacinta a primeira vez que a vê.

“Jacinta nasceu a 11 de março de 1910 e morreu a 20 de fevereiro de 1920”¹⁹². Era uma criança “alegre e amável, serviçal e aberta à amizade com todas as outras crianças. Generosa e sensível, buscava o modo de fazer bem aos outros, especialmente aos pobres, aos quais costumava entregar a sua própria merenda”¹⁹³, ainda que, de acordo com a Irmã Lúcia, tivesse um caráter algo melindroso e ficava facilmente amuada nas brincadeiras¹⁹⁴.

Jacinta tinha um particular amor a Jesus crucificado, sobretudo depois de Lúcia lhe ter contado a “história” da sua Paixão, perante a qual chorava e prometia não voltar a pecar¹⁹⁵.

Jacinta também gostava de contemplar o pôr do sol, as estrelas, às quais chamavam candeias dos Anjos, e a lua, a candeia de Nossa Senhora, que Jacinta preferia por não fazer doer os olhos, como a candeia de Nosso Senhor, o sol¹⁹⁶. Gostava de cantar e dançar¹⁹⁷ e de pegar em cordeirinhos ao colo como vira, numa pagela, Jesus fazer¹⁹⁸.

Com as Aparições começou um novo período da vida de Jacinta, marcado pelo amor a Jesus, ao sofrimento e aos pecadores¹⁹⁹. Na verdade, neste acontecimento, Jacinta desempenhou

¹⁸⁹ Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 102.

¹⁹⁰ Cf. Kondor, *Memórias da Irmã Lúcia I*, 162.

¹⁹¹ *Documentação Crítica de Fátima. I – Interrogatórios aos videntes*, 43.

¹⁹² Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 86.

¹⁹³ *Ibidem*, 103.

¹⁹⁴ Cf. Kondor, *Memórias da Irmã Lúcia I*, 37.

¹⁹⁵ Cf. *Ibidem*, 40.

¹⁹⁶ Cf. *Ibidem*, 40.

¹⁹⁷ Cf. *Ibidem*, 43.

¹⁹⁸ Cf. *Ibidem*, 44.

¹⁹⁹ Cf. *Ibidem*, 44.

um importante papel pois foi a sua primeira testemunha oral quando, ao não conseguir conter a alegria que sentia e contrariando o acordo feito entre os três videntes, contou à sua mãe²⁰⁰:

Quando, nessa mesma tarde, absorvidos pela surpresa, permanecíamos pensativos, a Jacinta, de vez em quando exclamava com entusiasmo:

- Ai! Que Senhora tão bonita!

- Estou mesmo a ver – dizia-lhe eu. – Ainda vais dizer a alguém.

- Não digo, não! – respondia. – Está descansada.

No dia seguinte, quando o seu irmão correu a dar-me a notícia de que ela o tinha dito, à noite, em casa, a Jacinta escutou a acusação sem dizer nada.

- Vês? Eu bem me parecia! – disse-lhe eu.

- Eu tinha cá dentro uma coisa que não me deixava estar calada – respondeu, com as lágrimas nos olhos.”²⁰¹

A espiritualidade de Jacinta, marcada desde o início pela Eucaristia, a Paixão de Cristo e o amor filial à Virgem Maria, aprofundou-se com as Aparições e, depois delas, começou a captar a grandeza de Deus com uma consciência muito superior à da sua idade²⁰². “Continuou com normalidade a sua vida de pastora, sem fazer alarido das suas experiências e sem se aproveitar das vantagens (...) que podia representar o entusiasmo que suscitava entre muitos crentes. O seu desapego das vantagens ou benefícios mundanos levou-a a suportar também os insultos ou provocações que provinham dos cétricos ou dos incrédulos. A sua reação era sobretudo a da oração e do perdão por aqueles que a criticavam”²⁰³.

A sua sensibilidade às dores de Jesus, as recomendações da Virgem Maria e a visão do Inferno, acentuaram um traço muito característico da espiritualidade de Jacinta, a sua disposição de fazer sacrifícios pelos pecadores, daí que, para ela, fazer sacrifícios representava uma alegria pois era assim que expressava a sua solidariedade para com eles²⁰⁴. Aliás, “a generosidade para com os pobres e os sacrifícios pelos pecadores são os traços mais destacados em Jacinta”²⁰⁵ como atesta a Irmã Lúcia:

“A Jacinta tomou a peito os sacrifícios pela conversão dos pecadores, que não deixava escapar ocasião alguma. Havia umas crianças, filhas de uma família da Moita, que andavam pelas portas a pedir. Encontrámo-las, um dia quando íamos com o nosso rebanho. A Jacinta, ao vê-las, disse-nos:

- Damos a nossa merenda àqueles pobrezinhos, pela conversão dos pecadores?

E correu a levar-lha. (...)

A Jacinta parecia insaciável na prática do sacrifício. Um dia, um vizinho ofereceu a minha mãe uma boa pastagem para o nosso rebanho; mas era bastante longe e estávamos no pino do Verão. (...) Pelo caminho, encontrámos os nossos queridos pobrezinhos e a Jacinta correu a levar-lhe a esmola. O dia estava lindo, mas o sol era ardente; e naquela pregueira árida e seca, parecia querer abrasar tudo.

²⁰⁰ Cf. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 103.

²⁰¹ Kondor, *Memórias da Irmã Lúcia I*, 45.

²⁰² Cf. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 103-104.

²⁰³ *Ibidem*, 104.

²⁰⁴ Cf. *Ibidem*, 104.

²⁰⁵ *Ibidem*, 104.

A sede fazia-se sentir e não havia pinga d'água para beber! A princípio, oferecíamos o sacrifício com generosidade, pela conversão dos pecadores; mas, passada a hora do meio dia, não se resistia.

(...) O calor tornava-se cada vez mais intenso. As cigarras e os grilos juntavam o seu cantar aos das rãs da lagoa vizinha e faziam uma grita insuportável. A Jacinta, debilitada pela fraqueza e pela sede, disse-me com aquela simplicidade que lhe era habitual:

- Diz aos grilos e às rãs que se calem! Dói-me tanto a minha cabeça!

Então, o Francisco perguntou-lhe:

- Não queres sofrer isto pelos pecadores?!

A pobre criança, apertando a cabeça entre as mãozinhas, respondeu:

- Sim, quero. Deixa-as cantar.”²⁰⁶

Outra marca característica de Jacinta era o amor ao Santo Padre, pelo qual também rezava e fazia sacrifícios, inclusivamente aquando da prisão em Ourém, na qual foi quem mais sofreu, sobretudo com saudades dos pais²⁰⁷: “Ó meu Jesus, é por vosso amor, pela conversão dos pecadores, pelo Santo Padre e em reparação dos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria”²⁰⁸.

Tal como seu irmão Francisco, Jacinta adoeceu, vítima de pneumónica, e ainda assim continuava a fazer sacrifícios²⁰⁹. Depois da morte de Francisco, que lhe causou um imenso sofrimento, foi internada no hospital de Ourém, tendo regressado, por pouco tempo a Aljustrel, antes de ser novamente internada, desta vez em Lisboa, onde acabou por falecer²¹⁰. A sua doença prolongou-se por catorze meses e foi marcada pela paciência e confiança em Deus e na Virgem Maria, mas também por momentos luminosos e gozosos devidos a novas visitas da Senhora²¹¹.

2.4. *Beatificação e canonização de Francisco e Jacinta*

Desde muito cedo que Francisco e Jacinta ganharam fama de santidade e as pessoas, de modo espontâneo, recorriam à sua intercessão para obter graças e procuravam as suas relíquias, sendo que os seus túmulos se tornaram, depressa, local de peregrinação²¹². Assim, e depois de reconhecida a autenticidade e a credibilidade do seu testemunho, o processo de beatificação “foi aberto oficialmente a 30 de abril de 1952, e consumado solenemente a 13 de maio de 2000, sob a presidência do Papa João Paulo II, no santuário de Fátima, em Portugal”²¹³. Pela primeira

²⁰⁶ Kondor, *Memórias da Irmã Lúcia I*, 47-48.

²⁰⁷ Cf. *Ibidem*, 51-52.

²⁰⁸ *Ibidem*, 52.

²⁰⁹ Cf. *Ibidem*, 58-59.

²¹⁰ Cf. *Ibidem*, 60-64.

²¹¹ Cf. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 104.

²¹² Cf. *Ibidem*, 99-100.

²¹³ *Ibidem*, 100.

vez, a Congregação dos Santos discutiu uma causa de beatificação de crianças e isto aconteceu devido a diversos fatores como “a extensão da sua fama de santidade, o elevado número de bispos que o solicitaram, os frutos espirituais que a devoção aos pastorinhos tinha suscitado, a fecundidade pastoral de mostrar que a santidade era acessível a todas as pessoas independentemente da sua idade”²¹⁴. Além disso, no caso de Francisco e Jacinta, cumpriam-se todos os requisitos desde a sua saúde psíquica, à sua intensa união com Deus, até ao amor à Igreja e ao Papa²¹⁵.

Na homilia da cerimónia de beatificação dos dois pastorinhos, o Papa João Paulo II diz que a Igreja queria, com esta beatificação, colocar sobre o candelabro estas duas candeias que Deus acendeu para alumiar a Humanidade nas suas horas sombrias e inquietas, desejando que pudessem brilhar sobre o caminho dos peregrinos e ser uma luz amiga a iluminar Portugal inteiro²¹⁶.

Francisco e Jacinta Marto são canonizados a 13 de maio de 2017, precisamente nas celebrações do Centenário das Aparições, na Eucaristia presidida pelo Papa Francisco.

3. As Aparições

Neste terceiro ponto, centraremos a nossa atenção nos fenómenos sobrenaturais experienciados pelos três pastorinhos, dos quais passaram exatamente cem anos.

No ano de 2017 celebra-se, então, o centenário das Aparições de Nossa Senhora. Porém, as primeiras manifestações ocorreram em 1915, tendo Lúcia visto, por três vezes, uma forma humana, que posteriormente julgará ser o Anjo²¹⁷ que viria a manifestar-se aos três videntes no ano seguinte. Assim, em 1916 dá-se o primeiro ciclo de Aparições, as do Anjo e em 1917 as de Nossa Senhora. Há ainda um terceiro ciclo de Aparições, sobre o qual não nos deteremos neste ponto mas que deve ser assinalado, que ocorreu em Tuy e Pontevedra, com a Irmã Lúcia.

Vimos, no primeiro capítulo deste trabalho que o fenómeno de Fátima se enquadra nas revelações privadas e, de acordo com o Cardeal Ratzinger, neste tipo de revelações, pode haver três formas de perceção – a perceção externa corpórea, isto é, pelos sentidos; a perceção interior; e a visão espiritual²¹⁸ – sendo que, no caso de Fátima, se trata da perceção interior que, para o

²¹⁴ *Ibidem*, 100.

²¹⁵ Cf. *Ibidem*, 100.

²¹⁶ Cf. “Cerimónia de Beatificação dos Veneráveis Francisco e Jacinta, Pastorinhos de Fátima. Homilia do Santo Padre”, Papa João Paulo II, acedido em 11 de abril de 2017, http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2000/documents/hf_jp-ii_hom_20000513_beatification-fatima.html.

²¹⁷ Cf. Kondor, *Memórias da Irmã Lúcia I*, 168.

²¹⁸ Cf. Ratzinger, “Comentário Teológico”, 45-46.

vidente, tem uma presença de tal forma forte que equivale à manifestação externa sensível²¹⁹. Significa isto “que a alma recebe o toque suave de algo real mas que está para além do sensível, tornando-a capaz de ver o não-sensível, o não-visível aos sentidos: uma visão através dos «sentidos internos». Trata-se de verdadeiros «objetos» que tocam a alma, embora não pertençam ao mundo sensível que nos é habitual”²²⁰.

Porém, ainda que não seja uma fantasia, é necessário ter em conta que a visão interior se desenvolve de acordo com as limitações do vidente, sendo que este vê segundo as suas capacidades concretas, com as suas próprias modalidades de representação e conhecimento que lhe são acessíveis, iniciando depois um processo próprio de tradução²²¹ da sua experiência. Quer isto dizer que “a imagem pode ser captada apenas segundo as suas medidas e possibilidades. Assim, tais visões não são em caso algum a «fotografia» pura e simples do Além, mas trazem consigo também as possibilidades e limitações do sujeito que as apreende”²²². Daí a necessidade de uma interpretação coerente e rigorosa do acontecimento e da Mensagem de Fátima. Aquilo que os pastorinhos de Fátima viram e as imagens por eles, depois, descritas não são, então, expressão da sua fantasia, mas sim fruto duma perceção real de origem superior e íntima²²³; podendo nós “dizer que as imagens são uma síntese entre o impulso vindo do Alto e as possibilidades disponíveis para o efeito por parte do sujeito que as recebe, isto é, das crianças. Por tal motivo, a linguagem feita de imagens destas visões é uma linguagem simbólica”²²⁴.

Para já, neste ponto, deter-nos-emos na descrição dos acontecimentos, deixando a sua interpretação para mais adiante. Convém salientar que, mesmo percebendo e aceitando que, o que aconteceu em Fátima foi, então, uma visão interior, também nos referiremos ao fenómeno recorrendo ao termo “aparicação/aparições” pois é com recurso a esse termo que Lúcia relata os acontecimentos.

3.1. *Aparições do Anjo*

De acordo com as *Memórias da Irmã Lúcia*, o Anjo apareceu, aos três pastorinhos, três vezes no decorrer do ano de 1916²²⁵. Lúcia não consegue assinalar as datas com precisão, mas

²¹⁹ Cf. *Ibidem*, 46.

²²⁰ *Ibidem*, 46.

²²¹ Cf. *Ibidem*, 47.

²²² *Ibidem*, 47.

²²³ Cf. *Ibidem*, 47.

²²⁴ *Ibidem*, 47.

²²⁵ Cf. Kondor, *Memórias da Irmã Lúcia I*, 169.

indica a primeira destas três aparições na Primavera, a segunda no Verão e a terceira entre Setembro e Outubro desse mesmo ano²²⁶.

Na primeira aparição, que se deu num lugar conhecido como Loca do Cabeço, o Anjo, que se apresentou como Anjo da Paz, tinha o aspeto de um jovem e convidou as três crianças à oração²²⁷. Esta auto designação do Anjo parece remeter-nos para a situação bélica em que se vivia: o Anjo da Paz surge como alternativa a essa situação²²⁸. Tal oração – “Meu Deus eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não Vos amam”²²⁹ – é recitada ainda hoje, especialmente em celebrações de adoração. Logo nesta primeira aparição, o Anjo refere “os Corações de Jesus e Maria (...) atentos à voz”²³⁰ dos pastorinhos.

Na segunda aparição do Anjo, que se terá dado “no pino do Verão”²³¹, o Anjo apresentou-se de forma diferente – como Anjo da guarda e Anjo de Portugal²³² – e surgiu num lugar diferente, desta vez, junto ao poço da família de Lúcia²³³. O Anjo de Portugal prece aludir a “um coletivo humano exposto a altos e baixos da história, destroçado ideologicamente e carente de uma clara consciência de identidade”²³⁴. Por sua vez, afirmar-se como Anjo da guarda, evidencia um sinal da providência divina em favor do país e de cada pessoa concreta levada a buscar um caminho de felicidade e de esperança numa situação tão dramática²³⁵. Mais uma vez o Anjo refere os Corações de Jesus e Maria (desta vez como tendo para as três crianças desígnios de misericórdia), apela à oração e introduz o conceito de sacrifício como forma de reparação pelos pecados que ofendem Deus e de súplica pela conversão dos pecadores²³⁶. Dá, assim, um prenúncio de que os pastorinhos haveriam de sofrer, ao pedir-lhes que aceitem e suportem “com submissão o sofrimento que o Senhor”²³⁷ lhes enviaria.

Deu-se ainda uma terceira aparição do Anjo, na qual trazia um cálice e uma hóstia que, depois de ensinar uma nova oração²³⁸, lhes deu a comungar, dando a hóstia a Lúcia e o cálice a Francisco e Jacinta²³⁹.

²²⁶ Cf. *Ibidem*, 169-170.

²²⁷ Cf. *Ibidem*, 169.

²²⁸ Cf. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 58.

²²⁹ Kondor, *Memórias da Irmã Lúcia I*, 169.

²³⁰ *Ibidem*, 169.

²³¹ *Ibidem*, 169.

²³² Cf. *Ibidem*, 170.

²³³ Cf. *Ibidem*, 170.

²³⁴ Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 58.

²³⁵ Cf. *Ibidem*, 58.

²³⁶ Cf. Kondor, *Memórias da Irmã Lúcia I*, 170.

²³⁷ *Ibidem*, 170.

²³⁸ “Santíssima Trindade, Padre, Filho Espírito Santo, adoro-Vos profundamente e ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da terra, em reparação pelos ultrajes e sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores.”

²³⁹ Cf. Kondor, *Memórias da Irmã Lúcia I*, 171.

Após as aparições do Anjo, os pastorinhos ficavam num estado de abatimento físico e sentiam-se, inclusivamente, privados do uso dos sentidos²⁴⁰.

3.2. *Aparições de Nossa Senhora*

As aparições de Nossa Senhora diferem consideravelmente das do Anjo: “não sei porquê, as aparições de Nossa Senhora produziam em nós efeitos bem diferentes. A mesma alegria íntima, a mesma paz e felicidade, mas, em vez de abatimento físico, uma certa agilidade expansiva; em vez desse aniquilamento na divina presença, um exultar de alegria; em vez dessa dificuldade no falar, um certo entusiasmo comunicativo”²⁴¹. Lúcia considera as primeiras como uma espécie de preparação para as mariofanias, que comportam, então, uma novidade incomparável²⁴².

As Aparições de Maria em Fátima têm um objetivo, trazem consigo uma Mensagem. Diz o Papa Francisco que “A Virgem Mãe não veio aqui, para que A víssemos; para isso teremos a eternidade inteira (...). Ela, antevendo e advertindo-nos para o risco do Inferno onde leva a vida – tantas vezes proposta e imposta – sem-Deus e profanando Deus nas suas criaturas, veio lembrar-nos a Luz de Deus que nos habita e cobre”²⁴³.

Vejamos, então, uma breve descrição das seis mariofanias de Fátima em 1917, antes de passarmos a uma análise da sua Mensagem.

3.2.1. Primeira Mariofania: “Quereis oferecer-vos a Deus?”

De acordo com as *Memórias da Irmã Lúcia*, a primeira aparição de Nossa Senhora, aconteceu no dia 13 de maio de 1917, na Cova da Iria²⁴⁴. Lúcia, Francisco e Jacinta estavam a brincar quando surgiram os primeiros relâmpagos e, com medo da trovoada, decidiram regressar a casa com as suas ovelhas²⁴⁵. Porém, a sua caminhada seria “interrompida”:

“Ao chegar, mais ou menos ao meio da encosta, (...) vimos, sobre uma carrasqueira, uma Senhora, vestida toda de branco, mais brilhante que o Sol, espargindo luz, mais clara e intensa que um copo de cristal cheio d’água cristalina, atravessado pelos raios do sol mais ardente. Paramos surpreendidos pela aparição. Estávamos tão perto, que ficávamos dentro da luz que A cercava ou ela espargia.”²⁴⁶

²⁴⁰ Cf. *Ibidem*, 171.

²⁴¹ *Ibidem*, 171.

²⁴² Cf. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 90.

²⁴³ “Santa Missa com o Rito da Canonização dos Beatos Francisco Marto e Jacinta Marto. Homilia do Santo Padre”.

²⁴⁴ Cf. Kondor, *Memórias da Irmã Lúcia I*, 172.

²⁴⁵ Cf. *Ibidem*, 172-173.

²⁴⁶ *Ibidem*, 173.

Iniciou-se, então, o diálogo: Lúcia questiona a Senhora, perguntando de onde é e o que quer; a Senhora responde que é do Céu e pede que regressem ao mesmo sítio no mesmo dia durante seis meses, sendo que no final dirá quem é²⁴⁷. O diálogo desenvolve-se e é já nesta primeira aparição que Maria lança um desafio que marcará toda a vida e espiritualidade das três crianças – “Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?”²⁴⁸. Além disto, pede ainda a oração diária do terço como forma de se alcançar a paz²⁴⁹.

Como já foi anteriormente referido, logo depois desta aparição, e contrariamente ao que tinham acordado entre os três, Jacinta conta à sua mãe a experiência que tinham tido²⁵⁰ e a notícia foi-se espalhando, surgindo logo alguns problemas, sobretudo para Lúcia, cuja mãe não acreditava nela e, considerando que estava a mentir, a queria obrigar a confessar ter mentido, não lhe poupando, par tal, repreensões²⁵¹. Também começaram os interrogatórios, sendo os primeiros feitos pelo pároco²⁵², e que podem ser consultados na *Documentação Crítica de Fátima*, já citada neste trabalho, e onde constam também outros, como é o caso dos interrogatórios feito pelo Dr. Manuel Nunes Formigão, interrogatórios feitos a outras pessoas e outros documentos.

3.2.2. Segunda Mariofania: um refúgio

Além dos problemas causados, o facto de o acontecimento ter sido divulgado, começou a atrair pessoas e, quando se deu a segunda aparição, a 13 de junho de 1917, já outras pessoas se juntavam e rezavam com os pastorinhos antes da mariofania²⁵³. A estrutura da segunda aparição é semelhante à da primeira: há um relâmpago e de seguida surge a Senhora sobre a carrasqueira; Maria volta a pedir que ali venham nos dias 13, que rezem o terço todos os dias mas faz um pedido inédito: que aprendam a ler²⁵⁴. De facto, como já vimos, Lúcia, só depois das Aparições, aprende a ler e a escrever, competência que lhe seria, depois, útil no registo e divulgação dos acontecimentos e sua Mensagem. Há também, nesta aparição, um anúncio que deixa Lúcia reticente: o Francisco e a Jacinta seriam levados em breve para o céu; ela ficaria

²⁴⁷ Cf. *Ibidem*, 173.

²⁴⁸ *Ibidem*, 173-174.

²⁴⁹ Cf. *Ibidem*, 174.

²⁵⁰ Cf. *Ibidem*, 45.

²⁵¹ Cf. *Ibidem*, 48.

²⁵² Cf. *Ibidem*, 49.

²⁵³ Cf. *Ibidem*, 175.

²⁵⁴ Cf. *Ibidem*, 175.

mais tempo pois seria um instrumento de Jesus para fazer conhecer e amar Maria e estabelecer a devoção do seu Imaculado Coração²⁵⁵. Porém, as palavras de Maria serenam Lúcia: “Não desanimem. Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus”²⁵⁶. Depois Maria volta a mostrar a mesma luz da primeira aparição na qual os pastorinhos se sentem “como que submergidos em Deus”²⁵⁷.

Depois desta segunda aparição, as incompreensões, sobretudo pela parte da mãe e das irmãs de Lúcia e do pároco, acentuam-se:

“Por este tempo, o pároco da minha freguesia soube do que se passava e mandou dizer a minha mãe que me levasse a sua casa. (...)”

Minhas irmãs tomaram também o partido de minha mãe e inventaram um sem número de ameaças, para assustar-me com a entrevista do Pároco. (...)”

No dia seguinte, lá fui atrás de minha mãe (...). Ao subir os primeiros degraus, minha mãe volta-se para mim e diz-me:

- Não me rales mais! Agora diz ao senhor prior que mentiste, para que ele possa, no Domingo, dizer na Igreja que foi mentira e assim acabar com tudo. Isto tem lá jeito! Toda a gente a correr para a Cova da Iria, a rezar diante de uma carrasqueira!

(...) O interrogatório foi muito minucioso e, quase me atrevia a dizer, maçador. Sua Rev.^{cia} fez-me uma pequena advertência, porque, dizia:

- Não me parece uma revelação do céu. (...) Vamos a ver. O futuro dirá o que havemos de pensar.”²⁵⁸

3.2.3. Terceira Mariofania: o “segredo”

Na terceira mariofania, que tem lugar no dia 13 de julho de 1917, o número de pessoas que acorrem à Cova da Iria é já bastante maior; nas palavras de Lúcia, é já uma numerosa multidão que com eles reza o terço antes do clarão de luz que antecede a aparição da Senhora sobre a carrasqueira²⁵⁹. A Senhora continua a pedir que ali vão nos dias 13, continua a pedir a oração do terço, promete um milagre, em Outubro, para que todos acreditem e pede sacrifícios pela conversão dos pecadores e pela reparação do seu Imaculado Coração²⁶⁰.

É nesta aparição que surge o “segredo” que virá a causar ainda mais constrangimentos aos três videntes mas que eles guardarão fielmente de acordo com o que pede Nossa Senhora: “isto não o digais a ninguém”²⁶¹.

Somente na terceira *Memória*, datada de 8 de agosto de 1941, a Irmã Lúcia revela as duas primeiras de três partes do “segredo” – “o segredo consta de três coisas distintas, duas das

²⁵⁵ Cf. *Ibidem*, 175.

²⁵⁶ *Ibidem*, 175.

²⁵⁷ *Ibidem*, 175.

²⁵⁸ *Ibidem*, 85.

²⁵⁹ Cf. *Ibidem*, 176.

²⁶⁰ Cf. *Ibidem*, 176.

²⁶¹ *Ibidem*, 177.

quais vou revelar”²⁶². Relativamente à terceira parte do segredo, Lúcia redige-a nos finais de 1943 e envia-a a Pio XII²⁶³, no entanto, só é revelada no ano 2000, depois do atentado que quase matou o Papa João Paulo II. Resumidamente, as três partes do “segredo” são as seguintes: “a primeira é a visão do inferno; a segunda refere-se à devoção ao Imaculado Coração de Maria; a terceira diz respeito à perseguição à Igreja da parte dos governos ateus, o atentado ao Papa e o futuro do mundo”²⁶⁴. Relativamente à forma, este segredo assume uma estrutura de tipo profético²⁶⁵, que mais adiante neste trabalho, aprofundaremos, assim como o seu sentido.

3.2.4. Prisão e quarta Mariofania

Chega o dia 13 de agosto, dia marcado por Nossa Senhora para ir Cova da Iria, mas, nesse dia, o Administrador vem interrogar os pastorinhos²⁶⁶ e eles acabam por ser levados para Vila Nova de Ourém. Em Ourém o que lhes causa mais sofrimento é o abandono da família²⁶⁷, sobretudo a Jacinta, que, por isso, chorava²⁶⁸. O Francisco era o mais animado e procurava também animar a irmã, muitas vezes através do convite à oferta desse sofrimento pela conversão dos pecadores ou da oração, sendo que o que mais o preocupava era não voltar a ver Nossa Senhora²⁶⁹.

Assim, a aparição de agosto não se deu no dia 13, nem na Cova da Iria: nas *Memórias*, Lúcia, aponta, sem certeza, como tendo sido no dia 15 e o local terá sido nos Valinhos²⁷⁰; porém, a Manuel Nunes Formigão, no primeiro interrogatório que este lhe fez, diz ter sido o dia 19 de agosto²⁷¹. Nesta aparição, depois de Lúcia perguntar à Virgem Maria o que deverá fazer ao dinheiro que o povo deixa na Cova da Iria, esta pede que ali seja erguida uma capela²⁷²: é o início da construção do santuário hoje existente naquele sítio. Lúcia volta a pedir a cura de alguns doentes; Maria volta a pedir oração e sacrifício²⁷³.

²⁶² *Ibidem*, 121.

²⁶³ Cf. Fiores, *O segredo de Fátima*, 72.

²⁶⁴ *Ibidem*, 72.

²⁶⁵ Cf. *Ibidem*, 73.

²⁶⁶ Cf. Kondor, *Memórias da Irmã Lúcia I*, 91.

²⁶⁷ Cf. *Ibidem*, 91.

²⁶⁸ Cf. *Ibidem*, 51.

²⁶⁹ Cf. *Ibidem*, 146-147.

²⁷⁰ Cf. *Ibidem*, 178.

²⁷¹ Cf. *Documentação Crítica de Fátima. I – Interrogatórios aos videntes*, 54.

²⁷² Cf. Kondor, *Memórias da Irmã Lúcia I*, 178.

²⁷³ Cf. *Ibidem*, 178-179.

3.2.5. Quinta Mariofania: oração e sacrifícios

Aquando da quinta mariofania, em Setembro de 1917, multidão que ocorre à Cova da Iria continua a crescer:

“Ao aproximar-se a hora, lá fui, com a Jacinta e o Francisco, entre numerosas pessoas que a custo nos deixavam andar. As estradas estavam apinhadas de gente. Todos nos queriam ver e falar. Ali não havia respeito humano. Numerosas pessoas, e até senhoras e cavalheiros, conseguindo romper por entre a multidão que à nossa volta se apinhava, vinham prostrar-se, de joelhos, diante de nós, pedindo que apresentássemos a Nossa Senhora as suas necessidades. Outros, não conseguindo chegar junto de nós, chamavam de longe (...).

Ali apareciam todas as misérias da pobre humanidade.”²⁷⁴

Nas suas *Memórias*, a Irmã Lúcia associa estas pessoas àquelas que, de acordo com o Novo Testamento, na Palestina²⁷⁵, também procuravam ver e falar com Jesus para lhe pedir os seus milagres.

Novamente depois da oração do terço, surge o clarão de luz e Nossa Senhora sobre a carrasqueira, que lhes pede que continuem a rezar e a fazer sacrifícios, mas sem exageros no uso da corda²⁷⁶: usar uma corda apertada na cintura era um dos sacrifícios que as três crianças costumavam fazer entre (outros, como bater com urtigas nas pernas ou dar a sua merenda aos pobres²⁷⁷).

3.2.6. Sexta Mariofania: o Milagre

“O dia 13 de outubro decorreu sob muita tensão. A previsão do milagre anunciado multiplicara a assistência de peregrinos e curiosos (mais de cinquenta mil)”²⁷⁸. O povo era em massa e a mãe de Lúcia decide acompanhá-la²⁷⁹. A estrutura aparição desta é a mesma das anteriores: um clarão de luz; Maria sobre a carrasqueira; pede que continuem a rezar o terço todos os dias; afirma que a guerra irá acabar; Lúcia pede a cura de alguns doentes; Nossa Senhora repete que para que se curem, é necessária emenda²⁸⁰. Há porém uma novidade, prometida desde maio, Maria apresenta-se: “quero dizer-te que façam aqui uma capela em

²⁷⁴ *Ibidem*, 179.

²⁷⁵ Cf. *Ibidem*, 179.

²⁷⁶ Cf. *Ibidem*, 180.

²⁷⁷ Cf. *Ibidem*, 92-93.

²⁷⁸ Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 96.

²⁷⁹ Cf. Kondor, *Memórias da Irmã Lúcia I*, 180.

²⁸⁰ Cf. *Ibidem*, 180-181.

minha honra, que sou a Senhora do Rosário”²⁸¹. Há também um pedido: “Não ofendam mais a Deus Nosso Senhor que já está muito ofendido”²⁸².

Por fim, deu-se o milagre prometido: Lúcia pede que todos olhem para o sol²⁸³. “O céu estava completamente nublado e chovia torrencialmente. Como que por encanto, as nuvens abriram e o sol, no seu zénite, aparece em todo o seu esplendor e girou vertiginosamente sobre si mesmo como uma bola de fogo que irradiava todas as cores do arco-íris e que projetava na terra focos de luz de efeitos surpreendentes. O espetáculo repetiu-se três vezes no espaço de dez minutos”²⁸⁴. A multidão ficou agitada reagindo com oração, exclamações, atos de contrição, pondo-se de joelhos e a impressão deste fenómeno, não só levou muitos a acreditar no testemunho dos três videntes como também provocou o debate público²⁸⁵. Este fenómeno solar foi relatado em vários jornais da época, entre os quais no jornal *O Século* num artigo publicado no dia 15 de setembro de 1917 com o título “Coisas espantosas! Como o sol bailou ao meio dia em Fátima”²⁸⁶.

4. A Igreja, o Mundo e Fátima

Como já referimos anteriormente, as testemunhas das marifanias desapareceram fisicamente de Fátima precocemente, mas, mesmo assim, Fátima vai-se tornando um acontecimento público com repercussões não só eclesiais como também políticas, não só em Portugal como também no plano internacional²⁸⁷. Na verdade, “a partir de Fátima, a história do mundo e da Igreja não é a mesma”²⁸⁸. É isso que procuraremos perceber nesse quarto ponto, procurando aprofundar o que acontece a nível eclesial, sobretudo no que diz respeito aos sucessivos Papas.

²⁸¹ *Ibidem*, 180.

²⁸² *Ibidem*, 181.

²⁸³ Cf. *Ibidem*, 181.

²⁸⁴ Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 97.

²⁸⁵ Cf. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 97.

²⁸⁶ Cf. *Documentação Crítica de Fátima. III – Das Aparições ao processo Canónico Diocesano – 1 (1917-1918)*, (Fátima: Santuário de Fátima, 2002), 237-243.

²⁸⁷ Cf. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 131.

²⁸⁸ José Jacinto Ferreira de Farias, “Segredo”, in *Enciclopédia de Fátima*, Carlos Moreira Azevedo e Luciano Cristino (coord.), (Estoril: Príncipia, 2007), 524.

4.1. *Fátima como acontecimento nacional e mundial*

Foram sobretudo os peregrinos, que não deixavam de acorrer àquele lugar²⁸⁹, que levaram a que as atenções sobre Fátima não se dissipassem. Perante tal, foram várias as posições: “para a ideologia dominante, era um espinho que questionava as suas seguranças; para o corpo eclesial perplexo e adormecido, era ao mesmo tempo um estímulo e um teste; para a política internacional, um enigma e uma incerteza”²⁹⁰. Porém, foi também muito graças à oposição do poder político e intelectual que o acontecimento, de um lugar irrelevante num país periférico da Europa, ganhou relevo e se tornou um marco sociopolítico do nosso país e do mundo; afinal Fátima oferecia uma chave de leitura profética da história²⁹¹, como veremos mais adiante.

Porém, tal relevo começou por uma firme oposição política e ideológica. Ainda que muitas pessoas não estivessem satisfeitas com as realizações da República, considerava-se que Fátima podia constituir um perigo para os ideais e projetos da nova sociedade²⁹². Assim, as autoridades republicanas começam a procurar reprimir aquilo que consideravam abusos dos defensores da religião cristã que, servindo-se do acontecimento de Fátima, procuravam manipular a população²⁹³. Assim, vão surgindo algumas perspectivas contra: por um lado, há a perspectiva dos que defendem a República e da Lei da Separação e que se opõem ao retorno do clericalismo e até à realização de procissões e outras manifestações religiosas; por outro, há a perspectiva dos que defendem as ideias progressistas e acusam a Igreja de se aproveitar da ignorância e do sofrimento do povo português, depreciam a figura dos três pastorinhos e lançam críticas aos peregrinos; por outro lado, ainda, há a perspectiva dos que defendem a ciência contra a fé, ou seja, que defendem a ciência como nova religião e consideram os milagres de Fátima absurdos alimentados pela ignorância²⁹⁴. O assunto chega mesmo a ser introduzido nas discussões do Senado, por exemplo, com a intervenção Tomás da Fonseca com alusões a Fátima no dia 23 de agosto de 1917, dizendo, entre outras coisas, que a propaganda religiosa, estúpida e inconcebível, não serve apenas para fanatizar e bestificar os crentes, mas também desnacionalizar a sociedade portuguesa²⁹⁵.

Entretanto, também as autoridades eclesiais sentiam dificuldade em moldar a sua posição pois, se por um lado era importante evitar que o acontecimento se tornasse ocasião para

²⁸⁹ Cf. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 131.

²⁹⁰ *Ibidem*, 131.

²⁹¹ Cf. *Ibidem*, 131-132.

²⁹² Cf. *Ibidem*, 132-133.

²⁹³ Cf. *Ibidem*, 133.

²⁹⁴ Cf. *Ibidem*, 133-138.

²⁹⁵ Cf. *Documentação Crítica de Fátima. III – Das Aparições ao processo Canónico Diocesano – 1 (1917-1918)*, 61-65.

o engano ou o ridículo, por outro, também era necessário evitar que ele e o movimento popular gerado fossem utilizados como arma política²⁹⁶. Por outro lado, ainda, “a consciência católica via-se agredida e ansiava por pontos de referência para articular a sua identidade coletiva. A sensibilidade dos humildes e simples, com as suas angústias e dores, acreditava ter encontrado um lugar para experimentar a misericórdia que lhes era negada noutras instâncias. Por isso, acolhiam com gozo – apesar de tudo – o convite que provinha da Cova da Iria”²⁹⁷. Assim, o silêncio inicial, sinal de cautela, não podia prolongar-se indeterminadamente pois tal atitude poderia ser utilizada contra a credibilidade do testemunho dos pastorinhos e a veracidade das Aparições²⁹⁸.

Ainda que sem uma posição oficial, as autoridades eclesiais não se mantiveram completamente inativas: o pároco de Fátima inicia cedo os interrogatórios e mantém-se em contacto com o patriarcado de Lisboa, a cuja jurisdição Fátima, na altura, pertencia; há outros interrogatórios levados a cabo pelo Vigário de Porto de Mós e por Manuel Nunes Formigão; o pároco de Fátima envia um relatório sobre os acontecimentos a 28 de abril de 1919, sendo que tal documentação é transferida para a diocese de Leiria, entretanto restaurada²⁹⁹.

Restaurada a diocese, é nomeado seu bispo Dom José Alves Correia da Silva que, ainda que inicialmente frio face a todo o acontecimento, vem a desempenhar um papel fundamental: é ele quem inicia o processo de reconhecimento; é ele quem, em 1921, aconselha a entrada de Lúcia no colégio das Doroteias; é ele quem inicia a compra de terrenos na Cova da Iria; visita a Capelinha, reza o Rosário diante da imagem e autoriza a celebração da Eucaristia naquele lugar; e permite, ainda, a publicação do livro *Os episódios maravilhosos de Fátima*, escrito por Manuel Nunes Formigão, sob o pseudónimo de Visconde do Montelo³⁰⁰. Em 1922, depois do atentado contra a Capelinha, organizam-se atos em seu desagravo, inicia-se a publicação do jornal *A Voz da Fátima* e é nomeada uma comissão de peritos para examinar, de forma rigorosa e imparcial, os factos com vista a uma tomada de posição oficial por parte do próprio Bispo³⁰¹.

Entretanto o fenómeno vai crescendo e as marifanias tornando-se acontecimento da vida eclesial, sendo que a peregrinação de 13 de maio de 1926 conta com 100 000 peregrinos e a de 1927 com 200 000, e vão sendo fundadas várias congregações³⁰². Mesmo os ataques contra Fátima acabam por ser motivo para os católicos reagirem, havendo, inclusivamente, órgãos da imprensa a estimular a coragem dos portugueses e a denunciar a opressão da Lei da Separação

²⁹⁶ Cf. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 139.

²⁹⁷ *Ibidem*, 139.

²⁹⁸ Cf. *Ibidem*, 140.

²⁹⁹ Cf. *Ibidem*, 140.

³⁰⁰ Cf. *Ibidem*, 140-141.

³⁰¹ Cf. *Ibidem*, 141.

³⁰² Cf. *Ibidem*, 141.

contra os católicos e a sua liberdade, e motivo para o surgimento de debates no seio da própria Igreja, ou seja, Fátima serve também para despertar a consciência católica³⁰³.

“O ano de 1930 foi decisivo. Em abril, depois do seu lento percurso, é apresentado o *Relatório* da Comissão Diocesana. (...) A credibilidade dos pastorinhos e os frutos espirituais, juntamente com os fenómenos milagrosos e as curas extraordinárias, permitem concluir (...) que a Virgem Santíssima apareceu em Fátima. O valor eclesial e eclesiológico é também sublinhado”³⁰⁴. Este processo culmina com a carta pastoral do Bispo de Leiria, *Sobre o Culto de Nossa Senhora da Fátima*, publicada em 13 de outubro de 1930, e que parte de dois princípios teológicos fundamentais: o de que Deus não abandona o seu povo, sobretudo nos momentos de maior dificuldade; e o de que Ele associa Maria, sua Mãe, à sua obra redentora, desde o Pentecostes³⁰⁵:

“Assim como um bom chefe de família não pode, porque nunca deve, abandonar a esposa nem os filhos, também Deus infinitamente bom, que nos criou por um ato livre de amor, não nos pode abandonar.

É o que a história e a experiência demonstram.

Que carinhos teve o Senhor para com o povo escolhido, às vezes tão ingrato e infiel!... (...)

A esta obra da Redenção e Salvação o Senhor quis associar a sua Santa Mãe.

Relembremos a agonia no Calvário. Jesus, como um pai que passa a vida a trabalhar pelos filhos, tinha-nos dado tudo sem medida nem reserva.

(...) Mas o seu amor não está ainda satisfeito.

Agora que vai morrer, quer dispor do que lhe resta; ditar seu testamento.

Mas Ele tem apenas a sua boa Mãe...

E é essa que nos vai legar! (...)

Jesus perdoa ao ladrão arrependido, aos seus carrascos: *Pai perdoai-lhes*. E depois exclama: *eis a vossa Mãe*.

E Maria Santíssima, a Virgem pura, tesouro dos céus e da terra, a *escrava do Senhor* – recebe-nos como seus filhos, gerados nas dôres imensas do Calvário! (...)

Cumprindo o legado de Jesus, ei-la com os Apóstolos esperando a descida do Divino Espírito Santo, orando com os primitivos cristãos, tomando parte nas suas aflições.

E como tem sido Mãe tão carinhosa em todos os séculos!...”³⁰⁶

No decorrer da Carta Pastoral, Dom José vai referindo algumas formas como considera que Maria continua a exercer a sua função materna: as instituições de caridade espalhadas pelo mundo e criadas sob a sua proteção; os templos erguidos em seu nome; a sua voz que chama à penitência e se ouve em La Salle, Lourdes e Fátima³⁰⁷. Refere-se, depois, concretamente às Aparições, fazendo delas uma breve descrição, assim como do início do processo³⁰⁸. Depois

³⁰³ Cf. *Ibidem*, 142-143.

³⁰⁴ *Ibidem*, 143.

³⁰⁵ Cf. *Ibidem*, 144.

³⁰⁶ D. José, “Carta Pastoral sobre o Culto de Nossa Senhora de Fátima”, 263-264.

³⁰⁷ Cf. *Ibidem*, 265.

³⁰⁸ Cf. *Ibidem*, 268-270.

descreve os três videntes, acrescenta alguns pormenores das Aparições, particularmente a de 13 de Outubro de 1917, refere-se à forma como foram sendo tratadas e como se comportaram as três crianças ao longo desses tempos, inclusivamente perante as ameaças de que foram alvo, e ainda às proibições de celebrar a fé, impostas pelas autoridades³⁰⁹.

Além disso, o texto deixa claro que as visões não são impostas como conteúdo de fé católica, mas o testemunho dos videntes é credível e pode trazer frutos espirituais para o povo cristão, assegurando ainda que o processo se produziu sem qualquer promoção do clero³¹⁰. Por fim, declara as Aparições dignas de crédito:

“Em virtude das considerações expostas (...), invocando humildemente o Divino Espírito Santo e confiados na proteção de Maria Santíssima, depois de ouvirmos os Rev. Consultores desta nossa Diocese:

Havemos por bem

1º declarar como dignas de crédito as visões das crianças na Cova da Iria, freguesia de Fátima, desta Diocese, nos dias 13 de maio a outubro de 1917;

2º permitir oficialmente o culto de Nossa Senhora de Fátima.

Resta-nos, amados Filhos em Nosso Senhor, advertir-vos que, se para nós é um grande motivo de alegria e consolação, a graça que a Santíssima Virgem nos concedeu, maior é a obrigação de correspondermos à sua bondade.

A experiência de anos demonstra que os olhos de Deus estão abertos e os ouvidos atentos às preces neste lugar», mas é preciso que pela pureza da nossa vida, prática dos Mandamentos da Lei de Deus, observância dos Preceitos da Igreja, respeito e submissão às direções da Sé Apostólica, nos mostremos integralmente católicos”³¹¹.

Entretanto, é também feita uma leitura político-religiosa de alguns eventos de então, sendo atribuídos à Virgem Maria acontecimentos como a vitória da direita nas eleições de 14 de outubro de 1917, a ascensão ao poder de Sidónio Pais em dezembro de 1917 e até a instauração do Estado Novo em 1926³¹². Os próprios bispos portugueses incentivam esta aproximação de Fátima à identidade nacional e eclesial portuguesa e, na peregrinação nacional de 13 de maio de 1931, faz-se a consagração de Portugal a Nossa Senhora³¹³.

Mas o fenómeno de Fátima ultrapassa fronteiras e repercute-se no âmbito global da Igreja Católica, desde logo, com Dom José Alves Correia da Silva a pedir, em 1937, ao papa Pio XI a consagração da Rússia ao Imaculado Coração de Maria, e os Bispos, no ano seguinte, a do mundo³¹⁴. Além disso, “a devoção à Virgem de Fátima alargou-se rapidamente ao estrangeiro e, muito rapidamente, se deram visitas e peregrinações de outros países. O jornal *Voz da Fátima* (...) foi traduzido em várias línguas e chegou a alcançar várias centenas de milhares de exemplares. Foi sobretudo a peregrinação da imagem da Virgem pelos diversos

³⁰⁹ Cf. *Ibidem*, 270-275.

³¹⁰ Cf. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 144.

³¹¹ D. José, “Carta Pastoral sobre o Culto de Nossa Senhora de Fátima”, 275.

³¹² Cf. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 146.

³¹³ Cf. *Ibidem*, 146.

³¹⁴ Cf. *Ibidem*, 147.

países que suscitou uma enorme resposta”³¹⁵. Numerosas dioceses por todo o mundo escolhem a Virgem de Fátima para padroeira e vão sendo criadas confrarias e associações de alcance internacional, como é o caso do Exército Azul, nos Estados Unidos da América, em 1947³¹⁶.

4.2. Os Papas e Fátima

Para esta dimensão mundial alcançada pelo fenómeno de Fátima e, sobretudo, a extensão do culto a Nossa Senhora de Fátima, muito contribuiu o reconhecimento e até alguns atos dos sucessivos Papas³¹⁷, dos quais apresentamos alguns.

O Papa Pio IX que, já nos começos de 1929, “recebe os membros do Colégio Português e entrega a cada um duas estampas da Virgem de Fátima (...). No final desse ano, o Papa abençoa uma estátua destinada à capela do mesmo colégio”³¹⁸.

Por sua vez, no pontificado de Pio XII há várias datas, acontecimentos e temas nucleares relacionados com Fátima, havendo desde logo, uma coincidência, mais tarde considerada pelo Papa como providência divina: a sua ordenação episcopal foi precisamente a 13 de maio de 1917³¹⁹. Entre outros aspetos a considerar, podemos colocar em relevo a carta enviada pela Irmã Lúcia, datada de 2 de dezembro de 1940, na qual Lúcia revela algumas partes do “segredo” e apresenta, como condição urgente para a paz, a devoção dos cinco primeiros sábados e a consagração da Rússia³²⁰. Destacamos ainda, a primeira manifestação de apreço deste Papa relativamente aos acontecimentos de Fátima tem lugar no dia 31 de outubro de 1942: através de uma radiomensagem por ocasião da coroação da Virgem de Fátima, com a coroa oferecida pelas mulheres portuguesas, o Papa Pio XII considera que Portugal foi cumulado de benefícios extraordinário pela Mãe de Deus, entre benefícios físicos e prodígios de graça e conversão, e louva a genuinidade da devoção dos Portugueses para com Nossa Senhora de Fátima³²¹.

João XXIII iniciou a sua relação com Fátima ainda enquanto patriarca de Veneza, quando presidiu à peregrinação de 13 de maio de 1956, então Cardeal Roncalli³²². Enquanto Papa manifestou simpatia e benevolência face aos acontecimentos de Fátima em discursos, homilias e documentos escritos, a par, também de uma certa reserva³²³. Para melhor perceber a

³¹⁵ *Ibidem*, 147.

³¹⁶ Cf. *Ibidem*, 147-148.

³¹⁷ Cf. *Ibidem*, 148.

³¹⁸ *Ibidem*, 148.

³¹⁹ Cf. Luciano Guerra, “Pio XII e Fátima”, in *Enciclopédia de Fátima*, Carlos Moreira Azevedo e Luciano Cristino (coord.), (Estoril: Principia, 2007), 410.

³²⁰ Cf. Guerra, “Pio XII e Fátima”, 411.

³²¹ Cf. *Ibidem*, 412-413.

³²² Cf. Luciano Guerra, “João XXIII e Fátima”, in *Enciclopédia de Fátima*, Carlos Moreira Azevedo e Luciano Cristino (coord.), (Estoril: Principia, 2007), 275-276.

³²³ Cf. Guerra, “João XXIII e Fátima”, 278.

relação do Papa João XXIII com Fátima será necessário ter sempre em conta a “conjetura de ideias e movimentos que se formou antes e durante o concílio ecumênico, por ele convocado, acerca do lugar de Nossa Senhora no mistério de Cristo e da Igreja, assim como do papel das suas aparições no incremento do culto mariano e mesmo na história do mundo”³²⁴ e também da situação história e política, marcada pela implantação do comunismo³²⁵.

A conclusão do Concílio Ecumênico Vaticano II aconteceu já no pontificado de Paulo VI mas antes, “ao finalizar a terceira sessão do Concílio Vaticano II, não só mencionou Nossa Senhora de Fátima, quando proclamou Maria como Mãe da Igreja, como decidiu também enviar-lhe a Rosa de Ouro”³²⁶. No que concerne a Fátima, para este Papa, o problema de fundo era o da realidade e valor divinos das aparições e os pedidos que a vidente Lúcia fizera chegar ao conhecimento de sucessivos Papas, e que “faziam depender a conversão da Rússia e a paz mundial de duas coisas: um ato solene de consagração dessa nação ao Imaculado Coração de Maria, a realizar em simultâneo pelo Papa e por todos os bispos do mundo, e a aprovação pontifícia da chamada devoção dos cinco primeiros sábados”³²⁷. Não é Paulo VI quem faz essa consagração, mas é o primeiro Papa a visitar o Santuário de Fátima em 13 de maio de 1967, pelo cinquentenário das Aparições, também refere-se com frequência a Nossa Senhora de Fátima e menciona, na exortação *Signum Magnum*, que assinala a sua peregrinação a Fátima, a necessidade de cada um dos cristãos se consagrar a Maria³²⁸.

“João Paulo I não dispôs de tempo para expressar a sua opinião, mas como cardeal visitara o local em 1977, tendo-se inclusive encontrado com Lúcia”³²⁹.

João Paulo II é o Papa que tem uma relação mais frequente e profunda com Fátima e isso deve-se, sobretudo, ao atentado que sofreu a 13 de maio de 1981, quase à mesma hora da primeira aparição de Nossa Senhora³³⁰. “A coincidência é para ele um sinal claro que Deus lhe envia. O Papa convence-se de que foi Maria quem o livrou da morte; pede que lhe levem ao hospital a última parte do segredo de Fátima, ainda por publicar; lê as *Memórias da Irmã Lúcia*; faz imediatamente uma primeira consagração da Igreja e do Mundo ao Imaculado Coração de Maria”³³¹. A 12 de maio de 1982 desloca-se a Fátima pela primeira vez para agradecer à Mãe de Deus por lhe ter salvo a vida, sendo que, ao longo do seu pontificado, faz outras referências

³²⁴ *Ibidem*, 277.

³²⁵ Cf. *Ibidem*, 278.

³²⁶ Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 149.

³²⁷ Luciano Guerra, “Paulo VI e Fátima”, in *Enciclopédia de Fátima*, Carlos Moreira Azevedo e Luciano Cristino (coord.), (Estoril: Principia, 2007), 392.

³²⁸ Cf. Guerra, “Paulo VI e Fátima”, 393-394.

³²⁹ Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 149.

³³⁰ Cf. Luciano Guerra, “João Paulo II e Fátima”, in *Enciclopédia de Fátima*, Carlos Moreira Azevedo e Luciano Cristino (coord.), (Estoril: Principia, 2007), 281.

³³¹ Guerra, “João Paulo II e Fátima”, 281.

a este facto, inclusivamente diante da imagem da Capelinha das Aparições que, em 25 de março de 1984, se encontra em Roma a seu pedido³³². Nesse mesmo dia, na Praça de S. Pedro, João Paulo II, em união com todos os bispos do mundo, entrega ao Imaculado Coração de Maria a Humanidade, sendo tal ato considerado por Lúcia como o correspondente ao pedido de Nossa Senhora³³³. O Papa João Paulo II viria a Portugal ainda mais duas vezes, sendo que, na terceira, em maio de 2000, beatificou Jacinta e Francisco e permitiu a revelação da terceira parte do “segredo” que, desde 1957, estava guardada nos cofres da Santa Sé, e fez tudo o que era possível para colocar a chancela pontifícia nos acontecimentos e na Mensagem de Fátima³³⁴.

Antes de eleito Papa, o cardeal Ratzinger visitara o santuário em duas ocasiões, em 1996 e 2000, e publicara, enquanto responsável da Congregação para a Doutrina da Fé, um clarividente estudo sobre a interpretação do “segredo” de Fátima³³⁵. Tal comentário teológico insere-se num documento intitulado *A Mensagem de Fátima*³³⁶, que conta com outros textos, entre os quais o texto das três partes do segredo, publicado pela Santa Sé, em junho de 2000, por mandato do próprio Papa, e que constitui uma surpreendente abertura da Igreja às revelações particulares e uma autenticação global da realidade de Fátima³³⁷. Já como Papa, Bento XVI visitou Fátima em 2010³³⁸.

Tendo sido eleito em 2012, o Papa Francisco, iniciou o seu ministério como bispo de Roma, pedindo ao patriarca de Lisboa que consagrasse o seu pontificado à Virgem de Fátima³³⁹. A 12 e 13 de maio de 2017, deslocou-se a Fátima por ocasião do Centenário das Aparições, presidindo à canonização dos videntes Jacinta e Francisco Marto.

5. A Mensagem de Fátima

Após esta breve releitura dos principais acontecimentos históricos e eclesiais, percebemos que “Fátima é um fenómeno que só tardiamente foi «apropriado» pela Igreja Católica Romana. Nem padres, teólogos, bispos, Papas, Vaticano ou intelectuais aceitaram Fátima nos primeiros anos”³⁴⁰. Porém, ao fim de algum tempo, a Igreja Católica percebeu que

³³² Cf. *Ibidem*, 281-282.

³³³ Cf. *Ibidem*, 282.

³³⁴ Cf. *Ibidem*, 284-285.

³³⁵ Cf. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 149.

³³⁶ Congregação para a Doutrina da Fé, *A Mensagem de Fátima* (Lisboa: Paulinas, 2000).

³³⁷ Cf. Luciano Guerra, “Bento XVI e Fátima”, in *Enciclopédia de Fátima*, Carlos Moreira Azevedo e Luciano Cristino (coord.), (Estoril: Príncipia, 2007), 77.

³³⁸ Cf. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 149.

³³⁹ Cf. *Ibidem*, 149.

³⁴⁰ Joaquim Carreira das Neves, “Mensagem”, in *Enciclopédia de Fátima*, Carlos Moreira Azevedo e Luciano Cristino (coord.), (Estoril: Príncipia, 2007), 349.

Fátima, cuja Mensagem não se considera dogmática, pertence ao mistério do Deus que, sempre atento à Humanidade, continua a intervir na história através das revelações particulares, e, depois de um profundo exame, considerou tal fenómeno como um verdadeiro dom d’Ele à Igreja e ao mundo³⁴¹.

É interessante perceber que, depois das Aparições, as contingências históricas acabam por facilitar o desaparecimento físico das testemunhas – Jacinta e Francisco morrem muito cedo e Lúcia parte para o Porto, passando a sua vida em clausura – o que ajuda a que sobressaia a Mensagem da mariofania, que continua a atrair crentes e a difundir-se por todo o mundo, tornando-se acontecimento mundial³⁴². “O acontecimento-Fátima deixa assim transparecer nitidamente o paradoxo do testemunho cristão: deixa todo o espaço à ação do Outro e simultaneamente permite ao observador captar o reflexo da graça na biografia das testemunhas”³⁴³.

Assim, e de acordo com a Irmã Lúcia, toda a Mensagem de Fátima é uma chamada de atenção para Deus, cuja lei deve ser norma e guia dos passos da Humanidade, sendo que a Mensagem de Fátima está em estreita ligação com a Sagrada Escritura³⁴⁴. Aliás, “na mensagem de Fátima não existe nada que não esteja na Bíblia”³⁴⁵ e pode mesmo dizer-se que esta mensagem atualiza a mensagem do Evangelho e a História da Salvação do próprio Deus, pois o Deus da Bíblia é o Deus da história dos homens e das mulheres reais, que ora obedecem, ora desobedecem, à Sua Palavra, aos Seus Mandamentos e à Sua Aliança³⁴⁶.

Tentemos então entender do que se trata a Mensagem de Fátima, admitindo, à partida, que o “segredo” tem nela uma posição incontornável.

5.1. O “Segredo”

A Mensagem de Fátima está intrinsecamente ligada ao chamado “segredo” que foi confiado pela Virgem Maria a Lúcia, Francisco e Jacinta na mariofania de julho de 1917. Este “segredo”, que só pode ser entendido situado no conjunto da mensagem global contida nas aparições aos três pastorinhos³⁴⁷, consiste, basicamente, numa visão repartida em três partes, que a seguir transcrevemos. Tal “segredo”, precisa, necessariamente, de uma interpretação. Por

³⁴¹ Cf. Carreira das Neves, “Mensagem”, 350-351.

³⁴² Cf. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 85.

³⁴³ *Ibidem*, 85-86.

³⁴⁴ Cf. Irmã Lúcia, *Apelos da Mensagem de Fátima*, 59.

³⁴⁵ Carreira das Neves, “Mensagem”, 350.

³⁴⁶ Cf. *Ibidem*, 353-354.

³⁴⁷ Cf. Fiores, *O Segredo de Fátima*, 19.

isso, procuramos, neste ponto, interpretá-lo e perceber a sua mensagem sobretudo a partir do inigualável contributo do Cardeal Joseph Ratzinger.

“Bem o segredo consta de três coisas distintas, duas das quais vou revelar.

A primeira foi pois a vista do inferno!

Nossa Senhora mostrou-nos um grande mar de fôgo que parecia estar debaixo da terra. Mergulhados em êsse fôgo os demónios e as almas (...), entre gritos e gemidos de dôr e desespero que horrorizava e fazia estremecer de pavor. (...) Esta vista foi um momento (...).

Em seguida, levantámos os olhos para Nossa Senhora que nos disse com bondade e tristeza:

- Vistes o inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores, para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção a meu Imaculado Coração. Se fizerem o que eu disser salvar-se-ão muitas almas e terão paz. A guerra vai acabar, mas se não deixarem de ofender a Deus, no reinado de Pio XI começará outra peor. (...) Para a impedir virei pedir a consagração da Rússia a meu Imaculado Coração e a comunhão reparadora nos primeiros sábados. Se atenderem a meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz, se não, espalhará seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja, os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas, por fim o meu Imaculado Coração triunfará. O Santo Padre consagrar-me-á a Rússia, que se converterá, e será concesso ao mundo algum tempo de paz”³⁴⁸.

A partir desta descrição que a Irmã Lúcia faz das primeiras duas partes do “segredo”, percebemos que a intenção principal da visão é a salvação das almas: “os pastorinhos experimentaram, durante um instante terrível, uma visão do inferno. Viram a queda das «almas dos pobres pecadores». Em seguida, foi-lhes dito o motivo pelo qual tiveram de passar por esse instante: para «salvá-las» — para mostrar um caminho de salvação. (...) Como caminho para se chegar a tal objetivo, é indicado (...) a devoção ao Imaculado Coração de Maria”³⁴⁹. Sabemos que, na linguagem da Bíblia, o termo “coração”, designa o centro da existência humana, onde convergem razão, vontade, temperamento e sensibilidade, e onde a pessoa humana encontra a sua unidade e orientação interior, e o “coração imaculado” é, segundo o evangelista Mateus (Mt 5,8), um coração que a partir de Deus chegou a uma perfeita unidade interior e O vê³⁵⁰. Assim, conclui o Cardeal Ratzinger que a “devoção” ao Imaculado Coração de Maria se trata de um aproximar-se desta atitude do coração, na qual o *fiat*, a entrega à vontade de Deus, se torna o centro conformador de toda a existência³⁵¹. Esta atitude é fundamental para que a pessoa se salve, para que não “caia” no inferno.

Relativamente à terceira parte do “segredo”, o relato escrito por Lúcia em 1944, mas apenas divulgado em 2000, é o seguinte:

³⁴⁸ Kondor, *Memórias da Irmã Lúcia I*, 120-122.

³⁴⁹ Ratzinger, “Comentário Teológico”, 48.

³⁵⁰ Cf. *Ibidem*, 49.

³⁵¹ Cf. *Ibidem*, 49.

“A terceira parte do segredo revelado a 13 de Julho de 1917 na Cova da Iria-Fátima.

Escrevo em acto de obediência a Vós Deus meu, que mo mandais por meio de sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria e da Vossa e minha Santíssima Mãe.

Depois das duas partes que já expus, vimos ao lado esquerdo de Nossa Senhora um pouco mais alto um Anjo com uma espada de fogo em a mão esquerda; ao centilar, despedia chamas que parecia iam encendiar o mundo; mas apagavam-se com o contacto do brilho que da mão direita expedia Nossa Senhora ao seu encontro: O Anjo apontando com a mão direita para a terra, com voz forte disse: Penitência, Penitência, Penitência! E vimos n'uma luz emensa que é Deus: “algo semelhante a como se vêem as pessoas n'um espelho quando lhe passam por diante” um Bispo vestido de Branco “tivemos o pressentimento de que era o Santo Padre”. Varios outros Bispos, Sacerdotes, religiosos e religiosas subir uma escabrosa montanha, no cimo da qual estava uma grande Cruz de troncos toscos como se fôra de sobreiro com a casca; o Santo Padre, antes de chegar aí, atravessou uma grande cidade meia em ruínas, e meio trémulo com andar vacilante, acabrunhado de dôr e pena, ia orando pelas almas dos cadáveres que encontrava pelo caminho; chegado ao cimo do monte, prostrado de juelhos aos pés da grande Cruz foi morto por um grupo de soldados que lhe dispararam varios tiros e setas, e assim mesmo foram morrendo uns trás outros os Bispos Sacerdotes, religiosos e religiosas e varias pessoas seculares, cavalheiros e senhoras de varias classes e posições. Sob os dois braços da Cruz estavam dois Anjos cada um com um regador de cristal em a mão, n'êles recolhiam o sangue dos Martires e com êle regavam as almas que se aproximavam de Deus”³⁵².

Se a ideia-chave das duas primeiras partes era a salvação das almas, nesta terceira parte a palavra-chave é a “penitência” cuja necessidade se percebe se se tiver em conta a leitura dos sinais dos tempos, que exigem não só penitência como também conversão e fé³⁵³. Nesta terceira parte, há várias imagens a ter em conta: antes de mais, um anjo, com uma espada de fogo que representa a ameaça do juízo que pende sobre o mundo; contraposto a esta ameaça de destruição, está o brilho da Mãe de Deus que, de acordo com Ratzinger, sublinha a importância da liberdade humana, ou seja, o futuro não está imutavelmente determinado, o sentido da visão está precisamente na possibilidade de se mobilizar as forças da mudança para o bem³⁵⁴. Então, “a visão, fala sobretudo de perigos e do caminho para salvar-se deles”³⁵⁵.

Na descrição do lugar, podemos encontrar também três símbolos: uma montanha íngreme e uma grande cidade meia em ruínas, que simbolizam o lugar da história humana, uma história de subida árdua, com comunhão e progresso mas também perigo e destruição; e uma grande cruz de troncos toscos, no cimo da montanha, meta e ponto de orientação da história e onde a destruição é transformada em salvação³⁵⁶. Relativamente às personagens, há o Bispo

³⁵² Irmã Lúcia, “Terceira Parte do «Segredo», in *A Mensagem de Fátima*, Congregação para a Doutrina da Fé, 22-27.

³⁵³ Cf. Ratzinger, “Comentário Teológico”, 50.

³⁵⁴ Cf. *Ibidem*, 50-51.

³⁵⁵ *Ibidem*, 51.

³⁵⁶ Cf. *Ibidem*, 51.

vestido de branco – que os pastorinhos pressentem como sendo o Santo Padre e que parece caminhar à frente dos outros –, outros bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas e, ainda, homens e mulheres de todas as classes e posições sociais, que caminham ladeados, não só pelas casas em ruínas, mas também pelos cadáveres dos mortos³⁵⁷. “Deste modo, o caminho da Igreja é descrito como uma Via Sacra, como um caminho num tempo de violência, destruições e perseguições. Nesta imagem, (...) podemos reconhecer o século vinte como século dos mártires, como século dos sofrimentos e perseguições à Igreja, como o século das guerras mundiais e de muitas guerras locais que ocuparam toda a segunda metade do mesmo”³⁵⁸.

A figura do Papa, nesta visão, é central e, sendo ele próprio morto a tiro na estrada dos mártires, João Paulo II, após o atentado de 13 de maio de 1981, reconhece a sua própria história nesta parte do “segredo” e assume ter sido a mão materna de Maria a desviar o projétil que devia ter sido fatal, mostrando, uma vez mais que não existe um destino imutável, e a fé e a oração são forças que podem ter influência na história³⁵⁹.

Mas a visão, ainda que marcada pelo sofrimento, conclui-se de com esperança: surgem anjos que recolhem o sangue dos braços da cruz, sangue dos mártires, um sangue que na cruz se mistura com o do próprio Cristo, e com o qual regam as almas dos justos³⁶⁰: “o sangue dos mártires é semente de cristãos, disse Tertuliano. Tal como nasceu a Igreja da morte de Cristo, do seu lado aberto, assim também a morte das testemunhas é fecunda para a vida futura da Igreja. Deste modo, a visão da terceira parte do «segredo», tão angustiante ao início, termina numa imagem de esperança: nenhum sofrimento é vão, e precisamente uma Igreja sofredora, uma Igreja dos mártires torna-se sinal indicador para o homem na sua busca de Deus”³⁶¹.

Podemos, então, concluir que o “segredo”, no conjunto das três partes, significa sobretudo uma exortação à oração, à penitência e à conversão como caminho para a salvação das almas³⁶². Ratzinger não termina o seu comentário teológico sem acentuar ainda uma expressão da Virgem Maria: “o meu Imaculado Coração triunfará”³⁶³ e o seu particular significado que não podemos senão transcrever:

“significa que este Coração aberto a Deus, purificado pela contemplação de Deus, é mais forte que as pistolas ou outras armas de qualquer espécie. O *fiat* de Maria, a palavra do seu Coração, mudou a história do mundo, porque introduziu neste mundo o Salvador: graças àquele «Sim», Deus pôde fazer-Se homem no nosso meio e tal permanece para sempre. Que o maligno tem poder neste mundo, vemo-lo e experimentamo-lo continuamente; tem poder, porque a nossa liberdade se deixa

³⁵⁷ Cf. *Ibidem*, 51-52.

³⁵⁸ *Ibidem*, 52.

³⁵⁹ Cf. *Ibidem*, 52-53.

³⁶⁰ Cf. *Ibidem*, 53.

³⁶¹ *Ibidem*, 53-54.

³⁶² Cf. *Ibidem*, 54.

³⁶³ Kondor. *Memórias da Irmã Lúcia I*, 122.

continuamente desviar de Deus. Mas, desde que Deus passou a ter um coração humano e deste modo orientou a liberdade do homem para o bem, para Deus, a liberdade para o mal deixou de ter a última palavra. O que vale desde então, está expresso nesta frase: «No mundo tereis aflições, mas tende confiança! Eu venci o mundo» (Jo 16,33). A mensagem de Fátima convida a confiar nesta promessa³⁶⁴.

5.2. A Mensagem (global) de Fátima

Parece-nos que no “segredo” e sua interpretação reside a parte mais fundamental da Mensagem de Fátima, ou, pelo menos, a mais profética. No entanto esta Mensagem comporta ainda outros aspetos de suma importância e que devemos sublinhar. Antes de mais é importante perceber que, ao contrário do que pode parecer, o acontecimento de Fátima é muito mais do que mariano, ele é, antes de mais e acima de tudo, um acontecimento teocêntrico: “a luz, a beleza e a alegria das aparições remetem para o próprio mistério de Deus, que se faz presente no Anjo e em Maria”³⁶⁵. Este é um acontecimento que coloca no centro o protagonismo de Deus e, ao mesmo tempo, suscita uma resposta e um acolhimento por parte dos destinatários, sendo que é em torno desta relação que giram todas as outras dimensões do fenómeno³⁶⁶.

Assim, nas angelofanias, podemos ver um itinerário pedagógico que prepara as três crianças para penetrar no mistério de Deus³⁶⁷. Aliás, um Anjo, na tradição bíblica, é sempre um mensageiro de Deus. Lúcia diz mesmo que as palavras do Anjo a fazem compreender quem era Deus – “estas palavras do Anjo gravaram-se em nosso espírito, como uma luz que nos fazia compreender quem era Deus, como nos amava e queria ser amado”³⁶⁸ – e que chega a ver a presença de Deus no Anjo – “a força da presença de Deus era tão intensa que nos absorvia e aniquilava quase por completo”³⁶⁹.

Além disto, o Anjo ensina-lhes duas orações (transcritas mais acima³⁷⁰) de caráter teocêntrico e trinitário. Na primeira³⁷¹, além das três virtudes teológicas, reparamos na introdução do “adoro” e podemos entendê-la como resposta à iniciativa de Deus que vem ao encontro da criatura, que se reconhece diferente do criador, agraciada por um Deus que se faz próximo e destinatária de um dom e de um convite³⁷². Os pastorinhos são capazes de se reconhecer dessa forma e, além de aceitarem o convite de participar ativamente no oferecimento

³⁶⁴ Ratzinger, “Comentário Teológico”, 54-55.

³⁶⁵ Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 177.

³⁶⁶ Cf. *Ibidem*, 177.

³⁶⁷ Cf. *Ibidem*, 178.

³⁶⁸ Kondor, *Memórias da Irmã Lúcia I*, 170.

³⁶⁹ *Ibidem*, 171.

³⁷⁰ Cf. página 47 deste Relatório.

³⁷¹ “Meu Deus eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não Vos amam.”

³⁷² Cf. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 181.

e oblação da sua própria vida, tal como Jesus deu a sua vida por causa do pecado, da descrença, da falta de amor e dos ultrajes contra Deus³⁷³, também os encontramos muitas vezes em posição de oração e adoração. Aliás, a adoração, enquanto oração e súplica, elimina o panteísmo e a idolatria e Fátima assume-se como acontecimento permanentemente contraposto às ideologias que se consideram absolutas ou autossuficientes³⁷⁴, daí a adoração, sobretudo a eucarística, ser uma constante em Fátima.

Parece-nos importante não deixar de referir que Lúcia vê na primeira oração ensinada pelo Anjo, vários apelos de Deus, apelos estes sempre em consonância com a Sagrada Escritura³⁷⁵ e que vão de encontro ao que acabamos de dizer. Tal oração é “um apelo à fé: Meu Deus, eu creio!”³⁷⁶; é um apelo à adoração que, no seu entender, também remete para o primeiro Mandamento da Lei de Deus e se opõe à idolatria³⁷⁷; é um apelo à esperança, uma esperança assente em Deus e na sua palavra e amor, pois “como filhos abandonados em Seus braços, certos da Sua infinita misericórdia, sabemos que a nossa confiança não será desiludida”³⁷⁸; é um apelo a um amor puro, casto, fiel a Deus e aos outros que é, ele mesmo, resposta ao amor de Deus³⁷⁹; e é um apelo ao perdão que não só se pede a Deus por nós e pelos outros, mas também semelhante ao perdão que Deus, misericordioso, está sempre pronto a dar³⁸⁰.

A Mensagem de Fátima é não só teocêntrica, mas também trinitária. Aliás, “O acontecimento de Fátima está desde o início centrado em Deus Trindade. A luz e a beleza que irradiavam da presença do Anjo e da Senhora e inundavam as três crianças eram as mãos estendidas de Deus, que na bondade do seu Amor a todos abraça”³⁸¹. Pensemos também na segunda oração do Anjo que começa da seguinte forma: “Santíssima Trindade, Pai, Filho, Espírito Santo, adoro-Vos profundamente...”³⁸². A própria Irmã Lúcia oferece-nos uma perspetiva trinitária, sendo que até a oração do Rosário, pedida por Nossa Senhora, tem, para ela, duas razões: se, por um lado, é uma oração simples e acessível todas as pessoas; por outro, também leva quem o reza a submergir nos principais mistérios de Deus, com a invocação da Santíssima Trindade, o desdobramento dos mistérios da obra redentora de Jesus Cristo e a vinda do Espírito Santo sobre Maria³⁸³.

³⁷³ Cf. *Ibidem*, 179.

³⁷⁴ Cf. *Ibidem*, 182.

³⁷⁵ Cf. Irmã Lúcia, *Apelos da Mensagem de Fátima*, 35.

³⁷⁶ *Ibidem*, 60.

³⁷⁷ Cf. *Ibidem*, 71.

³⁷⁸ *Ibidem*, 78.

³⁷⁹ Cf. *Ibidem*, 81.

³⁸⁰ Cf. *Ibidem*, 87-88.

³⁸¹ Conferência Episcopal Portuguesa, *Carta Pastoral no Centenário das Aparições. Fátima, sinal de Esperança para o nosso tempo*, n.º 8.

³⁸² Kondor, *Memórias da Irmã Lúcia I*, 170.

³⁸³ Cf. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 184-185.

A Mensagem de Fátima detém também uma fortíssima dimensão profética. Esta dimensão torna-se, no fenómeno de Fátima, paradigmática e faz dele um acontecimento de relevância mundial³⁸⁴. Na realidade, a falta de amor e da exclusão de Deus têm consequências não só na vida dos indivíduos concretos, mas também no trajeto global da Humanidade e Deus, ainda que ofendido e à espera de consolo, não se mantém indiferente mas intervém através de testemunhas, neste caso Lúcia, Francisco e Jacinta³⁸⁵. No entanto, esta dimensão profética é universal e de significado permanente, ou seja, é um acontecimento sempre atual³⁸⁶. Podemos mesmo afirmar que “a mensagem de Fátima mostra-nos uma experiência universal e permanente: o confronto entre o bem e o mal que continua no coração de cada pessoa, nas relações sociais, no campo da política e da economia, no interior de cada país e à escala internacional”³⁸⁷.

Nesta dimensão profética, fazemos sobressair a necessidade de conversão. Percebemo-lo desde logo nas angelofanias, quando o Anjo ensina uma oração pelos que não creem, não adoram, não esperam e não amam a Deus e pede aos pastorinhos que rezem e ofereçam sacrifícios pela conversão dos pecadores³⁸⁸ e nas mariofanias, sobretudo na última, quando Maria pede que não se ofenda mais a Deus³⁸⁹. A conversão, a penitência e a adoração são, portanto, elementos da resposta humana adequada à intervenção de Deus, feita através do Anjo e de Maria³⁹⁰. É necessário olhar e avaliar os dramas da história com seriedade, de forma a perceber as suas raízes e que atitude exigem pois, travar o mal preenchendo as lacunas do amor, é uma tarefa contínua³⁹¹. Mesmo os pastorinhos, na sua vida quotidiana, “tiveram de atravessar diversas manifestações do drama humano, de se confrontar com diversos rostos do mal: a incompreensão da mãe de Lúcia, o ceticismo ou as troças de alguns vizinhos, a moléstia dos curiosos, a preocupação angustiosa dos doentes, a reticência dos sacerdotes, a pressão das autoridades, os problemas familiares, a impertinência dos visitantes”³⁹², tudo isto além dos problemas relacionados com a guerra, a pobreza, a falta de instrução e as condições sociais, políticas e ideológicas em que se vivia, problemas estes provocados não pelas pessoas simples mas por elas sofridos. Fátima surge como denúncia do que está mal na vida coletiva e, por isso, além da mais profética das aparições, é também a mais política, com largo alcance e

³⁸⁴ Cf. *Ibidem*, 197.

³⁸⁵ Cf. *Ibidem*, 197.

³⁸⁶ Cf. *Ibidem*, 198.

³⁸⁷ Conferência Episcopal Portuguesa, *Carta Pastoral no Centenário das Aparições. Fátima, sinal de Esperança para o nosso tempo*, n.º 7.

³⁸⁸ Cf. Kondor, *Memórias da Irmã Lúcia I*, 168-171.

³⁸⁹ Cf. *Ibidem*, 181.

³⁹⁰ Cf. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 199.

³⁹¹ Cf. *Ibidem*, 200.

³⁹² *Ibidem*, 200-201.

repercussões³⁹³. Isto ficou já explícito no ponto anterior sobre o “segredo”, no qual podemos reconhecer a Rússia simultaneamente como uma realidade histórica e simbólica³⁹⁴.

Assim, esta é uma profecia que fala de liberdade, não só a liberdade de fazer o mal mas também da liberdade da resposta à interpelação divina, através da própria conversão e o convite à conversão dos demais, a liberdade de experimentar o amor de Deus ou o vazio desse amor, o “inferno”³⁹⁵.

Mas os pastorinhos, que se encontram no seio do drama da história humana estão conscientes de que só a conversão não é suficiente, é necessário mais, e, por isso, após a interpelação, a sua resposta leva o amor mais além, até ao sacrifício e à reparação, que também fazem parte do núcleo da Mensagem de Fátima³⁹⁶. Eles respondem efetivamente “sim” à questão colocada pela Virgem Maria logo na primeira aparição: “quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?”³⁹⁷. Tal resposta exige-lhes o despertar da liberdade e da responsabilidade³⁹⁸ e reflete-se nas suas atitudes: “a Jacinta tomou tanto a peito os sacrifícios pela conversão dos pecadores que não deixava escapar ocasião alguma”³⁹⁹; Francisco diz que “queria consolar a Nosso Senhor e depois converter os pecadores, para que não O ofendessem mais”⁴⁰⁰.

A resposta afirmativa dos pastorinhos faz lembrar outros “eis-me aqui”, como os de Abraão (Gn 22,1.11) e Moisés (Ex 3,4)⁴⁰¹, e até a própria resposta de Maria ao desígnio de Deus que lhe é apresentado através do Anjo na Anunciação (Lc 8,31). Mais ainda, a entrega da própria vida pode também remeter-nos para o exemplo de Jesus Cristo, não só na cruz, mas também na Eucaristia⁴⁰². Aliás, “a experiência e a simbologia eucarística penetram as palavras e as imagens de Fátima desde o começo”⁴⁰³.

A par do que vai acontecendo, os pastorinhos mantêm uma atitude orante – o convite à oração é uma constante nas palavras do Anjo: “orai! Orai muito!”⁴⁰⁴ –, não só com as orações que o Anjo lhes ensina como também com a oração do Rosário, pedida por Nossa Senhora⁴⁰⁵ e iniciam a prática do sacrifício que deve ser entendido na sua dimensão antropológica, ou seja,

³⁹³ Cf. *Ibidem*, 202.

³⁹⁴ Cf. *Ibidem*, 204-205.

³⁹⁵ Cf. *Ibidem*, 217.

³⁹⁶ Cf. *Ibidem*, 217

³⁹⁷ Kondor, *Memórias da Irmã Lúcia I*, 173-174.

³⁹⁸ Cf. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 218.

³⁹⁹ Kondor, *Memórias da Irmã Lúcia I*, 46.

⁴⁰⁰ *Ibidem*, 155.

⁴⁰¹ Cf. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 222.

⁴⁰² Cf. *Ibidem*, 225.

⁴⁰³ *Ibidem*, 225.

⁴⁰⁴ Kondor, *Memórias da Irmã Lúcia I*, 170.

⁴⁰⁵ Cf. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 228-230.

como modo de ver e situar-se diante da realidade e dos outros e como resposta a um amor maior⁴⁰⁶. “A atitude sacrificial é expressão da entrega da própria vida solicitada pela Virgem a favor dos outros”⁴⁰⁷. O sacrifício tem também uma dimensão teológica, isto é, uma dimensão de reparação que surge quando o amor se faz sacrifício que carrega o peso dos outros⁴⁰⁸.

Percebemos então que o amor tem uma vocação sacrificial e reparadora e, em Deus, a capacidade de amar dos pastorinhos atingiu um excesso tornando-se misericórdia, cujos desígnios implicam o protagonismo de Deus e dos que lhe dizem o seu “eis-me aqui”⁴⁰⁹. Assim, a Mensagem de Fátima revela a lógica do amor-misericórdia, vinculada ao Imaculado Coração de Maria, o qual reflete de modo singular o amor trinitário, um dos aspetos específicos da espiritualidade de Fátima⁴¹⁰. “A misericórdia é o fio condutor das aparições”⁴¹¹, desde logo presente nas palavras do Anjo – “os Corações de Jesus e de Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia”⁴¹² –, e está vinculada ao Coração de Maria⁴¹³ que no final triunfará.

Em suma, “o poder do mal reclama pessoas que lhe coloquem um travão e, perante esse objetivo, a força da Mãe pode continuar a comunicar a força de Deus aos débeis corações humanos”⁴¹⁴. Em Fátima, porém, encontramos o ceticismo de uns e os exageros de outros mas, o fundamental, deste acontecimento é o excesso de sentido que atrai multidões e desafia os críticos⁴¹⁵. Neste sentido, face ao excesso do mal e do sofrimento, a única resposta só pode ser o excesso do amor que se faz misericórdia⁴¹⁶. “O excesso de sentido suscita comportamentos que desafiam o pensamento: a consagração da própria vida àquilo que significa o Coração Imaculado de Maria, a reparação e a intercessão em favor dos outros, porque as forças humanas não conseguem, por si mesmas, curar as chagas da humanidade, a oração teologal que desvela os ídolos humanos. São modos diferentes através dos quais a bênção é recebida e incarnada nas biografias concretas para manter em aberto o horizonte da esperança no drama da história”⁴¹⁷. Por isso mesmo, as Aparições de Fátima terminam com um gesto de bênção – “vimos, ao lado do sol, S. José com o Menino e Nossa Senhora vestida de branco, com um manto azul. S. José com o Menino pareciam abençoar o Mundo”⁴¹⁸ – que mostra precisamente que, apesar dos dramas da Humanidade, a misericórdia de Deus prevalecerá. “O excesso é definitivamente o

⁴⁰⁶ Cf. *Ibidem*, 232.

⁴⁰⁷ *Ibidem*, 233.

⁴⁰⁸ Cf. *Ibidem*, 234.

⁴⁰⁹ Cf. *Ibidem*, 239.

⁴¹⁰ Cf. *Ibidem*, 239.

⁴¹¹ *Ibidem*, 251.

⁴¹² Kondor, *Memórias da Irmã Lúcia I*, 170.

⁴¹³ Cf. Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 253.

⁴¹⁴ *Ibidem*, 272.

⁴¹⁵ Cf. *Ibidem*, 273.

⁴¹⁶ Cf. *Ibidem*, 274.

⁴¹⁷ *Ibidem*, 274.

⁴¹⁸ Kondor, *Memórias da Irmã Lúcia I*, 181.

que converte Fátima em ícone da originalidade cristã: oferece uma síntese do mistério pascal adaptado à cultura do nosso tempo e traduzido em linguagem da piedade popular. Por isso, o desafio (melhor ainda, a vocação) de Fátima continua a ser o de aparecer como um lugar místico e mistagógico no qual resplandeça a beleza do rosto trinitário de Deus”⁴¹⁹.

⁴¹⁹ Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, 274.

CAPÍTULO III – PLANIFICAÇÃO E LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA “A MÃE DE JESUS” DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA

Muito lemos, muito escrevemos, e tanto mais haveria (há!) para dizer sobre Maria e sobre o fenómeno de Fátima. O aprofundamento do nosso conhecimento sobre o tema que nos propomos trabalhar com os alunos é, apenas, o primeiro passo na preparação da leção. Mas, agora, é hora de passar à prática; chega a hora de levar tal conhecimento para o contexto educativo, percebendo que alunos temos diante de nós e criando estratégias para que eles descubram ou fiquem a saber aquilo que o docente pretende. Chegamos, então, a uma fase em que é preciso pensar, planificar, preparar materiais, apropriar-nos de recursos e colocar em prática essa planificação. Para tal, é importante, não só saber o que se quer fazer, mas também ter um conhecimento prévio do contexto em que a prática letiva decorrerá; como é o contexto físico e quais os seus recursos materiais e, principalmente, como é o grupo de alunos que o/a docente terá diante de si. É isto que procuraremos expor neste terceiro capítulo.

Assim, apresentaremos o contexto em que decorreu a Prática de Ensino Supervisionada, os fundamentos da Unidade Letiva que nos propusemos lecionar e uma possível forma de o fazer. Antes disso, contudo, procuraremos fundamentar a pertinência da nossa disciplina, Educação Moral e Religiosa Católica, no contexto da educação formal e da educação integral da pessoa humana. Porque, de facto, o é!

1. A Educação Moral e Religiosa Católica na educação integral

Nos tempos que vivemos, que são de alguma adversidade e até de uma, assim chamada, crise de valores, as atenções do sistema educativo parecem centrar-se, cada vez mais, na formação académica e técnica (cuja importância também devemos reconhecer), parecendo deixar, em certa medida, outros aspetos da educação integral da pessoa humana para segundo plano. Assim, a Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), que tem por base o Evangelho e os valores cristãos, parece, por vezes, estar para esta sociedade como uma espécie de esperança e até como alguma réstia de preocupação da parte dos responsáveis pela Educação. Devemos procurar, com a humildade própria do cristão, considerar-nos mais uma ferramenta na formação de pessoas e não “milagreiros” ou até os últimos redutos de um mundo perdido. Não, o mundo não está perdido, mas ele e aqueles que nele habitam precisam, sem dúvida, do nosso empenho.

Além disso, e como diz o Papa Francisco na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*⁴²⁰, “vivemos numa sociedade da informação que nos satura indiscriminadamente de dados, todos postos ao mesmo nível, e acaba por nos conduzir a uma tremenda superficialidade no momento de enquadrar as questões morais. Por conseguinte, torna-se necessária uma educação que ensine a pensar criticamente e ofereça um caminho de amadurecimento nos valores” (EG 64).

Tais valores, encontramos-los no Evangelho. Porém, “a relevância de se proporcionar às gerações mais jovens um contacto com o Evangelho e a mensagem cristã, não é, muitas vezes, nem imediatamente óbvia nem evidente”⁴²¹. Deparamo-nos, muitas vezes, com pessoas, inclusivamente em pleno contexto educativo, “contra” a presença da disciplina de EMRC no currículo. Os próprios pais, mesmo sendo crentes, muitas vezes confundem EMRC com catequese e por isso não inscrevem os seus filhos. Cabe-nos, então, problematizar a questão e explicitar o porquê da nossa presença no contexto académico.

Neste sentido, é importante perceber que esta disciplina não é apenas uma forma de “encher horário” nem mais uma sessão de catequese, mas tem finalidades próprias, objetivos claros e conteúdos a desenvolver muito pertinentes. Convém, então, ter em conta as Finalidades da Educação Cristã e das Metas Curriculares da Educação Moral e Religiosa Católica⁴²² e perceber que esta disciplina deve ser tida “como um importante contributo para a formação e o desenvolvimento pleno e feliz dos jovens. Os jovens conformam o nosso futuro comum e o empenho sério na sua educação é sempre uma garantia de uma sociedade mais bondosa, mais bela e mais justa”⁴²³. Neste sentido, entendemos que, nesta disciplina, e até para fazer justiça ao seu nome, o docente é mais do que um professor: é um educador. E, “o principal objetivo da educação é suscitar e favorecer a harmonia pessoal, a verdadeira autonomia, a construção progressiva e articulada dos aspetos racional e volitivo, afetivo e emocional, moral e espiritual”⁴²⁴.

Percebemos então que os professores/educadores desempenham um papel preeminente na comunidade educativa que deve ser a escola e por isso a sua prática pedagógica deve ser pautada pela paixão de quem se entrega à missão de apoiar os educandos no seu crescimento integral, coerente e harmonioso⁴²⁵. Além disso, tendo em conta a especificidade da disciplina, é preciso ter a consciência do duplo papel do docente de EMRC: ele não é só o professor, com obrigações próprias de um docente; mas, também, como que um “mandatário” da Igreja

⁴²⁰ Franciscus Pp. “Adhortatio Apostolica «Evangelii Gaudium»”, *AAS* 105 (2013) 1019-1137.

⁴²¹ Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* (2014), I.

⁴²² Ver anexo I – Domínios e Metas Curriculares da Educação Moral e Religiosa Católica.

⁴²³ Cristina Sá Carvalho (coord.), *O tesouro. Manual do Aluno – EMRC – 2º ano do Ensino Básico* (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015), 1.

⁴²⁴ Conferência Episcopal Portuguesa, *Carta Pastoral. Educação. Direito e dever – missão nobre ao serviço de todos* (Lisboa: Secretariado Nacional da Conferência Episcopal Portuguesa, 2002), n.º 3.

⁴²⁵ Cf. *Ibidem*, n.º 19.

Católica, que “em Portugal sempre deu uma atenção especial à ação educativa”⁴²⁶, e, portanto, tem também obrigações próprias de um católico que dá testemunho do que é e de quem representa. Por isso, um professor de EMRC tem de exercer um duplo esforço: por um lado, a sua prática pedagógica deve ter um caráter formativo tal que mantenha os alunos interessados e apaixonados pela disciplina; por outro lado, deve procurar que esta mesma prática tenha um claro valor educativo, de modo a formar jovens com personalidades ricas em interioridade e força moral, que saibam usar bem a sua liberdade e abertas aos valores da justiça, da paz e da solidariedade⁴²⁷. Isto porque terá sempre de ter presente que o seu trabalho tem de assentar nos valores do Evangelho, valores de fé e humanidade⁴²⁸ dos quais a sociedade, particularmente os mais jovens, tanto parecem ter sede.

“Assim, uma procura séria, dedicada e constante, da verdade e da caridade, constitui o grande desafio que se coloca ao docente desta disciplina. No quotidiano da escola, por vezes tão complexo e difícil, vive-as e transmite-as aos seus alunos e às suas alunas, usando da palavra e do exemplo”⁴²⁹. Estes, por sua vez, “crianças e adolescentes que frequentam as aulas de Educação Moral e Religiosa Católica, nelas participando com interesse e curiosidade, encontram, na qualidade da lecionação e da relação pedagógica, os meios para interpretar a imensidão do universo e os desafios da convivência humana e, assim bem guiados, procurar dar um sentido à sua existência e ao mistério que a envolve”⁴³⁰.

2. Caracterização do contexto da Prática de Ensino Supervisionada

Para exercer a sua função da melhor forma possível, um docente deve conhecer o contexto onde a irá desenvolver. Assim, neste segundo ponto, procuraremos fazer uma breve descrição do contexto em que decorreu a Prática de Ensino Supervisionada, partindo do âmbito mais amplo, isto é, da caracterização do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, passando pela Escola Básica do 1º Ciclo de S. Vítor e terminando na turma um do 2º ano da mesma escola.

⁴²⁶ *Ibidem*, n.º1.

⁴²⁷ Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 163.

⁴²⁸ Cf. *Ibidem*, 163.

⁴²⁹ *Ibidem*, 164.

⁴³⁰ *Ibidem*, 164.

2.1. Caracterização do Agrupamento e da Escola

O Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches é constituído por uma escola básica com 2.º e 3.º ciclos, fundada em 1973, à qual se agregaram entre 2001 e 2007, a escola Básica do 1.º ciclo de S. Victor, o Jardim de Infância das Fontes, a escola Básica do 1.º ciclo da Misericórdia, a escola Básica do 1.º ciclo com Jardim de Infância da Quinta da Veiga, a escola Básica do 1.º ciclo com Jardim de Infância Bairro da Alegria e a escola Básica do 1.º ciclo com Jardim de Infância das Enguardas⁴³¹.

Todas as escolas se situam na zona urbana de Braga, nas freguesias de S. Victor e de S. Vicente, uma zona cuja população é caracterizada por diferentes estatutos sociais, culturais e económicos, a que acresce uma população de emigrantes de diferentes proveniências, sendo, por isso, o conjunto dos alunos que frequentam o agrupamento marcado pela heterogeneidade⁴³².

Este agrupamento trata-se, ainda, de uma comunidade escolar considerada como Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP)⁴³³.

A Escola Básica do 1º Ciclo de S. Victor, concretamente, localiza-se na freguesia de S. Victor, em Braga, e “o seu edifício é formado por rés-do-chão e dois pisos, de arquitetura modernista e foi construído no ano de 1958. (...) Este estabelecimento é frequentado por cerca de 160 crianças, distribuídas por 7 turmas do 1º ciclo”⁴³⁴.

2.2. Caracterização da turma

A turma com a qual foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada, é uma turma de 2º ano do 1º Ciclo do ensino Básico. Trata-se da turma um (do 2º ano) da Escola Básica de S. Vítor – Braga. É composta por 25 alunos, dos quais 17 estão inscritos e frequentam a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. Destes 17 alunos, oito são do sexo feminino e nove do sexo masculino. A maioria dos alunos, são provenientes do centro da cidade e estão integrados em famílias de classe média. São, na sua maioria, alunos dinâmicos, participativos e interessados e revelam algum conhecimento prévio dos conteúdos da Unidade Letiva “A Mãe de Jesus”. Os alunos que não estão matriculados em EMRC têm música e há um aluno que frequenta a disciplina de Educação Moral e Religiosa Evangélica.

⁴³¹ Cf. “Projeto Educativo”, Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, acedido em 20 de outubro de 2016, http://www.aefranciscosanches.pt/2016_147_projeto_educativo_2013-17.pdf.

⁴³² Cf. *Ibidem*.

⁴³³ Cf. *Ibidem*.

⁴³⁴ *Ibidem*.

3. Planificação da Unidade Letiva

Neste terceiro ponto, apresentaremos, então, a planificação da Unidade Letiva “A Mãe de Jesus” que não é, no fundo, mais que uma proposta de lecionação.

“Planear é um processo intelectual no qual os objetivos internos dão forma a ações antecipadas”⁴³⁵. Por isso, consideramos, que a “planificação” é uma palavra-chave em pedagogia, pois através dela, procuramos a melhor maneira de pôr em prática as nossas intenções e objetivos. Planificar é fundamental e imprescindível à prática pedagógica de qualquer docente: “a planificação cuidada das aulas evita uma prática de ensino entregue ao acaso, que é sempre improdutiva”⁴³⁶. Assim, “a planificação ajuda a evitar improvisações, a eliminar perdas de tempo e esforço, a utilizar todos os recursos (pessoas, material, tempo) de uma forma sistemática e a responder sempre às necessidades reais da escola”⁴³⁷.

Uma boa planificação exige ao docente que conheça as turmas e os alunos (o que procuramos fazer no ponto anterior) e procure adaptar a sua lecionação tanto aos conteúdos e objetivos como à comunidade discente⁴³⁸. Assim, ao planificar, o/a professor/a deve observar as características do grupo e de cada aluno, tendo em conta, sobretudo, a forma como os alunos questionam e interpretam a realidade, pois tal varia conforme as suas características psicológicas⁴³⁹, ora devido à idade, ora devido aos contextos sociais e familiares de que provêm. Tal assume ainda maior importância pela especificidade da EMRC, que é uma disciplina confessional e, portanto, oferece uma visão da realidade baseada numa perspetiva cristã, em geral, e católica, em particular, ainda que articulada com outras áreas do saber⁴⁴⁰. De qualquer forma espera-se – e é o que procuramos fazer nesta nossa proposta – que a planificação respeite as finalidades da EMRC, bem como as Metas e Conteúdos previstos para a Unidade Letiva.

No que concerne, especificamente, à planificação de uma Unidade Letiva de EMRC do 1º ciclo, é importante não esquecer que as crianças neste ciclo, estão a viver “um tempo para ir além do círculo familiar e explorar ludicamente as capacidades emergentes, para aprender o uso do corpo, mente, objetos materiais, as ferramentas práticas (...), o desenvolvimento de um sentido de crescimento, superação, trabalho e esforço. O trabalho escolar deve proporcionar objetivos claros e oportunidades de sucesso para que a criança se mantenha motivada para crescer e aprender, evitando sentimentos de inadequação ou inferioridade”⁴⁴¹.

⁴³⁵ Mary Hohmann e David P. Weikart, *Educar a Criança* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997), 249.

⁴³⁶ Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 159.

⁴³⁷ Luís Borràs, *Os Docentes do 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico* (Setúbal: Marina Editores, 2001), 288.

⁴³⁸ Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 159.

⁴³⁹ Cf. *Ibidem*, 155.

⁴⁴⁰ Cf. *Ibidem*, 155.

⁴⁴¹ *Ibidem*, 165.

3.1. A Unidade Letiva “A Mãe de Jesus”

A Unidade Letiva “A Mãe de Jesus” insere-se no programa do 2º ano de Educação Moral e Religiosa Católica. A edição de 2014 deste Programa prevê que, ao longo deste segundo ano de escolaridade, a disciplina de EMRC desenvolva quatro unidades letivas: “Ser Amigo”; “A Mãe de Jesus”; “A Páscoa dos Cristãos”; e “Deus é amor”⁴⁴². A Unidade Letiva que nos propomos lecionar é, portanto, a segunda destas quatro Unidades Letivas enunciadas.

Percebemos, já no primeiro capítulo, a importância que Maria, a mãe de Jesus, tem para a Igreja Católica. Por isso, esta edição do Programa de EMRC, edição que seguimos na planificação da leção desta Unidade Letiva, não podia, senão, contemplá-la. E “este Programa pressupõe uma metodologia organizada em torno de três dimensões pedagógicas, de ordem variável – a saber: Experiência Humana, Reflexão Religiosa, Interpretação Ético-Moral”⁴⁴³ –, dimensões estas que procuramos desenvolver, tendo em conta o tema da Unidade Letiva e os seus conteúdos, assim como as necessidades, interesses e motivações dos alunos.

Neste sentido, a Unidade Letiva pretende responder a algumas Metas Curriculares, nomeadamente a Meta E – identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo –, a Meta F – conhecer a mensagem e cultura bíblicas – e a Meta M – reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano⁴⁴⁴. Assim, com a leção desta Unidade Letiva, tem-se como objetivos principais admirar o exemplo que nos dá Maria ao responder «sim» a Deus; conhecer Maria e o seu papel na vida de Jesus e observar como Maria é uma pessoa atenta e presente⁴⁴⁵, não só na vida do seu Filho, como na daqueles que n’Ele creem. Vislumbramos, também, e como já analisamos no primeiro capítulo a solicitude de Maria face aos que mais precisam.

3.2. Acerca de Fátima...

Ainda que, no Programa, a respeito da Unidade Letiva sobre a qual é apresentada a planificação e proposta de leção não surja qualquer referência ao fenómeno de Fátima, pareceu-nos, de todo, pertinente fazermos esta “ponte”, não só pela influência que o fenómeno tem sobre a cultura e religiosidade portuguesa, como vimos já no Capítulo II deste trabalho, mas sobretudo por nos encontrarmos no ano em que se completam cem anos e se comemora o Centenário das Aparições de Fátima. Encontramos a comunicação social cheia de referências a

⁴⁴² Ver anexo II – Unidades Letivas do 1º Ciclo do Ensino Básico.

⁴⁴³ Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 154.

⁴⁴⁴ Cf. *Ibidem*, 28.

⁴⁴⁵ Cf. *Ibidem*, 28.

este acontecimento: notícias nos jornais e telejornais sobre o Centenário e a visita do Papa; filmes sobre o assunto no cinema; peças de teatro, bailados e musicais. Tudo isto acessível ao conhecimento dos alunos que se questionam e questionam-nos porque, no mínimo, “já ouviram” falar de Fátima e dos três pastorinhos. E os três pastorinhos, mediadores do acontecimento, mas também crianças como aqueles que compõem a turma onde realizamos a Prática de Ensino Supervisionada, são, por excelência, o “mote” para a transição da Unidade Letiva para este segundo momento da lecionação.

3.3. Planificação aula a aula

A Prática de Ensino Supervisionada desenvolveu-se em seis tempos letivos sendo que os quatro primeiros foram dedicados à lecionação da Unidade Letiva “A Mãe de Jesus” e os dois últimos ao trabalho sobre o fenómeno de Fátima⁴⁴⁶.

Um dos recursos para ser usado ao longo de toda a Prática de Ensino Supervisionado, é um baú de madeira (figura 1), aludindo ao símbolo do manual de EMRC do 2º ano: o tesouro. De dentro deste baú, a cada diferente aula, vão sendo retirados os “tesouros”/materiais necessários à lecionação.



Figura 1 - Baú/"tesouro"

Um outro recurso presente em todas as aulas, é uma caixa com cartões identificativos (figura 2) atribuídos a cada aluno no momento do acolhimento com os seus nomes, estratégia utilizada, sobretudo, para identificar os alunos, de modo a o/a docente conhecer cada aluno/a pelo seu nome. Também estes cartões são identificados com o símbolo do tesouro. Cada aluno/a personalizará o seu.



Figura 2 – Cartões identificativos de cada aluno

Um terceiro recurso elaborado para ser utilizado em todas as aulas é aquele ao qual chamamos “caderno de registos” (figura 3), o qual consideramos, também, o instrumento de avaliação mais importante. Trata-se de um caderno em tamanho A5 ao qual, a cada aula, vão sendo acrescentadas páginas com novas e variadas

⁴⁴⁶ Ver anexo III – Planificação da Unidade Letiva 2 ano do 1º Ciclo do Ensino Básico “A Mãe de Jesus”.

atividades para os alunos realizarem. Ao longo da apresentação de cada aula, que a seguir faremos, perceber-se-á melhor do que se trata. Na capa deste caderno de registos foi também colocado o símbolo do tesouro, alusivo ao manual de EMRC do 2º ano, sendo, cada aluno/a, convidado a personalizar, colorindo o seu.



Figura 3 – “Cadernos de Registos”

3.3.1. Aula n.º 1: “Apresentação e introdução à Unidade Letiva 2 – «A Mãe de Jesus». Maria recebe um convite muito especial e diz «sim»⁴⁴⁷

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver
SUMÁRIO: Apresentação e introdução à Unidade Letiva 2 – “A Mãe de Jesus”. Maria recebe um convite muito especial e diz «sim».		
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.	<p>Conhecer os alunos da turma.</p> <p>Apresentar Maria como mãe de Jesus.</p> <p>1. Admirar o exemplo que nos dá Maria: responder «sim» a Deus.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Maria responde «sim» a Deus. O relato da anunciação: Lc 1,26-33. • Tal como pediu a Maria, Deus pede-nos disponibilidade e generosidade. • Como Maria, também sou chamado a amar os outros.

Figura 4 - Metas, objetivos e conteúdos previstos na planificação da aula n.º 1 (excerto da planificação)

Tal como acontece com qualquer professor quando conhece uma nova turma no início de um novo ano letivo, a primeira aula da Prática de Ensino Supervisionada tem, sobretudo, como objetivos conhecer os alunos da turma e introduzir a Unidade Letiva, neste caso, apresentando Maria como mãe de Jesus e, pondo em evidência, desde já, o exemplo que ela dá ao responder «sim» a Deus. Com esta breve introdução, procura-se desenvolver os seguintes conteúdos: Maria responde «sim» a Deus (o relato da Anunciação: Lc 1,26-33); tal como pediu a Maria, Deus pede-nos disponibilidade e generosidade; como Maria, também somos chamados a amar os outros.

⁴⁴⁷ Ver anexo IV – Planificação da aula n.º 1.

A docente começa por acolher os alunos. Nesta primeira aula, o baú/tesouro contém variados recursos: o primeiro deles, serve, precisamente, para a apresentação entre docente e alunos. Assim, de dentro do baú, tiram-se duas caixas: uma com perguntas⁴⁴⁸; outra com cartões com os nomes dos alunos⁴⁴⁹. Será necessário ainda o quadro da sala e giz. Para iniciar a docente retira o primeiro cartão com nome e chama o/a respetivo/a aluno/a. Esse/a mesmo/a aluno/a retira uma questão, a docente coloca-a, o/a aluno/a responde e escreve no quadro o nome da sua mãe. De seguida a docente coloca o cartão no/a aluno/a que, depois, retira outro cartão, o do/a próximo/a aluno/a, enquanto o/a primeiro/a se senta, e o processo repete-se até todos os alunos terem o seu cartão e respondido à questão.

De seguida a docente convida os alunos a observarem o quadro onde estão escritos os nomes de todas as mães e a perceberem como as mães são importantes na vida de cada pessoa. É importante que a docente se tenha inteirado previamente se todas as crianças têm mãe e/ou se relacionam com ela, para evitar constrangimentos. De seguida tenta-se provocar o diálogo com algumas questões: “Quem era a Mãe de Jesus?”; “Será que Maria era uma mãe como as vossas?”; “Ou será uma mãe especial?”.

Depois, a docente faz uma breve exposição partindo da ideia de que Maria era uma Mãe como todas as outras, pois cuidou de Jesus, alimentou-o, ensinou a andar, etc., mas ao mesmo tempo era uma mãe especial. Isto por ser Mãe de uma Pessoa muito especial e também porque Maria recebeu um convite de Deus através de um anjo para ser Mãe de Jesus e aceitou. Assim, Maria dá-nos o exemplo. Porque Deus também nos convida a amar os outros através de gestos e palavras. Nem sempre é fácil dizer “sim”, como nem sempre é fácil ser mãe. É preciso ter força e coragem.

Com o apoio de imagens de Maria⁴⁵⁰ impressas a cores em tamanho A4, a docente explica que, por ser a mãe de Jesus, Maria é muito importante para os católicos, que a representam de variadas formas, através de pinturas, esculturas, desenhos, música, poesia, etc. (figura 5).

Por fim, convida os alunos a fazer um registo gráfico, representando a própria mãe, e a Mãe de Jesus na primeira página do caderno de registos⁴⁵¹. Também eles são capazes de representar a sua mãe e a mãe de Jesus.

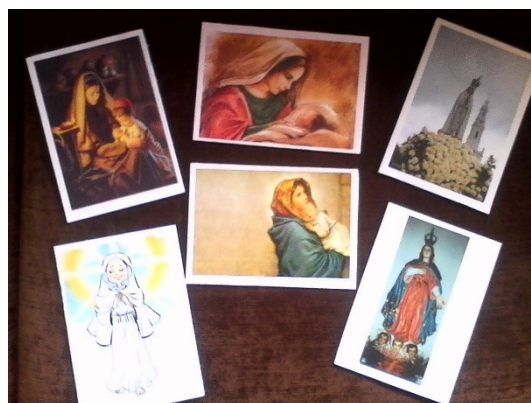


Figura 5 - Imagens de variadas representações de Maria a usar na aula n.º 1

⁴⁴⁸ Ver anexo V – Questões para o jogo de apresentação.

⁴⁴⁹ Ver anexo VI – Cartões identificativos dos alunos.

⁴⁵⁰ Ver anexo VII – Imagens de apoio da aula n.º 1 – imagens de variadas representações de Maria.

⁴⁵¹ Ver anexo VIII – 1ª página do caderno de registos.

3.3.2. Aula n.º 2: “A família da Maria. Porque ama, Maria preocupa-se com as outras pessoas”⁴⁵²

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver
SUMÁRIO: A família da Maria. Porque ama, Maria preocupa-se com as outras pessoas.		
F. Conhecer a mensagem e a cultura bíblicas M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano	2. Conhecer Maria e o seu papel na vida de Jesus. 3. Observar como Maria é uma pessoa presente e atenta.	<ul style="list-style-type: none"> • Maria uma mulher de coração bondoso; • José, o esposo de Maria; • A tradição sobre os pais de Maria: Joaquim e Ana; • Deus amava Maria e escolheu-a para ser a mãe de Jesus pela sua capacidade de amar • Maria preocupa-se com as outras pessoas; o encontro com Isabel: Lc 1,39-42.56.

Figura 6 - Metas, objetivos e conteúdos previstos na planificação da aula n.º 2 (excerto da planificação)

A aula inicia-se com o acolhimento: a docente dá as boas vindas e pede a colaboração de dois alunos para a distribuição dos cartões identificativos de cada aluno/a. De seguida passa-se a um breve momento de recapitulação da aula anterior. Dissemos, na primeira aula, que Maria era uma pessoa especial por ser a mãe de Jesus mas também uma mãe como as outras, que alimentou o seu Filho, cuidou dele quando se magoava, ensinou-o andar, a falar...

Com o recurso ao manual do 2º ano e a imagens⁴⁵³ retiradas do mesmo mas ampliadas e impressas a cores (figura 7), vamos agora conhecer a família de Maria, a mãe de Jesus. Tal como as outras mães, Maria também provinha de uma família concreta. Através da Bíblia, conhecemos alguns dos familiares de Maria: Jesus, o Filho; José, o marido; Isabel, a prima. Noutros escritos, ficamos a conhecer Joaquim e Ana, os pais.



Figura 7 - Imagens alusivas aos familiares de Maria a usar na aula n.º 2

Maria mostrava muita preocupação e dedicação para com todas as pessoas, particularmente com os seus familiares. Prova disso é a sua visita à prima Isabel. Mesmo já grávida, Maria parte para ajudar Isabel que estava, também ela própria, à espera de um filho.

Terminada esta breve exposição, a docente pede a um outro aluno para distribuir os cadernos dos registos, nos quais foram colocadas duas novas páginas⁴⁵⁴ com as tarefas para esta aula. Primeiro, realiza-se um crucigrama com os nomes dos familiares de Maria. Uma vez que

⁴⁵² Ver anexo IX – Planificação da aula n.º 2.

⁴⁵³ Ver anexo X – Imagens de apoio da aula n.º 2 – A família de Maria

⁴⁵⁴ Ver anexo XI – 2ª e 3ª páginas do caderno de registos.

a sala não dispõe de projetor para projetar a atividade, a docente desenha no quadro o crucigrama para ir preenchendo ao mesmo tempo que os alunos preenchem no seu próprio caderno de registos, pedindo, à medida que a atividade avança, voluntários entre os alunos para escreverem no quadro. Esta estratégia visa favorecer a motivação e participação dos alunos e ajudar a que todos preencham corretamente, consolidando os conteúdos.

Após este trabalho de grande grupo, convida-se os alunos a realizarem a atividade colocada na terceira página, uma atividade de cariz mais lúdico: descobrir as diferenças entre duas imagens alusivas à Visitação com sete diferenças que os alunos individualmente, devem encontrar. Depois de as assinalar na segunda imagem, pintam a primeira.

3.3.3. Aula n.º 3: “Maria, de Mãe a Seguidora de Jesus: Maria acompanha toda a vida do seu Filho”⁴⁵⁵

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver
SUMÁRIO: Maria, de Mãe a Seguidora de Jesus: Maria acompanha toda a vida do seu Filho		
F. Conhecer a mensagem e a cultura bíblicas M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano	2. Conhecer Maria e o seu papel na vida de Jesus. 3. Observar como Maria é uma pessoa presente e atenta.	<ul style="list-style-type: none"> • Maria acompanha a vida de Jesus: - Nascimento de Jesus: Lc 2,1-20. - Jesus aos doze anos: Lc 2,41-52. - As bodas de Caná: Jo 2,1-11.

Figura 8 - Metas, objetivos e conteúdos previstos na planificação da aula n.º 3 (excerto da planificação)

A docente dá início à aula com as boas vindas e a pede dois alunos, diferentes da aula anterior, para ajudar na distribuição dos cartões com os nomes. Pretende-se que sejam outros para que a oportunidade seja partilhada. De seguida faz-se uma breve recapitulação da aula anterior. Para consolidar os conteúdos da aula anterior, elabora-se o “álbum de família de Maria”⁴⁵⁶. Trata-se um conjunto de folhas grossas, em tamanho A3, com alguns desenhos alusivos aos familiares de Maria que os alunos, em pequenos grupos de dois ou três elementos, pintam.

Terminada esta atividade, passa-se a um momento mais expositivo, tendo como objetivo perceber que Maria acompanha toda a vida de Jesus, o seu Filho. A docente recorrerá, neste momento, ao uso do computador, colunas e projetor, previamente preparados, para ir

⁴⁵⁵ Ver anexo XII – Planificação da aula n.º 3.

⁴⁵⁶ Ver anexo XIII – Álbum de família de Maria.

acompanhando cada um dos três momentos da vida de Jesus a referir – o nascimento de Jesus, Jesus aos doze anos e o relato das bodas de Caná – com a projeção de pequenos filmes⁴⁵⁷. Com isto pretende-se que os alunos percebam que Maria acompanhou o seu Filho desde o nascimento até à sua morte e que, desde cedo, Jesus se revelou especial. Maria sabia-o e meditava-o no seu coração como, depois do episódio em que, por volta dos doze anos, Jesus fica em Jerusalém no Templo. Mais uma vez, quando Jesus iniciou a sua vida pública, Maria estava presente e atenta a quem precisava de ajuda. À medida que os vídeos vão avançando, a docente pede aos alunos que façam os seus comentários. É importante que percebam que, em todas as situações, Maria revela atitudes de amor, atenção, preocupação, dedicação, generosidade...

Passa-se, então, a um momento de trabalho em grande grupo. Tendo sido previamente colocada a quarta página⁴⁵⁸ no caderno de registos, nela os alunos encontrarão quatro afirmações relativas a uma das situações antes apresentadas (Jesus aos doze anos) que devem assinalar com -V- e -F- consoante a sua veracidade. Apesar de ser uma tarefa a preencher no caderno individual, trata-se de um trabalho de grande grupo pois cada afirmação será lida em voz alta e preenchida por todos ao mesmo tempo. Os alunos são encorajados a ler e, depois, a responder e partilhar a sua resposta com a turma.

Por fim, cada aluno realizará uma tarefa individual: numa “sopa de letras” colocada também na quarta página do caderno de registos, estão oito palavras, as atitudes que Maria revela (a saber: confiança; atenção; solidariedade; preocupação; amor; dedicação; cuidado; generosidade) que os alunos devem encontrar e rodear.

3.3.4. Aula n.º 4: “Maria acompanha toda a vida do seu Filho e dos que são amigos d’Ele”⁴⁵⁹

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver
SUMÁRIO: Maria acompanha toda a vida do seu Filho e dos que são amigos d’Ele.		
F. Conhecer a mensagem e a cultura bíblicas M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano	2. Conhecer Maria e o seu papel na vida de Jesus. 3. Observar como Maria é uma pessoa presente e atenta.	<ul style="list-style-type: none"> • Maria acompanha a vida de Jesus. - Maria junto à cruz de Jesus: Jo 19, 25-27. • Maria acompanha a vida dos amigos de Jesus.

Figura 9 - Metas, objetivos e conteúdos previstos na planificação da 4ª aula (excerto da planificação)

⁴⁵⁷ Ver anexo XIV – Filmes sobre a vida de Jesus.

⁴⁵⁸ Ver anexo XV – 4ª página do caderno de registos.

⁴⁵⁹ Ver anexo XVI – Planificação da aula n.º 4.

A aula iniciar-se-á com o acolhimento e recapitulação da aula anterior. Para tal, ajudará o recurso a uma banda desenhada do episódio das Bodas de Caná⁴⁶⁰. De seguida, a docente convida os alunos à conclusão da atividade iniciada no final da aula anterior, a “sopa de letras”.

De seguida, faz-se uma breve exposição, com o apoio de uma imagem de Maria junto à cruz. Pretende-se que os alunos percebam que Maria acompanhou sempre Jesus, até ao momento em que Ele morreu na cruz. Nesse momento, Jesus diz a Maria “eis o teu filho” e a João “eis a tua mãe” e, desde então, João tratou-a como se fosse a sua mãe. Também hoje os cristãos têm um carinho especial por Maria e, tendo em conta esse momento, consideram-na e chamam-na também sua mãe. Por isso, os cristãos também têm uma oração dedicada a Maria: “Ave Maria”. Trata-se de uma forma específica de “falar” com ela.

Previamente, é colocada a quinta página do caderno de registos⁴⁶¹ na qual está desenhado um baú dentro do qual os alunos encontram um “tesouro” para aqueles que acreditam em Jesus e gostam da sua Mãe. A docente convida os alunos a perceberem que se trata de desdobrável com a oração “Ave Maria” para pintar.

3.3.5. Aula n.º 5: “As aparições de Fátima: os três pastorinhos Lúcia, Francisco e Jacinta”⁴⁶²

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver
SUMÁRIO: As aparições de Fátima: os três pastorinhos Lúcia, Francisco e Jacinta.		
<p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p> <p>M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.</p>	<p>Descobrir a história dos acontecimentos de Fátima no ano 1917 e a sua importância na vida das pessoas.</p> <p>Conhecer a vida dos pastorinhos Lúcia, Francisco e Jacinta.</p> <p>Conhecer alguns aspetos fundamentais da mensagem de Fátima.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação dos três pastorinhos de Fátima: Lúcia, Francisco e Jacinta. • A história das aparições de Fátima de maio a outubro de 1917. • A mensagem que Maria deixou aos pastorinhos e os pedidos que lhes fez. • A mensagem de Fátima continua a ter importância na vida de muitas pessoas.

Figura 10 - Metas, objetivos e conteúdos previstos na planificação da aula n.º 5 (excerto da planificação)

A docente inicia a aula com as boas-vindas e propõe aos alunos que, desta vez, seja ela própria a distribuir os cartões. Pretende-se, assim, que mostre aos alunos como já conhece cada um deles pelo seu nome próprio. Depois, far-se-á uma revisão do que foi tratado nas aulas anteriores, sendo que, para tal, a docente convida os alunos a folhearem e observarem o caderno de registos, entretanto distribuído por dois alunos, e a observarem também as imagens exibidas ao longo da leção.

⁴⁶⁰ Ver anexo XVII – imagens de apoio à aula n.º 4: banda desenhada das bodas de Caná e Maria junto à cruz.

⁴⁶¹ Ver anexo XVIII – 5ª página do caderno de registos e desdobrável com a oração “Ave-Maria”.

⁴⁶² Ver anexo XIX – Planificação da aula n.º 5.

De seguida, a docente explica que, nesta aula, continuar-se-á a trabalhar sobre a Mãe de Jesus mas, desta vez, expondo um acontecimento que teve lugar em Portugal com três crianças com idades similares aos alunos da turma: as Aparições de Fátima. A docente pode mesmo partir da interpelação “Quantos anos têm? Hoje vou falar-vos de três meninos que viveram há quase 100 anos e que tinham mais ou menos a vossa idade”.

A docente partirá, então, da apresentação dos três pastorinhos – Jacinta, Francisco e Lúcia (idades, graus de parentesco, onde viviam, morte) – e fará depois uma muito breve descrição das Aparições. Importa que os alunos percebam que, com as Aparições, os pastorinhos aprenderam que é importante os católicos gostarem de Jesus, de Nossa Senhora e do seu Papa. Mas Maria também pediu outra coisa muito importante aos pastorinhos: ela queria que eles dissessem às outras pessoas que é preciso preocuparmo-nos uns com os outros, especialmente as pessoas mais pobres e doentes, e acabar com a guerra que tanto sofrimento causa; e eles foram os primeiros a dar exemplo – rezavam pelas pessoas que sofriam, davam o seu lanche aos meninos mais pobres, etc. Depois, como forma de provocar a síntese, a docente pergunta aos alunos: “o que é que aprendemos com os pastorinhos?”. Ao longo desta breve exposição, a docente recorrerá ao auxílio de diversos materiais: imagens impressas, em A3, de Francisco e Jacinta, dos três pastorinhos e do Papa Francisco⁴⁶³; as *Memórias da Irmã Lúcia*.

Após este momento, realizar-se-á uma atividade de grande grupo: um puzzle da imagem dos três pastorinhos⁴⁶⁴. A cada aluno são dadas duas partes de uma imagem dos três pastorinhos (recortada em trinta e cinco partes) que, depois, formará uma só. Com esta atividade pretende-se a consolidação dos conteúdos previstos para a aula, sendo que cada uma das partes entregues aos alunos é numerada, correspondendo-lhe uma questão (relacionada com as Aparições). As partes devem ser previamente preparadas e distribuídas pelos alunos de forma a que todos participem no jogo. Diante dos alunos é colocado o “tabuleiro”, em tamanho A2, com uma grelha numerada de 1 a 35 e onde cada aluno, depois de responder à questão, cola a sua peça. Se o aluno não souber responder pode pedir a “ajuda do público”, isto é, a um colega da turma.

Por fim realizar-se-á uma tarefa individual: na sexta página do caderno de registos⁴⁶⁵, previamente aí colocada, estão frases que os alunos devem completar com os nomes dos três pastorinhos, o local onde decorreram as aparições, primeiras conclusões da mensagem de Fátima (gostar de Jesus, de Maria e do Papa). Na mesma página está uma grelha com nove espaços, onde cada aluno montará o seu próprio puzzle com a imagem dos três pastorinhos, tendo sido as nove partes previamente distribuídas por cada um.

⁴⁶³ Ver anexo XX – imagens de apoio da aula n.º 5 – os três pastorinhos e Papa Francisco.

⁴⁶⁴ Ver anexo XXI – jogo de grande grupo “puzzle da imagem dos três pastorinhos”.

⁴⁶⁵ Ver anexo XXII – 6º página do caderno de registos e puzzle da imagem dos três pastorinhos individual.

Para finalizar a aula, a docente entrega um “tesouro” a cada aluno: uma pagela com a imagem dos beatos⁴⁶⁶ Francisco e Jacinta Marto (figura 11).



Figura 11 - Pagela dos beatos Francisco e Jacinta para dar aos alunos no final da sexta aula

3.3.6. Aula n.º 6: “As aparições de Fátima: com os pastorinhos aprendemos os valores da amizade, da solidariedade, do respeito e da paz”⁴⁶⁷

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver
SUMÁRIO: As aparições de Fátima: com os pastorinhos aprendemos os valores da amizade, da solidariedade, do respeito e da paz.		
<p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p> <p>M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.</p>	<p>Descobrir a história dos acontecimentos de Fátima no ano 1917 e a sua importância na vida das pessoas.</p> <p>Conhecer a vida dos pastorinhos Lúcia, Francisco e Jacinta.</p> <p>Conhecer alguns aspetos fundamentais da mensagem de Fátima.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O exemplo dos três pastorinhos de Fátima: Lúcia, Francisco e Jacinta. • A mensagem que Maria deixou aos pastorinhos e os pedidos que lhes fez. • A mensagem de Fátima continua a ter importância na vida de muitas pessoas.

Figura 12 - Metas, objetivos e conteúdos previstos na planificação da aula n.º 6 (excerto da planificação)

A última aula começa com o habitual acolhimento e distribuição dos cartões identificativos dos alunos. De seguida faz-se a revisão da aula passada, voltando a recorrer às imagens dos três pastorinhos e do Papa Francisco.

Feita a revisão, mostra-se uma nova imagem, desta vez, não com uma imagem real, mas com os ícones de Francisco e Jacinta⁴⁶⁸ da autoria de Marco Ivan Rupnik. A docente questiona os alunos sobre o porquê de serem representados assim: Jacinta com um cordeiro ao colo (figura 13); Francisco acariciando o rosto de Jesus Cristo e com um terço na mão (figura 14). Após um breve momento de diálogo, a docente explica que Jacinta é representada



Figura 13 - Ícone de Jacinta

⁴⁶⁶ À data da realização da Prática de Ensino Supervisionada, Francisco e Jacinta eram ainda beatos (a canonização teve lugar a 13 de maio de 2017), por isso neste capítulo é a nomenclatura utilizada.

⁴⁶⁷ Ver anexo XXIII – Planificação da aula n.º 6.

⁴⁶⁸ Ver anexo XXIV – Imagem de apoio à aula n.º 6 – ícones dos beatos Francisco e Jacinta Marto.

com um cordeiro porque ela gostava de pegar num cordeiro e colocar-se no meio do rebanho, imitando uma pagela de Jesus, o Bom Pastor, que tinha visto. Esta representação tem o objetivo de remeter para o seu carisma específico de rezar e sacrificar-se pelos pecadores, à imagem de Jesus. Ela queria que ninguém sofresse. Por sua vez, Francisco é representado acariciando o rosto de Cristo, o que remete para a sua vocação contemplativa e para a sua constante preocupação de consolar Nosso Senhor. Para ele, Deus estava muito triste com o pecado (as “maldades”) das pessoas e por isso, através da oração, representada no terço que tem na sua mão direita, procurava consola-l’O.



Figura 14 - Ícone de Francisco

De seguida, a docente convida os alunos a fazerem, oralmente, uma síntese do que podemos aprender com os três pastorinhos. Em suma: com as aparições de Maria em Fátima, os pastorinhos tornaram-se crianças ainda mais atentas às necessidades dos outros, preocupavam-se com o bem-estar de toda a gente, rezavam pelos que sofriam, partilhavam o que tinham com as crianças mais pobres (a sua merenda), respeitavam toda a gente... E é isso que nós aprendemos com eles.

Depois deste momento, realizar-se-á um trabalho de grande grupo, o tradicional “jogo da força” (aqui substituído por uma flor), com o objetivo de consolidar a síntese anterior. A docente coloca no quadro vários traços, cada um deles correspondentes às letras dos valores que aprendemos com os pastorinhos: amizade, solidariedade, respeito. Os alunos vão pedindo letras até descobrirem a palavra/valor certos. Depois a docente convida os alunos a copiar as três palavras para a sétima página, previamente colocada no caderno de registos⁴⁶⁹.

Com o recurso a computador e colunas, a docente exhibe o hino para a visita do Papa a Fátima⁴⁷⁰, pedindo aos alunos atenção para realizar a última tarefa individual: completar o refrão do hino com as palavras “Maria”, “esperança” e “paz”, ou seja, com mais duas ideias presentes na Mensagem de Fátima.

Para concluir a aula, a docente ensina a canção, recorrendo à técnica de fixar a letra por partes e por repetição e, depois da letra, introduzir a melodia. A docente pede sugestões de gestos/mímica aos alunos para o refrão. Conclui-se a aula cantando e fazendo os gestos, acompanhados pelo *videoclip*.

⁴⁶⁹ Ver anexo XXV – 7ª página do caderno de registos.

⁴⁷⁰ Ver anexo XXVI – Hino para a visita do Papa Francisco pelo Centenário das Aparições de Fátima.

3.4. Avaliação da lecionação

Depois de conhecer a fundo o tema que nos propomos trabalhar, depois de planificar a lecionação e levá-la a cabo, dá-se um último, mas crucial passo: a avaliação. É importante que o docente avalie, não só os alunos, mas também a sua própria prática pedagógica. Não seremos bons docentes se não formos capazes de olharmos, também, para nós próprios, refletirmos sobre as nossas escolhas e ações, percebermos as nossas capacidades e lacunas, procurando realizar sempre e cada vez mais um melhor trabalho. Devemo-lo aos nossos alunos, à Igreja que representamos, e a nós próprios e a Deus pois ser professor de Educação Moral e Religiosa Católica é também uma vocação.

“A avaliação pedagógica é uma tarefa ampla e complexa, pois julga os resultados, os processos, os componentes e as interações entre eles”⁴⁷¹. No que diz respeito aos alunos, ao longo da lecionação avaliou-se a atenção, o empenho e participação ordenada na aula, o cumprimento das regras da sala de aula, o respeito pelos outros, o entusiasmo no cumprimento das tarefas propostas, e a aquisição de novos conhecimentos, cujo principal instrumento de avaliação foi o “caderno de registos”. Porém, pretendemos agora centrar a nossa atenção e fazer uma breve avaliação do que foi o nosso desempenho no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, que não se desliga, nem se pode desligar, da dos alunos.

A lecionação desta Unidade Letiva, desenrolou-se em seis tempos letivos, tendo o seu início sido no dia quatro de janeiro de 2017 e a sua conclusão no dia vinte e nove de março do mesmo ano. As aulas decorreram no horário de EMRC da turma, isto é, às quartas-feiras entre as quinze as dezasseis horas tendo, todas elas, sido observadas pela professora cooperante, Dra. Maria José Rodrigues Dias.

As aulas desenrolaram-se, quase sempre, com base numa mesma estrutura, com a sucessão de diversos momentos: momento de acolhimento; breve exposição/diálogo sobre os conteúdos de cada aula; atividades de grande grupo e individuais, como forma de consolidar os mesmos conteúdos. Como já foi exposto, alguns recursos foram sendo usados ao longo de toda a lecionação, outros foram elaborados para cada aula.

Os alunos da turma mostraram-se sempre interessados e participativos nos momentos de exposição e diálogo, colocando questões e partilhando experiências, e bastante empenhados na realização das atividades propostas. Também se foram propondo variadas vezes para colaborar, por exemplo, na distribuição de materiais.

⁴⁷¹ Secretariado Nacional da Educação Cristã, Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, 159.

A primeira aula teve lugar no dia quatro de janeiro de 2017 e, além da apresentação, teve como objetivo introduzir a Unidade Letiva, partindo do especial convite, que Maria recebe e aceita, para ser mãe de Jesus. A aula decorreu de acordo com a planificação.

Assim, a aula iniciou-se com o jogo de apresentação ao longo do qual os alunos se mantiveram motivados. À medida que as questões avançaram, repararam que a questão “como se chama a tua mãe” se repete. Depois de escritos os nomes das mães no quadro, uma aluna salienta que a sua mãe tem o mesmo nome da Mãe de Jesus. Foi o mote perfeito para introduzir a Unidade Letiva.

No momento de exposição, alguns alunos, que também frequentam a catequese, partilharam o que sabiam sobre este convite e gerou-se um pequeno diálogo no qual uma das alunas explicou a narrativa da Anunciação. Este diálogo foi um ponto forte da aula.

A maior dificuldade sentida prendeu-se com a gestão das intervenções dos alunos. Trata-se, de facto, de uma turma com vários alunos motivados a participar.

Além do que já foi referido, importa salientar que os alunos têm já algumas ideias definidas e conhecimento prévio acerca de Jesus e de sua mãe, Maria. Saliente-se também que, no momento de representarem a mãe de Jesus, atividade individual proposta, alguns alunos representaram-na com elementos habitualmente encontrados nas suas representações artísticas como é o caso da auréola ou do véu (figuras 15 e 16).

Os materiais usados nesta aula foram adequados aos objetivos da mesma. Uma vez que a sala não dispõe de projetor, a solução encontrada foi a impressão de imagens em tamanho A4.

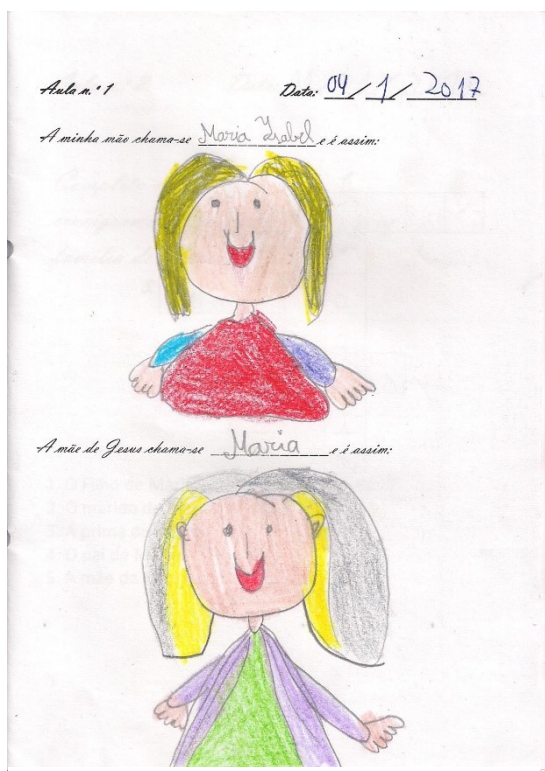


Figura 15 - 1ª página do caderno de registos da aluna M.

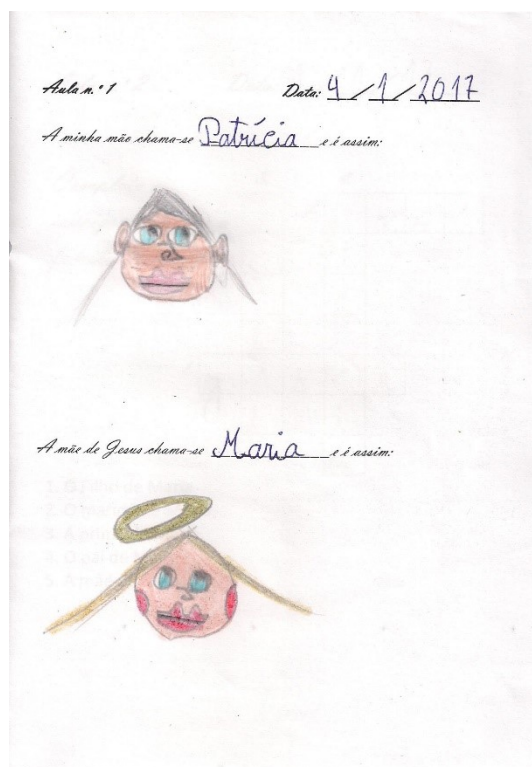


Figura 16 - 1ª página do caderno de registos do aluno D.

A segunda aula decorreu no dia onze de janeiro de 2017 e teve como tema a família de Maria. Vários alunos voluntariaram-se para distribuir os cartões, sendo escolhidos, aleatoriamente, dois.

Um ponto forte desta aula continua a ser o facto de alguns alunos terem e quererem partilhar conhecimentos. A par dos outros recursos, foi mostrada uma Bíblia, por ser “o livro que melhor nos fala de Jesus e Maria” e não foi necessário a docente explicar o que é: alguns alunos já sabem o que é a Bíblia, uma aluna explicou aos colegas que não sabiam do que se trata.

A maior dificuldade permanece a gestão das participações dos alunos o que, desta vez, provocou um ligeiro atraso na passagem para o momento seguinte.

Há a salientar que os alunos se mantêm bastante participativos. No momento de preencher o crucigrama, vários se voluntariaram para ir ao quadro escrever os nomes dos familiares de Maria e acompanham a atividade no seu próprio caderno de registos (figura 17).

Mais uma vez, os recursos preparados foram adequados, verificando-se um grande empenho pela parte dos alunos na atividade individual, encontrar as diferenças (figura 18). À medida que as iam encontrando, diziam-no, de voz alta, manifestando alegria e incentivando os outros a fazerem o mesmo.

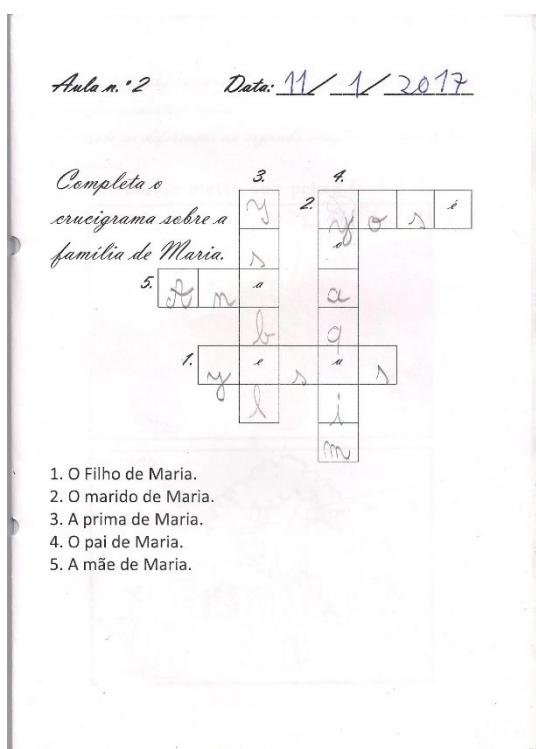


Figura 17 – 2ª página do caderno de registos da aluna M.



Figura 18 – 3ª página do caderno de registos do aluno D.

A terceira aula decorreu no dia dezoito de janeiro de 2017 e teve como objetivo mostrar como Maria acompanha toda a vida de seu Filho, Jesus. De novo a aula inicia-se com os alunos

a voluntariarem-se para distribuírem os cartões. Tem-se o cuidado de não repetir os mesmos da aula passada, de modo a dar a oportunidade a outros.

Desta vez usou-se como estratégia de recapitulação da aula anterior uma atividade de pequenos grupos: cada pequeno grupo, de dois ou três alunos, foi responsável pela pintura de um desenho impresso em papel grosso A3, sendo um total de seis páginas. Todas juntas, compuseram o “Álbum de Família de Maria” (figuras 18 a 20).



Figura 19 (a 24) - Álbum de Família de Maria

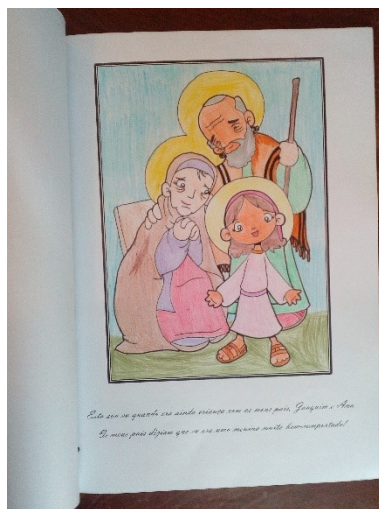


Figura 20

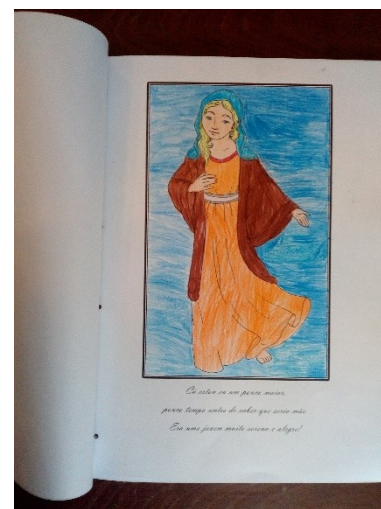


Figura 21

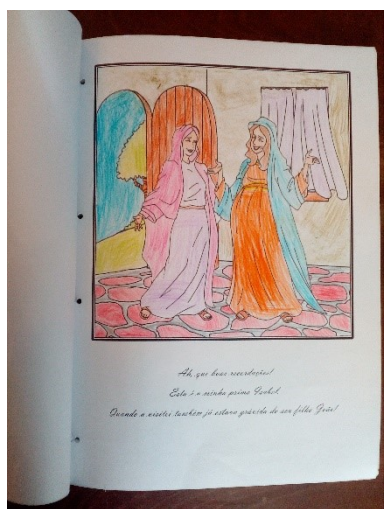


Figura 22

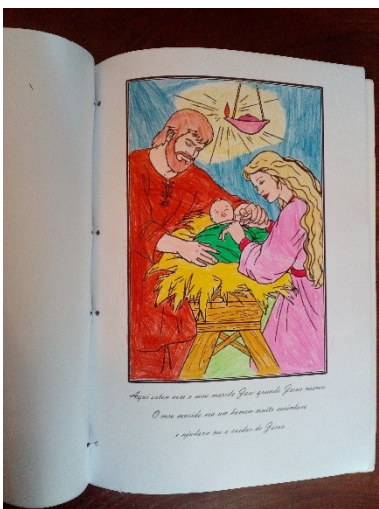


Figura 23

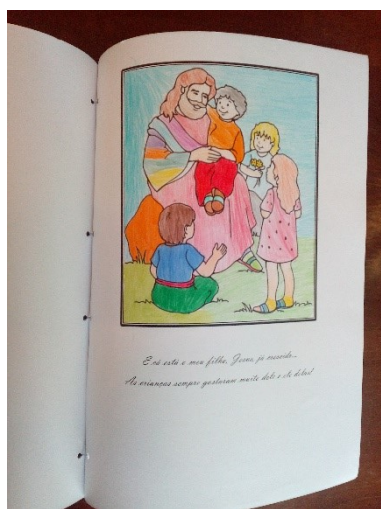


Figura 24

O ponto forte deste momento foi o empenho dos alunos verificado em fazerem a melhor pintura possível e o resultado final. No entanto foi também durante esta atividade que surgiu a principal dificuldade que se prendeu com a gestão do tempo. Demorou um pouco mais do que o previsto o que atrasou as atividades seguintes.

Passou-se ao momento de exposição, tendo sido necessário levar e preparar previamente um computador, colunas e um projetor pois este momento baseou-se, sobretudo, na exposição

de pequenos filmes alusivos a momentos específicos da vida de Jesus em que Maria marca presença: o nascimento de Jesus; Jesus aos doze anos; as bodas de Caná. Pelo atraso que já se verificava, não se mostrou o terceiro filme, sendo o episódio das Bodas de Caná exposto apenas oralmente. Os alunos mantiveram o silêncio e total atenção neste momento. É de salientar a mais valia do recurso a meios audiovisuais que, infelizmente, não se encontram disponíveis nesta sala de aula.

Assim, os materiais usados, revelaram-se, mais uma vez, adequados.

Por fim realizaram-se duas atividades no caderno de registos (figura 25) sendo que a primeira (assinalar as afirmações relativas ao episódio de Jesus aos 12 anos com -V ou -F consoante a sua veracidade) foi preenchida em simultâneo por todos os alunos, fomentando assim o sentido de grupo e de partilha. Na realização da última atividade, que consistia na

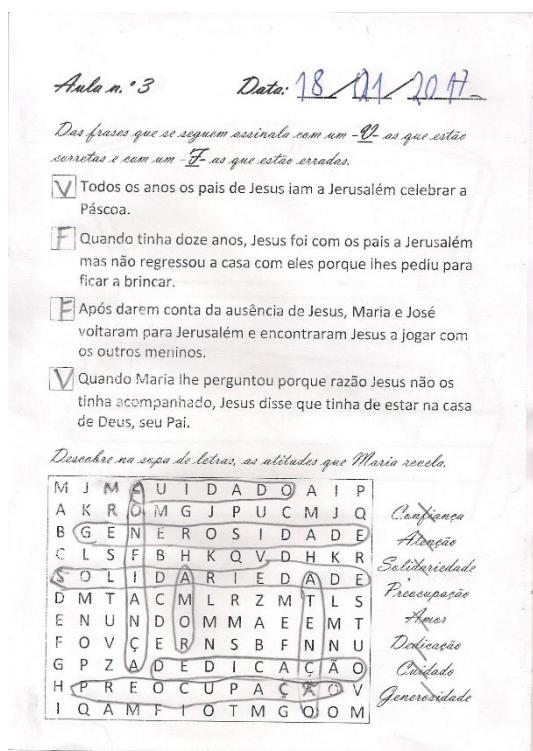


Figura 25 – 4ª página do caderno de registos da aluna M.

procura de algumas das atitudes exemplares de Maria numa sopa de letras e se pretendia individual, também se verificou esta partilha entre colegas de carteira (figura 26). Porém, e pelo atraso que se verificava não foi possível concluí-la nesta aula.



Figura 26 – Duas alunas realizam a “sopa de letras”

A quarta aula decorreu no dia vinte e cinco de janeiro de 2017 e teve como tema central perceber que Maria, não só acompanha a vida do seu Filho, como também daqueles que são amigos d’Ele, ou seja, dos que acreditam nele, os cristãos.

Com a ajuda de uma banda desenhada das Bodas de Caná, fez-se a revisão da aula anterior e os alunos foram convidados a concluir a “sopa de letras” iniciada na mesma.

Com o recurso a uma imagem de Jesus na cruz e com Maria e João ao pé, a docente explicou que Maria acompanhou Jesus até ao momento em que morreu na cruz e que é,

precisamente na cruz, que Jesus pede a João que cuide de Maria, que ia ficar sozinha, e a Maria que cuide de João como se fosse seu filho.

Mais uma vez um dos pontos fortes desta aula foi a familiaridade de alguns alunos face ao tema. Ficou expresso que, para os cristãos, Maria é tão importante que estes a consideram também “um bocadinho” sua mãe, como foi para João, a pedido de Jesus.

A docente questionou os alunos sobre a importância de uma mãe na sua vida e fê-los perceber como é bom contar e conversar com ela. Então, se Maria é “um bocadinho” mãe dos cristãos, “como é que eles conversam com ela?”, questionou. Uma aluna respondeu: “rezando”. “E qual a oração que os cristãos rezam mais vezes a Maria?” Vários alunos responderam “Ave-Maria”. Sem ser necessário perguntar se a conhecem, quase todos a recitaram.

Os alunos, permaneceram, nesta quarta aula interessados e motivados. São, por fim, convidados a abrir o caderno de registos onde, na quinta página, encontram um novo tesouro e, dentro dele, um desdobrável com a oração “Ave-Maria” (figura 28). Neste momento quase todos os alunos se empenharam (figura 27); porém alguns mostraram alguma relutância em concluir a atividade: talvez pintar se esteja a tornar pouco atrativo porque é o que fazem mais (até nas aulas de outras disciplinas).



Figura 27 - Duas alunas pintam o desdobrável com a Ave-Maria

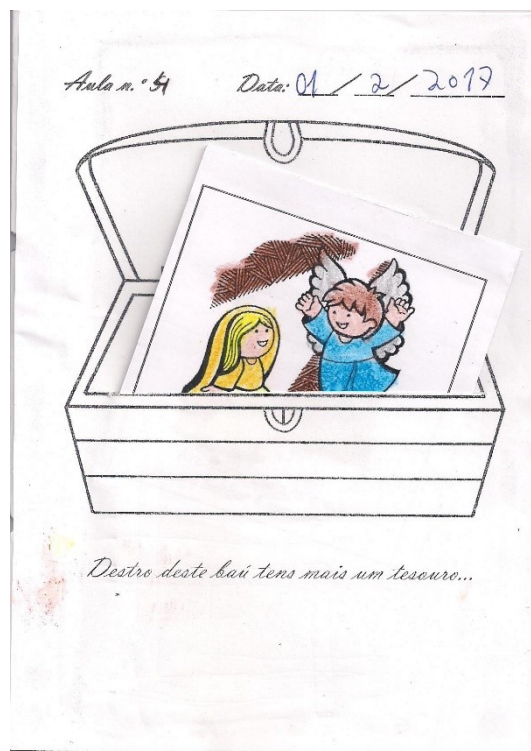


Figura 28 - 5ª página do caderno de registos da aluna M.

A quinta aula decorreu no dia vinte e dois de março de 2017 e teve como objetivo apresentar os três pastorinhos de Fátima, Lúcia, Francisco e Jacinta, os protagonistas do fenómeno de Fátima.

A aula iniciou-se com o habitual acolhimento sendo que desta vez a distribuição dos cartões foi feita pela docente de modo recordar os nomes todos os alunos. Ao saber o seu nome,

os alunos sentem que o/a docente dá valor a cada um deles. Fez-se uma breve recapitulação das aulas passadas observando os materiais usados e produzidos no decorrer da leção.

Na exposição dos conteúdos a desenvolver, foram apresentados os três pastorinhos com alguns dos seus traços característicos e uma breve descrição das Aparições. Procuramos explorar alguns conceitos como “centenário” e “refúgio” – pela oração Maria torna-se o refúgio de Lúcia e de quem a ela reza.

Mais uma vez os alunos mostraram conhecer alguns aspetos do fenómeno de Fátima e houve, inclusivamente, um aluno que, sendo de ascendência ucraniana, relacionou a guerra que se vivia na altura das Aparições, a I Guerra Mundial, com o atual conflito entre Rússia e Ucrânia. Considero ser um ponto forte as intervenções dos alunos que já falam sobre os assuntos na sua linguagem própria e, portanto, próxima dos pares.

A maior dificuldade sentida no desenrolar desta aula foi, novamente, a gestão das (numerosas) intervenções dos alunos.

De seguida, passamos a uma atividade de grande grupo, um jogo cujo objetivo era, além de criar uma dinâmica entre toda a turma, consolidar os conteúdos. O jogo consistia na montagem de um puzzle da fotografia dos três pastorinhos em A2 (figura 29), tendo sido dado a cada aluno um envelope com duas peças a que corresponderiam duas questões. Na verdade, só havia uma questão para cada aluno, sendo que a segunda peça funcionaria como estratégia de manter os alunos motivados e atentos, uma vez que os números eram chamados aleatoriamente e, supostamente, seriam chamados duas vezes.

Na conclusão da aula cada aluno foi convidado a abrir o seu caderno de registos na sexta página onde cada aluno, além de completar algumas frases que sintetizam os conteúdos da aula,



Figura 29 - resultado do jogo de grande grupo da aula n.º 5



Figura 30 - 6ª página do caderno de registos da aluna M.

também poderá montar o seu próprio puzzle (figura 30). Uma vez que a aula se tinha atrasado ligeiramente no momento da exposição, não foi possível concluir a montagem do puzzle individual, tendo tal conclusão sido adiada para a próxima aula.

Os principais aspetos a salientar são o interesse e envolvimento dos alunos na atividade de grande grupo e o seu empenho na realização da atividade individual bem como a adequação dos materiais, bem e previamente preparados.

A sexta e última aula desta lecionação, decorreu no dia vinte e nove de março de 2017 e teve como tema principal os valores da amizade, da solidariedade, do respeito e da paz, dos quais os pastorinhos de Fátima são exemplo, tentando expor numa linguagem apropriada à turma, partes da Mensagem de Fátima.

A aula iniciou-se com o acolhimento, fez-se a revisão e convidou-se os alunos a concluírem o puzzle iniciado na aula anterior.

Partiu-se depois para a exposição dos conteúdos da aula: perceber o que “nos ensinam” os pastorinhos, partindo dos ícones dos beatos Francisco e Jacinta Marto e da sua interpretação. Primeiro perguntei aos alunos a sua própria interpretação e depois a intenção do autor dos ícones. Sendo esta a última aula, fez-se a síntese, cujo principal objetivo, que pensamos ter sido atingido, era que os alunos concluíssem que os pastorinhos se tornaram crianças ainda mais atentas às necessidades dos outros, preocupavam-se com o bem-estar de toda a gente, rezavam pelos que sofriam, partilhavam a sua merenda, respeitavam toda a gente.

Realizamos depois um “jogo da forca” para encontrar três dos valores que os pastorinhos de Fátima “nos ensinam”, sendo notório o envolvimento dos alunos.

Concluiu-se a aula com o hino da visita do Papa Francisco. Primeiro convidamos os alunos a escutarem a música e completar, no caderno de registos o refrão da mesma (figura 31), descobrindo mais três palavras-chave da Mensagem de Fátima: Maria; esperança; paz. Os alunos mostraram-se interessados em aprender a música, criar os gestos para a acompanhar e, finalmente, cantar e dançar. Foi um momento dinâmico e mais descontraído, com os alunos a demonstrarem o seu gosto pela expressão musical, um dos pontos fortes desta aula.

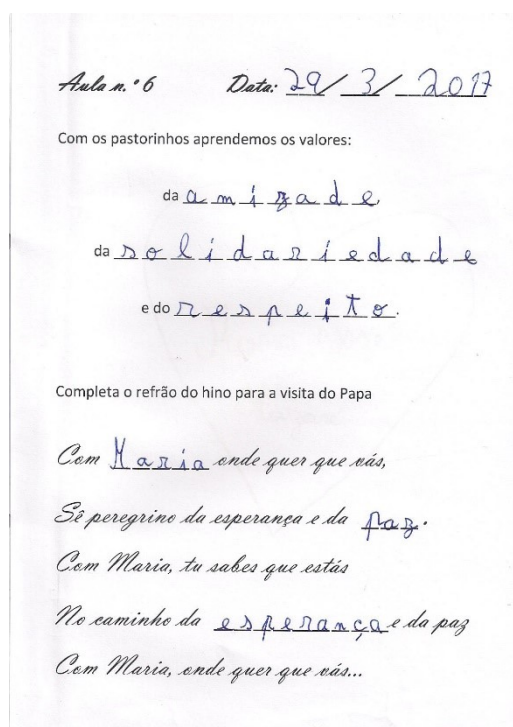


Figura 31 - 7ª página do caderno de registos da aluna M.

Terminada a lecionação e feita a retrospectiva, percebemos que há ainda caminho a fazer. Na realidade, é com a experiência que um professor desenvolve a sua prática e se torna cada vez melhor educador. Trata-se de um caminho sempre com mais um passo a dar.

Percebemos, antes de mais, que a planificação desempenha um papel vital no desenvolvimento da lecionação, que permite não só estruturar cada aula, com os seus objetivos próprios e conteúdos a desenvolver, como também prever algumas dificuldades e antecipar soluções.

Percebemos também que as principais dificuldades se prenderam com a gestão do tempo e das intervenções dos alunos. É necessário encontrar estratégias que ajudem neste sentido, de modo a não se perder a “riqueza” das intervenções e dos conhecimentos prévios dos alunos.

Percebemos ainda que também há pontos fortes a assinalar nesta Prática de Ensino Supervisionada. Sem dúvida, o maior deles foi a boa preparação das aulas, quer teórica, quer dos recursos a utilizar ao longo de toda a lecionação, tendo sido a elaboração própria do “caderno de registos” uma verdadeira e dupla mais valia que, por um lado, ajudou os alunos à consolidação de conteúdos, e, por outro, ajudou a docente a fazer a avaliação dos mesmos. Apesar da ausência de recursos audiovisuais na sala, não se deixou de se encontrar forma de os trazer e de os usar, de modo a imprimir o seu dinamismo próprio às aulas (ainda que, para tal, tenha sido necessário, transporta-los com a devida antecedência). Nas aulas em que não foi possível, recorreu-se a outras estratégias, como a impressão de imagens a cores e em grandes dimensões.

Sim, ainda há caminho a fazer. Temos essa noção. Mas, como se diz na gíria popular, “é caminhando que se faz o caminho”. E no caso de um professor esta expressão faz ainda mais sentido. Algum caminho já foi feito – prova disso é o Relatório que agora se apresenta – mas muito mais há a fazer. E ainda agora começamos!

CONCLUSÃO

Chegada ao final de todo este périplo, que começou em Nazaré e terminou, não em Fátima, como se previa, mas em S. Vítor – Braga (porque o acontecimento de Fátima já não se encontra só na Cova da Iria mas chegou aos mais diversos lugares, neste caso à sala da turma 1 do 2º ano da EB1 de S. Vítor), permitam que fale na primeira pessoa do singular, que seja a minha voz a soar nas próximas palavras, ainda que nem todas as ideias que neste momento tenho sejam minhas, mas também de todos aqueles que ajudaram a construir este trabalho e que estão já devidamente referenciados.

Na conclusão deste Relatório, há algumas ideias que quero salientar. Há ideias que vale a pena repisar, como um peregrino que refaz o mesmo caminho: ele já sabe por onde vai, mas o caminho afigura-se-lhe sempre novo porque a perspetiva jamais será a mesma.

Esta “segunda peregrinação” inicia-se partindo do sustentáculo da fé cristã: a Sagrada Escritura. Fica claro que o Antigo Testamento vai dando pistas sobre esta mulher mas é no Novo Testamento que se encontra, efetivamente, Maria de Nazaré, uma mulher concreta que Deus elege para Mãe do Seu Filho. Particularmente os evangelistas Lucas e João vão desenhando a figura de Maria: a mulher que aceita entregar-se plenamente aos desígnios de Deus (cf. Lc 1,26-38); a mulher que é mãe e acompanha o seu Filho, também aprendendo com Ele (cf. Lc 2,41-52); a mulher que O aponta continuamente (cf. Jo 2,5); a mulher que Ele próprio dá por mãe à Humanidade (cf. Jo 19,25-27).

Maria fica, pelo menos aparentemente, esquecida no pensamento cristão nos primeiros tempos da Igreja nascente. Só a partir do século II se começa a encontrar as primeiras referências a ela sendo que, inicialmente, têm sempre um sentido cristológico: é a mãe de Jesus Cristo, Deus encarnado. Isto porque era necessário refutar as heresias que iam surgindo e definir a dupla natureza, humana e divina, de Jesus Cristo. Assim, pode assinalar-se como momento crucial o Concílio de Éfeso, no qual, depois do Símbolo de Niceia-Constantinopla incluir o seu nome, Maria é declarada a *Theotókos*, isto é, a Mãe de Deus, o que não só responde às heresias como coloca Maria num lugar único da fé cristã. Assim, no Concílio de Éfeso, Maria deixa de ser “só” a mãe de Jesus e passa a ser a mãe de Deus, elevando-se ao patamar mais alto do culto cristão, depois do de Deus, iniciando-se o culto mariano oficial.

A partir daqui a reflexão acerca de Maria vai aumentando, o culto mariano vai ganhando forma, assim como a sua presença na arte (pintura, música, literatura, etc.) cresce. Maria vai sendo definida como a Nova Eva, pela qual nos vem a Salvação (contrariamente à primeira, pela qual entrou o pecado), como a mulher que se oferece à vontade Deus, como o tipo da Igreja: modelo de mãe, mulher, virgindade, escuta, discípula, crente.

As questões relacionadas com Maria são, entre outras, também motivo para o afastamento entre as diferentes confissões cristãs que lhe conferem uma relevância distinta. Uma dessas questões tem a ver com o culto que se lhe deve prestar. Neste aspeto, convém salientar que a Maria não se deve adoração (*latría*), mas sim veneração (*dulia*), ainda que uma veneração superior (*hiperdulia*) à dedicada aos outros santos. Uma das questões que suscitam mais falta de entendimento prende-se com os dogmas marianos: a Imaculada Conceição de Maria (definido em 1854) e a sua Assunção (definido em 1950). Mesmo no seio da Igreja Católica surgem, por vezes, vozes a favor e vozes contra.

Por altura do Concílio Ecuménico Vaticano II, a mariologia entra numa espécie de crise com críticas e contestações vinda de vários setores. No próprio Concílio há o desentendimento entre dois movimentos e chega-se, inclusivamente, a discutir qual o destaque a dar a Maria nos documentos conciliares. Acaba por se decidir não lhe dedicar um documento próprio mas um capítulo da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* o que, na minha perspetiva, não deixa de ser relevante: Maria é colocada exatamente num documento sobre a Igreja, ou seja, no seio dessa Igreja que ela viu nascer, com a qual orava antes do Pentecostes, à qual, enfim, é dada por Mãe pelo próprio Filho, e à qual serve de modelo.

Define o VIII capítulo da *Lumen Gentium* que Maria continua ao serviço da obra redentora do Filho. E não é isso que virá a acontecer em Fátima? Parece-me que sim: em Fátima ela continua ao seu serviço, como mãe e auxiliadora da Humanidade e medianeira entre esta e Deus: “o meu Imaculado Coração será o caminho que te conduzirá até Deus”, dirá a Lúcia. Diz ainda a Constituição Dogmática que Maria é, para os fiéis, modelo de fé, caridade, esperança, obediência à vontade de Deus e amor materno e, por isso, merece que o culto a ela dedicado seja singular e digno.

Mas, neste percurso, o tempo vai avançando. Estamos em 2017 e Portugal acabou de receber o Papa Francisco em Portugal: veio celebrar com o povo português (e não só) o Centenário das Aparições de Fátima e canonizar os “seus” pastorinhos, Francisco e Jacinta.

Para se perceber o alcance desta celebração, e como o próprio Papa fez questão de frisar, é necessário, sobretudo, perceber a Mensagem de Fátima. Mas, antes de mais, importa saber o que se entende por “aparições”. As aparições são acontecimentos extraordinário que pertencem ao âmbito das revelações privadas. Para a razão humana pura, não é fácil entendê-las. A par da razão são necessários os olhos da fé, porque são fenómenos do âmbito da experiência religiosa. Deve ficar claro que as revelações privadas nada acrescentam à revelação pública, que terminou com Jesus Cristo, Verbo Encarnado. Mas, não deixam, por isso, de ter valor: não acrescentam nem substituem a fé mas evidenciam-na, reavivam-na.

Mas, o que acontece em Fátima: aparições ou visões? Esta é, de facto, uma questão muito debatida. Parece-me que a perspetiva de Ratzinger é a mais coerente, por isso é a que sigo. Neste âmbito, é fundamental não esquecer um dado significativo: os recetores são crianças que apreendem e transmitem a experiência de acordo com as suas características próprias. Porém, isto não significa que se trate de uma fantasia nem exclui a presença, ainda que não possa ser localizada no mundo sensível. Pode concluir-se, com base no pensamento de Ratzinger, que o que acontece em Fátima em 1917 é uma perceção interior de uma presença de tal forma forte que equivale à manifestação externa sensível.

Contudo, penso que mais importante do que a forma da revelação é, então, a mensagem que ali Deus, através de Maria, revela. A Mensagem de Fátima é uma mensagem de esperança e paz, que mostra como é possível vencer o mal, o ódio. Mostra como Deus, o mesmo Deus que se revelou pelos profetas e se revelou assumindo Ele próprio a carne humana, continua a revelar-se e a fazer-se presente, mesmo entre os dramas da Humanidade. Recorde-se que, em 1917, se vivia o contexto específico da I Guerra Mundial, da perseguição à Igreja em Portugal, da pobreza e da fome. No entanto, penso que podemos considerar que a Mensagem de Fátima permanece atual, é uma mensagem para o “agora”. E também “agora” há dramas que é preciso suprimir: refugiados que fogem, acabando muitos deles mortos no Mar Mediterrâneo; atentados levados a cabo por extremistas; os conflitos entre líderes mundiais, ameaçando uma terceira guerra mundial cujas vítimas não são eles próprios mas o povo desprotegido e os soldados enviados para as frentes; o desemprego e a pobreza presente nas nossas ruas; os problemas ecológicos... Não será tão necessário, como há 100 anos, recentrarmos a nossa atenção, nestes dramas? E, mais ainda, não será necessário recolocarmos Deus no centro, como simbolicamente vemos representado na centralidade atribuída à imagem de Jesus Cristo no Santuário de Fátima?

Na Mensagem de Fátima, assume particular relevo o chamado “segredo”. Este “segredo”, formado por uma visão dividida em três partes, apela à salvação das almas, o que implica a devoção ao Imaculado Coração de Maria, a penitência, a conversão e a fé. Na perspetiva de Ratzinger, esta devoção ao Imaculado Coração de Maria não é mais do que uma procura, tendo Maria e o seu *fiat* por modelos, para abrir e entregar plenamente o nosso próprio coração à vontade de Deus. Neste sentido, talvez ajude voltar a atenção para as atitudes exemplares de Maria, descritas pela mariologia e salientadas pelo programa de EMRC.

Na terceira parte do “segredo”, vê-se a imagem da Igreja que peregrina por entre a História, seguindo o “bispo vestido de branco”, mas tendo como meta uma cruz de onde brota a vida. Sabemos que a cruz não é o lugar da derrota de Deus, mas onde Ele dá a Vida. Dá, e dá porque quer. E, nesta visão, neste caminho da Igreja peregrina, apesar do sofrimento que o marca, das perseguições, das quais o próprio “bispo vestido de branco” é vítima, o seu culminar

é de esperança. A Mensagem de Fátima convida-nos, assim, a crer nessa esperança e a tomar parte ativa na nossa salvação e na salvação dos outros, pois, tal como o livre “sim” de Maria transformou a História pela encarnação do próprio Deus, também os nossos livres “sins”, os nossos “eis-me aqui”, que também os pastorinhos souberam dar, O podem tornar presente no meio desta Humanidade que continua a sofrer e a precisar d’Ele.

Todavia a Mensagem de Fátima ultrapassa o “segredo” e diz mais. Tendo em conta o conjunto das angelofanias e as mariofanias, podemos concluir, que é uma mensagem teocêntrica e trinitária que apela à adoração como resposta à iniciativa divina, que apela à conversão, à oração e à reparação. Apela também ao sacrifício, não pela dor, mas como expressão de doação, à luz da própria doação de Jesus Cristo, não só na cruz, mas também na Eucaristia.

Não quero, com isto, desvalorizar o sacrifício físico muito visto em Fátima, que deixa tantos joelhos em sangue. Assim, em Fátima, vemos, já não só os dramas da Humanidade, mas também os dramas pessoais que cada uma cada uma levam “aos pés” da Mãe. Mas este assunto mereceria todo um outro estudo à parte do Relatório que agora se conclui.

No evento de Fátima, além do Deus que se revela e faz presente, além do Anjo, seu mensageiro, além de Maria, “custódia” do Deus encarnado e veículo da Mensagem, três crianças assumem o protagonismo. São três pequenos pastores de um lugar recôndito do interior de Portugal com os nomes de Lúcia, Francisco e Jacinta. Trata-se de um protagonismo sem vaidade, mas marcado pela doação total e por uma imensa fidelidade ao dom recebido. Mesmo quando confrontados pelas autoridades civis, políticas, religiosas, e até pela própria família, nunca se demovem da sua fé, nem negam os acontecimentos que viveram. Muitos queriam que dissessem que era invenção deles; outros tantos troçavam deles; muitos outros, ainda, maltratavam-nos; a própria mãe de Lúcia chamava-lhe mentirosa. Eram três crianças simples, humildes mas escolhidas. Tão escolhidas quanto a própria Maria.

Hoje aclamamos Francisco e Jacinta como santos da Igreja Católica e percebemos como a santidade, é um dom aberto a qualquer um de nós. Eles não nasceram santos, fizeram-se santos. A própria Irmã Lúcia, nas suas *Memórias*, diz como Jacinta tinha um feitio melindroso e o Francisco era demasiado despreocupado. Naturalmente: eram crianças. No entanto, souberam acolher o dom que lhes foi oferecido e transformar as suas vidas em função dele. Assim, vimos como cada um desenvolveu uma espiritualidade própria: Francisco preocupava-se com Deus, queria muito ser o seu consolo; Jacinta preocupava-se com os pecadores, não queria que caíssem no “inferno”. Assim, não são santos por todo o acontecimento que os envolveu mas por terem respondido com as suas próprias vidas àquele convite inicial de Maria “Quereis oferecer-vos a Deus?”. Também assim, afirmativamente, respondera Maria ao Anjo declarando-se a “serva do Senhor”.

Hoje temos consciência de que o fenómeno de Fátima se tornou um evento incontornável na Igreja universal, e prova disso é a atenção que os sucessivos Papas lhe têm dado, sobretudo a partir de Paulo VI, o primeiro a visitar Fátima enquanto Papa. Nesta história inscreve-se a particular relação de João Paulo II que visita o Santuário três vezes durante o seu pontificado, oferece a bala – a mais bela joia da coroa feita do ouro das mulheres portuguesas –, bala essa que, segundo o próprio, só não o matou no atentado de 13 de maio de 1981 devido à intervenção maternal de Maria. Também Bento XVI esteve no Santuário e, mais recentemente, Francisco, “trazendo” consigo a canonização de Francisco e Jacinta. Mais uma vez, vimos o Santuário encher-se de gente vinda de vários pontos do globo terrestre, o que mostra como os católicos permanecem unidos e rezam pelo seu Sumo Pontífice, sobre o qual também a Mensagem de Fátima fala.

O acontecimento de 1916 e 1917 galgou fronteiras, tornou-se um evento à escala mundial, e o Santuário de Fátima tornou-se um dos maiores lugares do culto mariano do mundo, visitado milhões de peregrinos oriundos de vários países. Ali se reza o Terço e se celebra a Eucaristia em várias línguas simultaneamente e percebemos que a diversidade conflui numa fé única no Deus único. Este é mais um assunto que mereceria um estudo próprio.

Como sabemos, Fátima não é dogma de fé; sendo revelação privada, não é necessário acreditar em Fátima para se ser cristão. No entanto, é um facto histórico incontornável com repercussões aos mais diversos níveis que, em Portugal, nem a Lei da Separação nem o crescente laicismo conseguiram travar.

Uma das frequentes críticas feitas a este acontecimento prende-se com o facto de se considerar que, o que o alimenta, são peregrinos analfabetos que simplesmente pedem favores. Mas a verdade é que hoje olhamos a imensa multidão que ali se congrega e vemos desde os mais humildes aos mais eruditos peregrinos. Apenas a título de exemplo, vemos os constantes testemunhos do atual Presidente da Republica Portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa, ou do atual selecionador nacional, Fernando Santos que, recentemente, num programa de televisão, afirmava Fátima como seu lugar de eleição para a oração, pelo silêncio que remete para o próprio silêncio de Maria.

Num outro programa televisivo, também recentemente transmitido, um filósofo questionava: o que é que se ganha com Fátima? Parece-me que, se soubermos ler todo o acontecimento, particularmente a sua Mensagem e o testemunho dos seus mediadores, há muito a ganhar. Foi isso, fazer essa leitura, que humildemente se procurou fazer neste Relatório de Estágio. Assumindo que se trata de revelação, tal acontecimento não poderia, senão, trazer proveito à Humanidade e à relação de cada pessoa com Deus.

Ouso, ainda, afirmar, e assim concluir, que, após todo o estudo realizado, na minha perspectiva, a frase central de todo o acontecimento de Fátima é esta: “o meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus”. Fica expresso que, em Fátima, Maria continua a ser mãe, modelo e medianeira.

Senhora, nós Vos louvamos,

Em dor e amor noite e dia!

Senhora, nós Vos louvamos

Hossana, hossana, Rainha de Portugal!

Hossana, hossana, Virgem Maria!

Senhora, nós Vos rezamos,

Quem Vos reza, em Vos confia:

Senhora, nós Vos rezamos!

Senhora, nós Vos cantamos,

Causa da nossa alegria:

Senhora, nós Vos cantamos!

Senhora, nós Vos aclamamos,

No altar da Cova da Iria:

Senhora, nós Vos aclamamos!⁴⁷²

⁴⁷² “Senhora, nós Vos louvamos – Hino da Coração de Nossa Senhora de Fátima”, Manuel Faria, acedido em 11 de maio de 2017, [http://www.fatima.pt/files/upload/canticos_de_fatima/CF005_Senhora,%20nos%20Vos%20louvamos%20\(M.%20Faria\).pdf](http://www.fatima.pt/files/upload/canticos_de_fatima/CF005_Senhora,%20nos%20Vos%20louvamos%20(M.%20Faria).pdf).

BIBLIOGRAFIA

1. Sagrada Escritura

Bíblia Sagrada. Fátima: Difusora Bíblica, 2010.

2. Documentos do Magistério da Igreja

Catecismo da Igreja Católica. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999.

Franciscus Pp. “Adhortatio Apostolica «Evangelii Gaudium»”, *AAS* 105 (2013) 1019-1137, consultando https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html, acedido em 13 de janeiro de 2017.

Ioanes Paulus Pp. II. «Litterae Encyclicae De Beata Maria Virgine in vita Ecclesiae peregrinantis “Redemptoris Mater”», *AAS* 79 (1987) 361-433, consultando http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html, acedido em 17 de outubro de 2016.

Paulus Pp. VI. «Adhortatio Apostolica “Marialis Cultus”», *AAS* 66 (1974) 113-168, consultando http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html, acedido em 17 de outubro de 2016.

Sacrosanctum Concilium Oecumenicum Vaticanum II. «Constitutio Dogmatica de Ecclesia “Lumen Gentium”», *AAS* 57 (1965) 5-71, consultando http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html, acedido em 17 de outubro de 2016.

3. Conferência Episcopal Portuguesa

Conferência Episcopal Portuguesa. *Carta Pastoral no Centenário das Aparições. Fátima, sinal de Esperança para o nosso tempo*. Moscavide: Secretariado Nacional da Conferência Episcopal Portuguesa, 2016.

Conferência Episcopal Portuguesa. *Carta Pastoral. Educação. Direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*. Lisboa: Secretariado Nacional da Conferência Episcopal Portuguesa, 2002.

4. Documentação Crítica de Fátima

Documentação Crítica de Fátima. I – Interrogatórios aos videntes. Fátima: Santuário de Fátima, 1992.

Documentação Crítica de Fátima. II – Processo canónico Diocesano (1922-1930). Fátima: Santuário de Fátima, 1999.

Documentação Crítica de Fátima. III – Das Aparições ao processo Canónico Diocesano – 1 (1917-1918). Fátima: Santuário de Fátima, 2002.

Documentação Crítica de Fátima. III – Das Aparições ao processo Canónico Diocesano – 2 (1918-1920). Fátima: Santuário de Fátima, 2004.

Documentação Crítica de Fátima. III – Das Aparições ao processo Canónico Diocesano – 3 (1920-1922). Fátima: Santuário de Fátima, 2005.

Documentação Crítica de Fátima. IV – Do Início do Processo Canónico Diocesano à Criação da Capelania 1 (3 Mai. – 12 Out. 1922). Fátima: Santuário de Fátima, 2006.

Documentação Crítica de Fátima. IV – Do Início do Processo Canónico Diocesano à Criação da Capelania 2 (13 Out. 1922 – 12 Out. 1924). Fátima: Santuário de Fátima, 2007.

Documentação Crítica de Fátima. IV – Do Início do Processo Canónico Diocesano à Criação da Capelania 3 (13 Out. 1924 – 31 Dez. 1925). Fátima: Santuário de Fátima, 2007.

Documentação Crítica de Fátima. IV – Do Início do Processo Canônico Diocesano à Criação da Capelania 4 (1 Jan. 1926 – 12 Jul. 1927). Fátima: Santuário de Fátima, 2009.

Documentação Crítica de Fátima. V – Da criação da Capelania à Carta Pastoral de D. José – 1 (13 Jul. 1927 – 31 Dez. 1928). Fátima: Santuário de Fátima, 2010.

Documentação Crítica de Fátima. V – Da criação da Capelania à Carta Pastoral de D. José – 2 (1 Jan. – 30 Jun. 1928). Fátima: Santuário de Fátima, 2010.

Documentação Crítica de Fátima. V – Da criação da Capelania à Carta Pastoral de D. José – 3 (1 Jul. – 31 Dez. 1929). Fátima: Santuário de Fátima, 2011.

Documentação Crítica de Fátima. V – Da criação da Capelania à Carta Pastoral de D. José – 4 (1 Jan. – 30 Abr. 1930). Fátima: Santuário de Fátima, 2011.

Documentação Crítica de Fátima. V – Da criação da Capelania à Carta Pastoral de D. José – 5 (1 mai. – 31 ago. 1930). Fátima: Santuário de Fátima, 2012.

Documentação Crítica de Fátima. V – Da criação da Capelania à Carta Pastoral de D. José – 6 (1 set. – 31 dez. 1930). Fátima: Santuário de Fátima, 2013.

5. Enciclopédias e Dicionários

Carreira das Neves, Joaquim, “Mensagem”. In *Enciclopédia de Fátima*, coordenada por Carlos Azevedo Moreira e Luciano Cristino, 349-354. Estoril: Principia, 2007.

Farias, José Jacinto Ferreira de, “Segredo”. In *Enciclopédia de Fátima*, coordenada por Carlos Azevedo Moreira e Luciano Cristino, 523-528. Estoril: Principia, 2007.

Fiores, Stefano de, “Mariologia”. In *Dicionário de Mariologia*, dirigido por Stefano de Fiores e Salvatore Meo, 842-864. S. Paulo: Paulus, 1995.

Guerra, Luciano, “Bento XVI e Fátima”. In *Enciclopédia de Fátima*, coordenada por Carlos Azevedo Moreira e Luciano Cristino, 73-76. Estoril: Principia, 2007.

Guerra, Luciano, “João Paulo II e Fátima”. In *Enciclopédia de Fátima*, coordenada por Carlos Azevedo Moreira e Luciano Cristino, 281-285. Estoril: Principia, 2007.

- Guerra, Luciano, “João XXIII e Fátima”. In *Enciclopédia de Fátima*, coordenada por Carlos Azevedo Moreira e Luciano Cristino, 275-279. Estoril: Principia, 2007.
- Guerra, Luciano, “Paulo VI e Fátima”. In *Enciclopédia de Fátima*, coordenada por Carlos Azevedo Moreira e Luciano Cristino, 391-395. Estoril: Principia, 2007.
- Guerra, Luciano, “Pio XII e Fátima”. In *Enciclopédia de Fátima*, coordenada por Carlos Azevedo Moreira e Luciano Cristino, 410-418. Estoril: Principia, 2007.
- Koehler, Th., “História da Mariologia”. In *Dicionário de Mariologia*, dirigido por Stefano de Fiores e Salvatore Meo, 561-576. S. Paulo: Paulus, 1995.
- Laurentim, R., “Aparições”. In *Dicionário de Mariologia*, dirigido por Stefano de Fiores e Salvatore Meo, 113-124. S. Paulo: Paulus, 1995.
- Meo, Salvatore, “Concílio Vaticano II”. In *Dicionário de Mariologia*, dirigido por Stefano de Fiores e Salvatore Meo, 296-306. S. Paulo: Paulus, 1995.
- Pie, E. Tourón del, “Redemptoris Mater”. In *Dicionário de Mariologia*, dirigido por Stefano de Fiores e Salvatore Meo, 1117-1120. S. Paulo: Paulus, 1995.
- Stilwell Peter e Carvalho, Cristina Sá, “Aparições”. In *Enciclopédia de Fátima*, coordenada por Carlos Azevedo Moreira e Luciano Cristino, 38-46. Estoril: Principia, 2007.

6. Legislação consultada

- Assembleia da República, “Lei 46/86 de 14 de outubro – Lei de Bases do Sistema Educativo”. *Diário da República*, 1ª Série, n.º 237. 14 de outubro de 1986.
- Assembleia da República, “Resolução da Assembleia da República n.º 74/2004”. *Diário da República*, 1ª Série, n.º 269. 16 de novembro de 2004.
- Constituição da República Portuguesa. *Diário da República*. 10 de abril de 1976.
- Ministério da Cultura, “Portaria n.º 333/86 de 2 de julho”. *Diário da República*, 1ª Série, n.º 149. 2 de julho de 1989.

Educação, “Decreto-Lei n.º 17/2016 de 4 de abril”. *Diário da República*, 1ª Série, n.º 65. 4 de abril de 2016.

7. Bibliografia complementar na área de Teologia/Mariologia

Baptista, F. de Sales, S.J. e Leite, Fernando, S.J., org. *Maria nos documentos da Igreja*. Braga: Editorial AO, 1987.

Bertone, Tarcísio. *A última vidente de Fátima. As minhas conversas com a Irmã Lúcia*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2007.

Boff, Leonardo. *A Ave-Maria. O feminino e o Espírito Santo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

Campos, José Narino. *O Lugar de Maria na Fé*. Sacavém: Edições São Paulo, 1997.

Congregação para a Doutrina da Fé. *A Mensagem de Fátima*. Lisboa: Paulinas, 2000.

Cuéllar, Miguel Ponce. *María, Madre del Redentor y Madre de la Iglesia*, Barcelona: Herder, 1995.

D. José, Bispo de Leiria, “Carta Pastoral sobre o Culto de Nossa Senhora de Fátima”. In *Documentação Crítica de Fátima. II – Processo canónico Diocesano (1922-1930)*, 270-271. Fátima: Santuário de Fátima, 1999.

Fiores, Stefano de. *O segredo de Fátima. Uma luz sobre o futuro do mundo*. Lisboa: Paulus, 2008.

Forte, Bruno. *Maria, a mulher ícone do mistério*. S. Paulo: Edições Paulinas, 1991.

Franco, José Eduardo e Reis, Bruno Cardoso. *Fátima lugar sagrado global*. Lisboa: Circulo de Leitores, 2017.

Fuente, Eloy Bueno de la. *A Mensagem de Fátima. A misericórdia de Deus: o triunfo do amor nos dramas da história*. Santuário de Fátima: 2014.

Group des Dombes. *Maria no projeto de Deus e na comunhão dos santos*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1997.

- Group des Dombes. *Maria no projeto de Deus e na comunhão dos santos II. Controvérsia e conversão*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1997.
- Irmã Lúcia. “Terceira Parte do «Segredo»”. In *A Mensagem de Fátima*, Congregação para a Doutrina da Fé, 22-27. Lisboa: Paulinas, 2000.
- Irmã Lúcia. *Apelos da Mensagem de Fátima*. Fátima: Secretariado dos Pastorinhos, 2002.
- Kondor, Luís, comp. *Memórias da Irmã Lúcia I*. Fátima: Secretariado dos Pastorinhos, 2006.
- Kondor, Luís, comp. *Memórias da Irmã Lúcia II*. Fátima: Secretariado dos Pastorinhos, 2005.
- Kung, H. et al.. *Maria nas Igrejas. Perspetivas de uma mariologia ecuménica*. Petrópolis: Editora Vozes, 1983.
- Neves, João César das. *O Século de Fátima*. Cascais: Principia, Publicações Universitárias e Científicas, 2002.
- Oliveira, Nair de Assis, org. *A Virgem Maria. Cem textos marianos com comentários / Santo Agostinho*. S. Paulo: Paulus, 1996.
- Orozco, António. *Mãe de Deus e nossa Mãe*. Lisboa: DIEL, 1997.
- Paredes, José Cristo Rey Garcia. *Mariologia*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1995.
- Pozo, Cándido. *Maria en la escritura y en la fe de la Iglesia*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1979.
- Rahner, Karl. *María, madre del Señor*. Barcelona: Herder Editorial, 2011.
- Ratzinger, Cardeal Joseph e Balthasar, Hans Urs Von. *Maria. Primeira Igreja*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2004.
- Ratzinger, Cardeal Joseph. “Comentário Teológico”. In *A Mensagem de Fátima*, Congregação para a Doutrina da Fé, 39-55. Lisboa: Paulinas, 2000.
- Ravasi, Gianfranco. *Os rostos de Maria na Bíblia*. Lisboa: Paulus, 2008.
- Serra, Aristide, *Maria em Caná, e junto à cruz*. Lisboa: Edições Paulistas, 1984.
- Torgal, Luís Filipe. *As «Aparições de Fátima» - Imagens e Representações*. Lisboa: Temas e Debates – Atividades Editoriais, 2002.

Valdés, Ariel. “O Anjo do Senhor anunciou a Maria?”. *Bíblica* 339 (2012): 52-57.

XI Semana Bíblica Nacional, *Maria na História da Salvação*. Lisboa: Difusora Bíblica, 1989.

8. Bibliografia complementar na área da Educação

Borràs, Luís. *Os Docentes do 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico*. Setúbal: Marina Editores, 2001.

Carvalho, Cristina Sá, coord. *O tesouro. Manual do Aluno – EMRC – 2º ano do Ensino Básico*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015.

Estrela, Albano. *Teoria e Prática de Observação de Classes - Uma Estratégia de Formação de Professores*. Porto: Porto Editora, 1994.

Hohmann, Mary e Weikart, David P.. *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

Moraes, Maria Célia, Pacheco, José Augusto e Evangelista, Maria Olinda, orgs. *Formação de Professores. Perspetivas educacionais e curriculares*. Porto: Porto Editora, 2003.

Morissette, Dominique e Gingras, Maurice. *Como Ensinar Atitudes. Planificar, Intervir, Avaliar*. Porto: Edições Asa, 1999.

Pacheco, José Augusto. *Currículo: Teoria e Práxis*. Porto: Porto Editora, 1996.

Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. 2014.

9. Netgrafia

Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches. “Projeto Educativo”. Acedido em 20 de outubro de 2016. http://www.aefranciscosanches.pt/2016_147_projeto_educativo_2013-17.pdf.

Diocese de Leiria Fátima. “Novas imagens de Francisco e Jacinta no Santuário de Fátima”. Acedido em 23 de março de 2017. <http://leiria-fatima.pt/index.php?>

option=com_content&view=article&id=8416:novas-imagens-de-francisco-e-jacinta-no-santuاريو-de-fatima&catid=79&Itemid=671.

Manuel Faria. “Senhora, nós Vos louvamos – Hino da Coração de Nossa Senhora de Fátima”. Acedido em 11 de maio de 2017. [http://www.fatima.pt/files/upload/canticos_de_fatima/CF005_Senhora,%20nos%20Vos%20louvamos%20\(M.%20Faria\).pdf](http://www.fatima.pt/files/upload/canticos_de_fatima/CF005_Senhora,%20nos%20Vos%20louvamos%20(M.%20Faria).pdf).

Marco Daniel Duarte e José Joaquim Ribeiro. “Mestra do Anúncio, Profecia do Amor – Hino do Centenário das Aparições de Fátima”. Acedido em 11 de maio de 2017. http://www.fatima.pt/files/upload/identidade/Pauta_Hino.pdf.

Papa Francisco. “Santa Missa com o Rito da Canonização dos Beatos Francisco Marto e Jacinta Marto. Homilia do Santo Padre”. Acedido em 14 de maio de 2017. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2017/documents/papa-francesco_20170513_omelia-pellegrinaggio-fatima.html.

Papa João Paulo II. “Cerimónia de Beatificação dos Veneráveis Francisco e Jacinta, Pastorinhos de Fátima. Homilia do Santo Padre”. Acedido em 11 de abril de 2017. http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2000/documents/hf_jp-ii_hom_20000513_beatification-fatima.html.

Santuário de Fátima. “O acontecimento de Fátima”. Acedido em 27 de fevereiro de 2017. <http://www.fatima.pt/pt/pages/o-acontecimento-de-fatima>.

The Chicago Manual of Style Online. “Chicago-Style Citation Quick Guide”. Acedido em 22 de abril de 2017. http://www.chicagomanualofstyle.org/tools_citationguide.html.

ÍNDICE

RESUMO	4
PALAVRAS-CHAVE.....	4
INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO I – O LUGAR DE MARIA NA FÉ CRISTÃ	8
1. De Maria de Nazaré à Mariologia	8
<i>1.1. Maria na Sagrada Escritura</i>	<i>9</i>
<i>1.2. O lugar de Maria desde a Igreja Antiga até ao Concílio Vaticano II.....</i>	<i>12</i>
<i>1.3. A mariologia do Concílio Vaticano II até aos nossos dias: os principais documentos</i>	<i>18</i>
1.3.1. Maria no Concílio Vaticano II: a Constituição Dogmática Lumen Gentium.....	19
1.3.2. A Exortação Apostólica Marialis Cultus de Paulo VI	22
1.3.3. A Encíclica Redemptoris Mater de João Paulo II	24
2. As Mariofanias	28
CAPÍTULO II – O FENÓMENO DE FÁTIMA: HISTÓRIA E MENSAGEM.....	33
1. Contexto histórico e sócio-cultural.....	33
2. Os Videntes de Fátima: de testemunhas a ícones do acontecimento.....	36
2.1. <i>Lúcia de Jesus dos Santos.....</i>	<i>37</i>
2.2. <i>Francisco Marto</i>	<i>39</i>
2.3. <i>Jacinta Marto.....</i>	<i>41</i>
2.4. <i>Beatificação e canonização de Francisco e Jacinta.....</i>	<i>43</i>
3. As Aparições.....	44
3.1. <i>Aparições do Anjo.....</i>	<i>45</i>

3.2. <i>Aparições de Nossa Senhora</i>	47
3.2.1. Primeira Mariofania: “Quereis oferecer-vos a Deus?”	47
3.2.2. Segunda Mariofania: um refúgio	48
3.2.3. Terceira Mariofania: o “segredo”.....	49
3.2.5. Quinta Mariofania: oração e sacrifícios	51
3.2.6. Sexta Mariofania: o Milagre	51
4. A Igreja, o Mundo e Fátima.....	52
4.1. <i>Fátima como acontecimento nacional e mundial</i>	53
4.2. <i>Os Papas e Fátima</i>	57
5. A Mensagem de Fátima	59
5.1. <i>O “Segredo”</i>	60
5.2. <i>A Mensagem (global) de Fátima</i>	64

CAPÍTULO III – PLANIFICAÇÃO E LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA “A MÃE DE JESUS” DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA	70
1. A Educação Moral e Religiosa Católica na educação integral	70
2. Caracterização do contexto da Prática de Ensino Supervisionada.....	72
2.1. <i>Caracterização do Agrupamento e da Escola</i>	73
2.2. <i>Caracterização da turma</i>	73
3. Planificação da Unidade Letiva	74
3.1. <i>A Unidade Letiva “A Mãe de Jesus”</i>	75
3.2. <i>Acerca de Fátima</i>	75
3.3. <i>Planificação aula a aula</i>	76
3.3.1. Aula n.º 1: “Apresentação e introdução à Unidade Letiva 2 – «A Mãe de Jesus». Maria recebe um convite muito especial e diz «sim»”	77
3.3.2. Aula n.º 2: “A família da Maria. Porque ama, Maria preocupa-se com as outras pessoas”	79
3.3.3. Aula n.º 3: “Maria, de Mãe a Seguidora de Jesus: Maria acompanha toda a vida do seu Filho”	80

3.3.5. Aula n.º 5: “As aparições de Fátima: os três pastorinhos Lúcia, Francisco e Jacinta”.....	82
3.3.6. Aula n.º 6: “As aparições de Fátima: com os pastorinhos aprendemos os valores da amizade, da solidariedade, do respeito e da paz”	84
3.4. <i>Avaliação da lecionação</i>	86
CONCLUSÃO	95
BIBLIOGRAFIA	102

ANEXOS

Domínios e Metas Curriculares da Educação Moral e Religiosa Católica

DOMÍNIOS	METAS
<p style="text-align: center;">Religião e Experiência Religiosa</p>	<p>A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.</p> <p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p> <p>C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.</p> <p>D. Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.</p>
<p style="text-align: center;">Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida</p>	<p>E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo</p> <p>F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.</p> <p>G. Identificar os valores evangélicos.</p> <p>H. Articular uma perspetiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica.</p> <p>I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade.</p> <p>J. Descobrir a simbólica cristã.</p> <p>L. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso.</p> <p>M. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.</p>
<p style="text-align: center;">Ética e Moral</p>	<p>O. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.</p> <p>P. Promover o bem comum e o cuidado do outro.</p> <p>Q. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p> <p>R. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.</p> <p>S. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</p>

Unidades Letivas do 1º Ciclo do Ensino Básico

1.º Ano UL1: Ter um Coração Bom UL2: Jesus nasceu UL3: Crescer em Família UL4: Amar a Natureza	2.º Ano UL1: Ser Amigo UL2: A Mãe de Jesus UL3: A Páscoa dos cristãos UL4: Deus é Amor
3.º Ano UL1: A dignidade das Crianças UL2: Ser Solidário UL3: Diálogo com Deus UL4: A Igreja	4.º Ano UL1: Ser Verdadeiro UL2: Crescer na Diversidade UL3: O Perdão UL4: A Bíblia

Planificação da Unidade Letiva 2 do 2.º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico

“A Mãe de Jesus”

METAS	Objetivos	Conteúdos	Calendarização
<p>E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.</p> <p>F. Conhecer a mensagem e a cultura bíblicas.</p> <p>M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano</p>	<p>1. Conhecer Maria e o seu papel na vida de Jesus.</p> <p>2. Admirar o exemplo que nos dá Maria: responder «sim» a Deus.</p> <p>3. Observar como Maria foi uma pessoa presente e atenta.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Maria responde «sim» a Deus (relato da anunciação: Lc 1, 26ss); • Tal como pediu a Maria, Deus pede-nos disponibilidade e generosidade; • Como Maria, também sou chamado a dizer «sim» a Deus: amar os outros. • Maria, uma mulher de coração bom; • José, o esposo de Maria; • A tradição sobre os pais de Maria: Joaquim e Ana. • Deus amava Maria e escolheu-a para ser a mãe de Jesus pela sua capacidade de amar; • Maria preocupa-se com as outras pessoas: o encontro com Isabel (Lc 1, 39-56). • Maria acompanha a vida de Jesus: <ul style="list-style-type: none"> – Jesus aos doze anos (Lc 2,41-52); – As bodas de Caná (Jo 2,1-11); – Maria junto à cruz de Jesus (Jo 19,25-27). 	4 aulas
<p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p> <p>M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Descobrir a história dos acontecimentos de Fátima no ano 1917 e a sua importância na vida das pessoas. - Conhecer a vida dos pastorinhos Lúcia, Francisco e Jacinta. - Conhecer alguns aspetos fundamentais da mensagem de Fátima. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação dos três pastorinhos de Fátima: Lúcia, Francisco e Jacinta. • A história das aparições de Fátima de maio a outubro de 1917. • A mensagem que Maria deixou aos pastorinhos e os pedidos que lhes fez. • A mensagem de Fátima continua a ter importância na vida de muitas pessoas. 	2 aulas

Planificação de Aula

Unidade Letiva: 2 “A Mãe de Jesus”
Aula n.º 1

Ano: 2º | Turma: 1
Data: 04.01.2017
Tempo previsto: 60 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento					3min.	
SUMÁRIO: Apresentação e introdução à Unidade Letiva 2 – “A Mãe de Jesus”. Maria recebe um convite muito especial e diz «sim».						
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.	Conhecer os alunos da turma.		<ul style="list-style-type: none"> ○ Apresentação da Unidade Letiva ○ Apresentação: jogo das perguntas (ir escrevendo os nomes das mães no quadro). 	<ul style="list-style-type: none"> - Baú de madeira⁴⁷⁴ - Duas caixas: uma com perguntas; outra com cartões com os nomes dos alunos. - Lista dos alunos - Quadro e giz 	2min.	<ul style="list-style-type: none"> - Atenção, empenho e participação ordenada na aula. - Cumprimento das regras da sala de aula. - Respeito pelos outros. - Cumprimento das tarefas propostas com entusiasmo. - Registos no caderno
	Apresentar Maria como mãe de Jesus.	<ul style="list-style-type: none"> • Maria responde «sim» a Deus. O relato da anunciação: Lc 1, 26-33. • Tal como pediu a Maria, Deus pede-nos disponibilidade e generosidade. • Como Maria, também sou chamado a amar os outros. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Diálogo acerca de Maria. (pistas:) - Quem era a Mãe de Jesus? - Será que Maria era uma mãe como as vossas? 	- Manual	2min.	
	1. Admirar o exemplo que nos dá Maria: responder «sim» a Deus.		<ul style="list-style-type: none"> ○ Exposição: - Maria era uma mãe como as vossas: cuidou de Jesus, alimentou-o, ensinou a andar... Mas ao mesmo tempo era uma mãe especial. - Maria recebeu um convite de Deus através de um anjo para ser 	<ul style="list-style-type: none"> - Imagens variadas impressas de Maria - caderno de registos - lápis - lápis de cor 	3min.	

⁴⁷⁴ Este baú alude ao símbolo do manual do 2º ano, o tesouro, e acompanhará a lecionação, contendo materiais de apoio, as atividades para os alunos realizarem, entre outros.

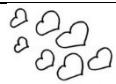
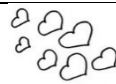
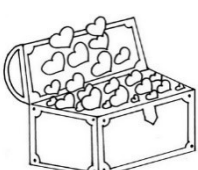
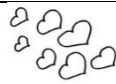
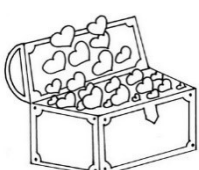
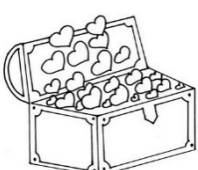
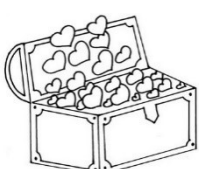

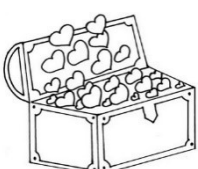
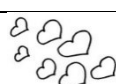
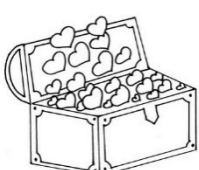
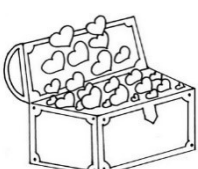
			<p>Mãe de Jesus e aceitou.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Maria dá-nos o exemplo. - Deus convida-nos a amar os outros através de gestos e palavras. <p>○ Por ser a mãe de Jesus, Maria é muito importante para os católicos, que a representam de variadas formas.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de imagens de Maria. - Entrega de um caderno de registos⁴⁷³ a cada aluno. - Registo gráfico no caderno: a minha mão; a mãe de Jesus. 		25min.	
--	--	--	---	--	--------	--


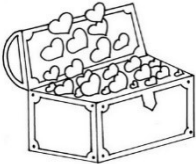

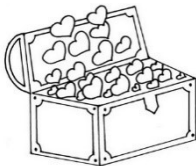

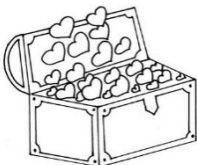

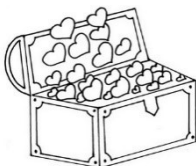

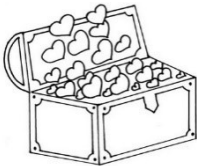

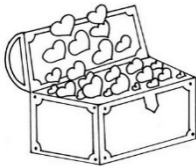

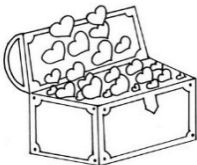

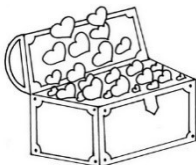

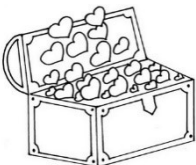
⁴⁷³ Caderno previamente preparado com folhas brancas que os alunos poderão personalizar e que acompanhará toda a leção da Unidade Letiva.

Questões para o jogo de apresentação

<i>Diz o nome da tua mãe e qual os teus desenhos animados preferidos.</i>	<i>Diz o nome da tua mãe e quantos anos tens.</i>
<i>Diz o nome da tua mãe e qual a tua brincadeira preferida.</i>	<i>Diz o nome da tua mãe e se tens irmãos. (Se sim, quantos tens?)</i>
<i>Diz o nome da tua mãe e onde moras.</i>	<i>Diz o nome da tua mãe e qual a tua cor preferida.</i>
<i>Diz o nome da tua mãe e qual a tua cor preferida.</i>	<i>Diz o nome da tua mãe e qual a tua comida preferida.</i>
<i>Diz o nome da tua mãe e qual o teu animal favorito.</i>	<i>Diz o nome da tua mãe e qual o teu animal favorito.</i>

Cartões identificativos dos alunos

 <p><i>Afonso Alexandre</i></p> 	 <p><i>Ana</i></p> 
 <p><i>Bianca</i></p> 	 <p><i>Dinis</i></p> 
 <p><i>Diogo Rafael</i></p> 	 <p><i>Inês Rosa</i></p> 
 <p><i>Inês Soares</i></p> 	 <p><i>Juan</i></p> 

 <p><i>Madalena Maria</i></p> 	 <p><i>Maria</i></p> 
 <p><i>Miguel</i></p> 	 <p><i>Morgane</i></p> 
 <p><i>Rodrigo</i></p> 	 <p><i>Silas</i></p> 
 <p><i>Sofia</i></p> 	 <p><i>Tomás Guimarães</i></p> 
 <p><i>Tomás Ramôa</i></p> 	

Imagens de apoio da aula n.º 1 – imagens de variadas representações de Maria



Planificação de Aula

Unidade Letiva: 2 “A Mãe de Jesus”
Aula n.º 2

Ano: 2º | Turma: 1
Data: 11.01.2017
Tempo previsto: 60 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento						
SUMÁRIO: A família da Maria. Porque ama, Maria preocupa-se com as outras pessoas.			Entrega dos cartões com os nomes.	- Cartões com os nomes	5min.	
F. Conhecer a mensagem e a cultura bíblicas	2. Conhecer Maria e o seu papel na vida de Jesus.	<ul style="list-style-type: none"> • Maria uma mulher de coração bondoso; • José, o esposo de Maria; • A tradição sobre os pais de Maria: Joaquim e Ana; • Deus amava Maria e escolheu-a para ser a mãe de Jesus pela sua capacidade de amar • Maria preocupa-se com as outras pessoas; o encontro com Isabel: Lc 1, 39-42.56. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Recordar o que se trabalhou na aula passada. Concluir a tarefa iniciada na aula anterior. ○ Exposição: <ul style="list-style-type: none"> - Dissemos que Maria era uma pessoa especial por ser a mãe de Jesus mas também uma mãe como a vossa: alimentou Jesus, cuidou dele quando se magoava, ensinou-o a falar... - Como vós e as vossas mães também tinha uma família: <ul style="list-style-type: none"> ▪ José era o Marido; ▪ Joaquim e Ana, os pais; ▪ Isabel, a prima. - Com todas as pessoas, particularmente com os seus familiares, Maria mostrava muita preocupação e dedicação. Prova disso é a sua visita à prima Isabel. 	<ul style="list-style-type: none"> - Baú - Caderno de registo - Lápis - Lápis de cor - Manual do 2º ano - Bíblia - Imagens impressas a cores. 	15min. 5min.	<ul style="list-style-type: none"> - Atenção, empenho e participação ordenada na aula. - Cumprimento das regras da sala de aula. - Respeito pelos outros. - Cumprimento das tarefas propostas com entusiasmo. - Registos no caderno.
M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.	3. Observar como Maria é uma pessoa presente e atenta.					

			<ul style="list-style-type: none"> ○ Realização de um crucigrama⁴⁷⁵, colocado no caderno de registos com os nomes dos familiares de Maria, em grande grupo. ○ Diferenças⁴⁷⁶: no caderno de registos está colocada uma página com duas imagens alusivas à visitação com sete diferenças que os alunos individualmente, devem encontrar. Depois de as assinalar na segunda imagem pintam a primeira. 	<ul style="list-style-type: none"> - Caderno de registo. - Lápis ou esferográfica. - Quadro e giz 	10min.	
				<ul style="list-style-type: none"> - Caderno de registos. - Lápis - Lápis de cor 	25min.	

⁴⁷⁵ 2ª página do caderno de registo iniciado na primeira aula.

⁴⁷⁶ 3ª página do caderno de registo iniciado na primeira aula.

Imagens de apoio da aula n.º2 – A família de Maria



3ª página do caderno de registos

Entre estas duas imagens há sete diferenças! Será que as consegues encontrar todas?

Assinala as diferenças na segunda imagem e depois pinta a primeira.

Maria visita sua prima Isabel



Planificação de Aula

Unidade Letiva: 2 “A Mãe de Jesus”
Aula n.º 3

Ano: 2º | Turma: 1
Data: 18.01.2017
Tempo previsto: 60 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário						
SUMÁRIO: Maria, de Mãe a Seguidora de Jesus: Maria acompanha toda a vida do seu Filho			Entrega dos cartões com os nomes	Cartões com os nomes	3min.	
F. Conhecer a mensagem e a cultura bíblicas M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.	2. Conhecer Maria e o seu papel na vida de Jesus. 3. Observar como Maria é uma pessoa presente e atenta.	<ul style="list-style-type: none"> • Maria acompanha a vida de Jesus: <ul style="list-style-type: none"> - Nascimento de Jesus: Lc 2, 1-20. - Jesus aos doze anos: Lc 2, 41-52. - As bodas de Caná: Jo 2, 1-11. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Recordar a aula passada. ○ Realização do álbum de família de Maria: pequenos grupos de dois ou três alunos pintam uma imagem alusiva aos familiares de Maria para depois compor o “álbum”. ○ Exposição <ul style="list-style-type: none"> - Maria acompanhou o seu filho desde o nascimento até à sua morte. (projeção de um vídeo para crianças com a narrativa do nascimento de Jesus). - Desde cedo que Jesus se revelou especial. Maria sabia-o. Aos doze anos de Jesus ocorreu uma situação que o indicou. (projeção de um vídeo para crianças com a narrativa da perda e encontro de Jesus em Jerusalém aos doze anos) - Outra situação teve lugar quando 	<ul style="list-style-type: none"> - Baú - Imagens em A3 - Lápis de cor - K-line A3 - Fita - Manual - Bíblia - Computador - Projetor - Colunas 	2min. 25min. 10min.	<ul style="list-style-type: none"> - Atenção, empenho e participação ordenada na aula. - Cumprimento das regras da sala de aula. - Respeito pelos outros. - Cumprimento das tarefas propostas com entusiasmo. - Registos no caderno.

			<p>Jesus iniciou a sua vida pública: mais uma vez Maria estava presente e atenta a quem precisava de ajuda. (projeção de um vídeo para crianças com a narrativa das Bodas de Cana).</p> <ul style="list-style-type: none"> - Comentário aos vídeos. - Em todas as situações Maria revela atitudes de amor, atenção, preocupação, dedicação, generosidade... <p>○ Verdadeiras e falsas⁴⁷⁷: são apresentadas quatro afirmações relativas a uma das situações antes apresentadas (Jesus aos doze anos) que os alunos devem assinalar com -V e -F consoante a sua veracidade.</p> <p>○ Sopa de letras⁴⁷⁸: numa sopa de letras colocada no caderno de registos, estão oito palavras (atitudes que Maria revela) que os alunos devem encontrar e rodear.</p>	<p>- Caderno de registos - Lápis</p> <p>- Caderno de registos - Lápis</p>	<p>5min</p> <p>15min</p>	
--	--	--	--	---	--------------------------	--

⁴⁷⁷ 4ª página do caderno de registos

⁴⁷⁸ 4ª página do caderno

Álbum de Família de Maria: capa e 1ª, 2ª e 3ª páginas

Álbum
de Família
de Maria



*Esta sou eu quando era ainda criança com os meus pais, Joaquim e Ana.
Os meus pais diziam que eu era uma menina muito bem-comportada!*



*Cá estou eu um pouco maior,
pouco tempo antes de saber que seria mãe.
Era uma jovem muito serena e alegre!*



*Ah, que boas recordações!
Esta é a minha prima Isabel.
Quando a visitei também já estava grávida do seu filho Jesus!*

Álbum de Família de Maria: 4ª e 5ª páginas



Aqui estou com o meu marido José quando Jesus nasceu.

O meu marido era um homem muito carinhoso

e ajudava-me a cuidar de Jesus.



E cá está o meu filho, Jesus, já crescido...

As crianças sempre gostaram muito dele e ele delas!

Filmes: “O nascimento do menino Jesus”; “Jesus aos doze anos”; “As bodas de Caná”



Acedido em: https://www.youtube.com/watch?v=kWt_MmrUtAU



Acedido em: <https://www.youtube.com/watch?v=3EUUmWO4ZqE>



Acedido em: <https://www.youtube.com/watch?v=x0ay1hqzcuM>

4ª página do caderno de registos

Aula n.º 3

Data: ___/___/___

Das frases que se seguem assinala com um -V- as que estão corretas e com um -F- as que estão erradas.

- Todos os anos os pais de Jesus iam a Jerusalém celebrar a Páscoa.
- Quando tinha doze anos, Jesus foi com os pais a Jerusalém mas não regressou a casa com eles porque lhes pediu para ficar a brincar.
- Após darem conta da ausência de Jesus, Maria e José voltaram para Jerusalém e encontraram Jesus a jogar com os outros meninos.
- Quando Maria lhe perguntou porque razão Jesus não os tinha acompanhado, Jesus disse que tinha de estar na casa de Deus, seu Pai.

Descobre na sopa de letras, as atitudes que Maria revela.

M	J	M	C	U	I	D	A	D	O	A	I	P
A	K	R	O	M	G	J	P	U	C	M	J	Q
B	G	E	N	E	R	O	S	I	D	A	D	E
C	L	S	F	B	H	K	Q	V	D	H	K	R
S	O	L	I	D	A	R	I	E	D	A	D	E
D	M	T	A	C	M	L	R	Z	M	T	L	S
E	N	U	N	D	O	M	M	A	E	E	M	T
F	O	V	Ç	E	R	N	S	B	F	N	N	U
G	P	Z	A	D	E	D	I	C	A	Ç	Ã	O
H	P	R	E	O	C	U	P	A	Ç	Ã	O	V
I	Q	A	M	F	I	O	T	M	G	O	O	M

*Confiança**Atenção**Solidariedade**Preocupação**Amer**Dedicação**Cuidado**Generosidade*

Planificação de Aula

Unidade Letiva: 2 “A Mãe de Jesus”
Aula n.º 4

Ano: 2º | Turma: 1
Data: 25.01.2017
Tempo previsto: 60 minutos

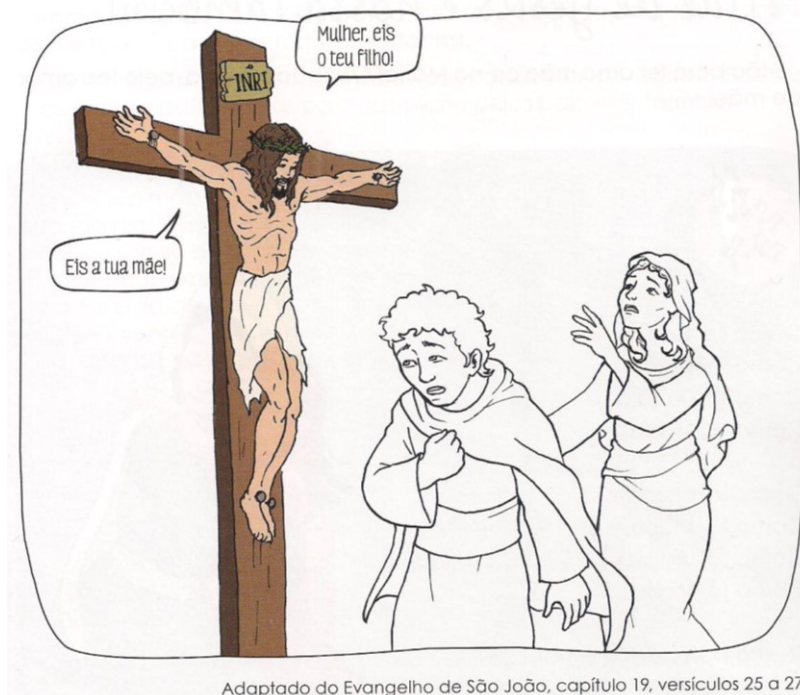
Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			Entrega dos cartões com os nomes	Cartões com os nomes	3min	
SUMÁRIO: Maria acompanha toda a vida do seu Filho e dos que são amigos d’Ele.						
F. Conhecer a mensagem e a cultura bíblicas M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano	2. Conhecer Maria e o seu papel na vida de Jesus. 3. Observar como Maria é uma pessoa presente e atenta.	<ul style="list-style-type: none"> • Maria acompanha a vida de Jesus. <ul style="list-style-type: none"> - Maria junto à cruz de Jesus: Jo 19, 25-27. • Maria acompanha a vida dos amigos de Jesus. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Recordar a aula anterior. ○ Conclusão do trabalho iniciado na aula anterior: sopa de letras. ○ Exposição <ul style="list-style-type: none"> - Maria acompanhou sempre Jesus, até ao momento em que Ele morreu na cruz. - Quando estava na cruz Jesus disse a Maria “eis o teu filho” e a João “eis a tua mãe” e, desde então, João tratou-a como se fosse a sua mãe, assim como todos os amigos de Jesus. - Também hoje os cristãos têm um carinho especial por Maria e, como ela era a mãe de Jesus, chamam-na e consideram-na também sua mãe. - Por isso, os cristãos também têm uma oração dedicada a 	<ul style="list-style-type: none"> - Baú - “BD” das Bodas de Caná - Caderno de registos - Imagem de Jesus na cruz com Maria e João ao pé. 	5min. 15min. 7min.	<ul style="list-style-type: none"> - Atenção, empenho e participação ordenada na aula. - Cumprimento das regras da sala de aula. - Respeito pelos outros. - Cumprimento das tarefas propostas com entusiasmo. - Registos no caderno.

			<p>Maria: "Ave Maria"</p> <p>o Na quinta página do caderno de registos é colocado um baú dentro do qual está um desdobrável com a oração "Ave Maria" para os alunos pintar.</p>	<p>- Caderno de registos - Desdobrável com a Ave Maria - Lápis de cor</p>	30min.	
--	--	--	---	---	--------	--

Imagens de apoio à aula n.º 4: banda desenhada das bodas de Caná e Maria junto à cruz



Adaptado do Evangelho de São João, capítulo 2, versículos 1 a 11.



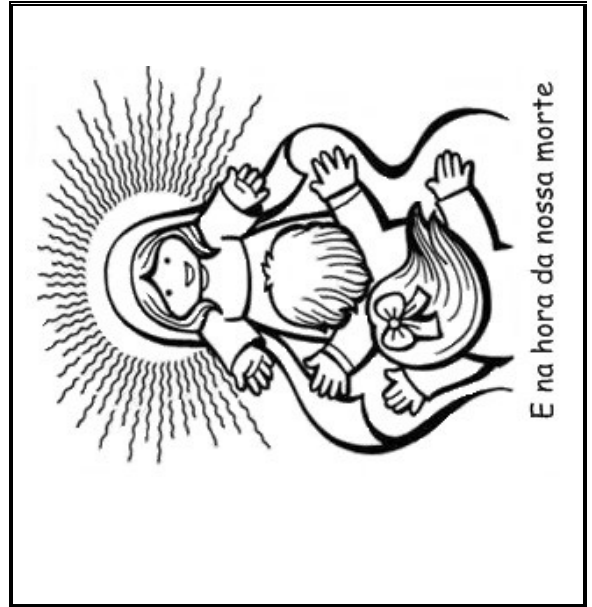
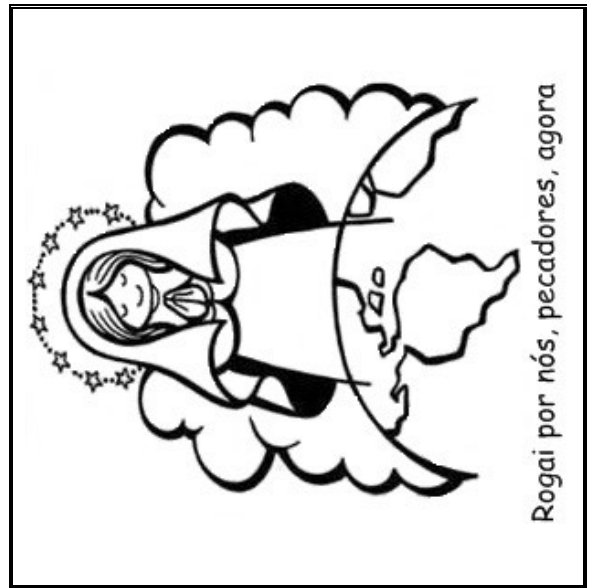
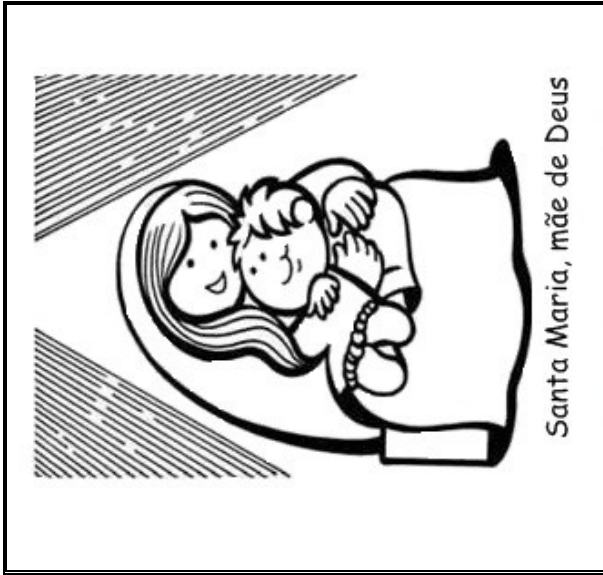
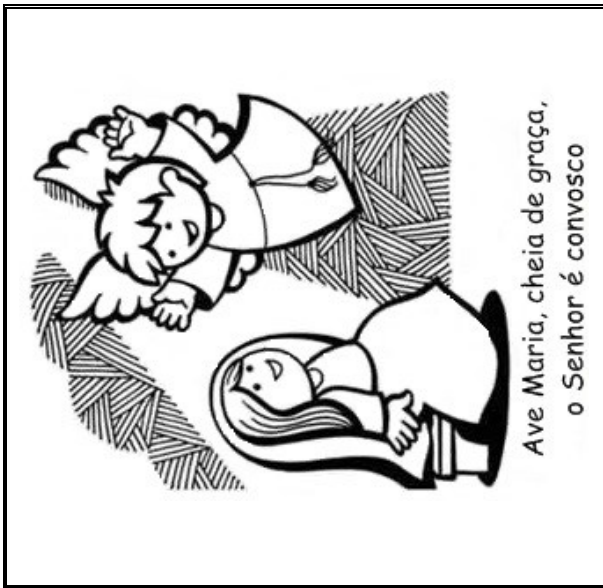
Adaptado do Evangelho de São João, capítulo 19, versículos 25 a 27.

5ª página do caderno de registos e desdobrável com a oração “Ave-Maria” (“tesouro” da aula n.º 4)

Aula n.º 4 *Data:* ___/___/___



Destro deste baú tens mais um tesouro...



Planificação de Aula

Unidade Letiva: 2 “A Mãe de Jesus”
Aula n.º 5

Ano: 2º | Turma: 1
Data: 22.03.2017
Tempo previsto: 60 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento			Entrega dos cartões com os nomes	Cartões com os nomes	3min	
SUMÁRIO: As aparições de Fátima: os três pastorinhos Lúcia, Francisco e Jacinta.						
			o Recordar as aulas anteriores.	- Baú - Caderno de registos - Álbum da família de Maria - Imagens usadas anteriormente	5min.	
<p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p> <p>M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.</p>	<p>Descobrir a história dos acontecimentos de Fátima no ano 1917 e a sua importância na vida das pessoas.</p> <p>Conhecer a vida dos pastorinhos Lúcia, Francisco e Jacinta.</p> <p>Conhecer alguns aspetos fundamentais da mensagem de Fátima.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação dos três pastorinhos de Fátima: Lúcia, Francisco e Jacinta. • A história das aparições de Fátima de maio a outubro de 1917. • A mensagem que Maria deixou aos pastorinhos e os pedidos que lhes fez. • A mensagem de Fátima continua a ter importância na vida de muitas pessoas. 	<ul style="list-style-type: none"> o Exposição: <ul style="list-style-type: none"> - Apresentação dos três pastorinhos – Jacinta, Francisco e Lúcia (idades, grau de parentesco, onde viviam, morte); - Breve descrição das aparições – seis aparições entre Maio e Outubro; - Com as aparições, os pastorinhos aprenderam que é importante gostar de Jesus; gostar de Nossa Senhora; gostar do nosso Papa; - Mas Maria também pediu outra coisa muito importante aos 	<ul style="list-style-type: none"> - Imagem impressa de Francisco e Jacinta. - Imagem impressa dos três pastorinhos. Imagem impressa do Papa Francisco. - “Memórias da Irmã Lúcia” 	<p>10min.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Atenção, empenho e participação ordenada na aula. - Cumprimento das regras da sala de aula. - Respeito pelos outros. - Cumprimento das tarefas propostas com entusiasmo. - Registos no caderno

			<p>pastorinhos: ela queria que eles dissessem às outras pessoas que é preciso preocuparmos uns com os outros, e eles foram os primeiros a dar exemplo – rezavam pelas pessoas que sofriam, davam o seu lanche aos meninos que não tinham lanche...</p> <p>- Síntese: com os pastorinhos aprendemos que...</p> <p>o Trabalho de grande grupo: puzzle. A cada aluno são dadas duas partes de uma imagem dos três pastorinhos que, depois, formará uma só como que se de um puzzle se trata. Cada uma destas partes é numerada e a cada uma corresponde uma questão (relacionada com as aparições). As partes são previamente preparadas e distribuídas pelos alunos de forma a que todos participem no jogo.</p> <p>o Trabalho individual: na sexta página do caderno de registos são colocadas frases para os alunos completarem</p>	<p>- Imagem dos três pastorinhos recortada em 35 partes; - um envelope para cada aluno com duas dessas 35 peças; - placa de k-line com um quadro, impresso em A2 dividido em 35 partes para montar o puzzle; - lista de questões (uma para cada aluno).</p> <p>- Caderno de registos - lápis e cola - imagem dos pastorinhos, recortada em 9 partes.</p>	<p>30min.</p> <p>10min.</p>	
--	--	--	---	--	-----------------------------	--

			<p>(nomes dos três pastorinhos, local onde decorreram as aparições, primeiras conclusões da mensagem de Fátima) e um espaço onde montarão o próprio puzzle com a imagem dos três pastorinhos.</p> <p>○ Entrega de um “tesouro” a cada aluno: pagela com uma imagem dos pastorinhos.</p>	<p>- Pagela de Francisco e Jacinta.</p>	<p>2min.</p>	
--	--	--	---	---	--------------	--

Imagens de apoio da aula n.º 5 – os três pastorinhos e Papa Francisco



Jogo de grande grupo “puzzle da imagem dos três pastorinhos” – tabuleiro

*Aula n.º 5**Data: 22/03/2017*

1	18	2	19	3
27	11	28	12	20
10	34	35	29	4
26	16	33	13	21
9	32	17	30	5
25	15	31	14	22
8	24	7	23	6

Jogo de grande grupo “puzzle da imagem dos três pastorinhos” – peças



Jogo de grande grupo “puzzle da imagem dos três pastorinhos” – questões

N.º da peça	Questão	2ª peça atribuída
1	Quantos eram os pastorinhos que, em 1917, viram e falaram com a Mãe de Jesus? R.: Eram 3.	18
2	Como se chamava a pastorinha mais velha? R.: Chamava-se Lúcia.	19
3	Como se chamava o pastorinho? R.: Chamava-se Francisco.	20
4	Como se chamava a pastorinha mais nova? R.: Chamava-se Jacinta.	21
5	Como se chamava a terra onde os três pastorinhos viram e falaram com Nossa Senhora? R.: Chamava-se Fátima (ou Cova da Iria).	22
6	Quantos anos tinha a Jacinta? R.: Tinha 7 anos.	23
7	Quantos anos tinha o Francisco? R.: Tinha 8 anos.	24
8	Quantos anos tinha a Lúcia? R.: Tinha 10 anos.	25
9	Qual era o grau de parentesco entre Francisco e Jacinta? R.: Francisco e Jacinta eram irmãos.	26
10	Qual era o grau de parentesco entre Lúcia e os outros dois pastorinhos? R.: Lúcia era prima deles.	27
11	Em que mês foi a primeira aparição? R.: Foi em Maio.	28
12	Em que mês foi a última aparição? R.: Foi em Outubro.	29
13	Quantas vezes viram os pastorinhos a Senhora? R.: 6 vezes (de Maio a Outubro: seis meses)	30
14	Há quantos anos se deram estes acontecimentos? R.: Há quase 100 anos.	31
15	As pessoas acreditaram logo que os pastorinhos tinham visto a Senhora? R.: Não.	32
16	A Senhora ensinou os pastorinhos a gostar dela, de Jesus e do... R.: Papa.	33
17	Maria também pediu aos pastorinhos que se preocupassem com as outras pessoas, por isso eles rezavam por quem sofria e partilhavam o seu lanche. Com quem partilhavam o seu lanche? R.: Com os meninos mais pobres.	34
35		

6ª página do caderno de registos e puzzle da imagem dos três pastorinhos individual*Aula n.º 5**Data:* ___/___/___

Completa as frases e monta o puzzle.

Em 1917, a Mãe de Jesus apareceu e falou com três pastorinhos chamados _____, _____ e _____ numa terra chamada _____. A Mãe de Jesus pediu a estes três meninos que ensinassem as outras pessoas a gostar muito de _____, de _____ e do _____.



Planificação de Aula

Unidade Letiva: 2 “A Mãe de Jesus”
Aula n.º 6

Ano: 2º | Turma: 1
Data: 29.03.2017
Tempo previsto: 60 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário						
SUMÁRIO: As aparições de Fátima: com os pastorinhos aprendemos os valores da amizade, da solidariedade, do respeito e da paz.			Entrega dos cartões com os nomes	Cartões com os nomes	3min	
			<ul style="list-style-type: none"> o Recordar a aula anterior e terminar o trabalho individual iniciado na aula anterior o Exposição <ul style="list-style-type: none"> - Com as aparições, os pastorinhos aprenderam que é importante gostar de Jesus; gostar de Nossa Senhora; gostar do nosso Papa. - Há imagens reais dos pastorinhos, como vimos, e “ícones”: • a Jacinta é representada com um cordeiro ao colo, ela gostava de pegar num cordeiro e colocar-se no meio do rebanho, imitando uma pagela de Jesus, o Bom Pastor. Esta representação remete para o seu carisma específico de rezar e sacrificar-se 	<ul style="list-style-type: none"> - Baú - Imagens impressas dos três pastorinhos e do Papa Francisco. - Caderno de registos - Imagem impressa de Francisco e Jacinta. - Imagem impressa dos ícones dos Beatos Francisco e Jacinta 	<p>10min.</p> <p>5min.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Atenção, empenho e participação ordenada na aula. - Cumprimento das regras da sala de aula. - Respeito pelos outros. - Cumprimento das tarefas propostas com entusiasmo. - Registos no caderno
<p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p> <p>M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.</p>	<p>Descobrir a história dos acontecimentos de Fátima no ano 1917 e a sua importância na vida das pessoas.</p> <p>Conhecer a vida dos pastorinhos Lúcia, Francisco e Jacinta.</p> <p>Conhecer alguns aspetos fundamentais da mensagem de Fátima.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O exemplo dos três pastorinhos de Fátima: Lúcia, Francisco e Jacinta. • A mensagem que Maria deixou aos pastorinhos e os pedidos que lhes fez. • A mensagem de Fátima continua a ter importância na vida de muitas pessoas. 				

			<p>pelos pecadores, à imagem de Jesus.</p> <ul style="list-style-type: none"> • O Francisco é representado acariciando o rosto de Cristo, o que nos remete para a sua vocação contemplativa e para a sua constante preocupação de consolar Nosso Senhor. Na sua mão direita está o terço⁴⁷⁹. - Com as aparições de Maria, os pastorinhos tornaram-se crianças ainda mais atentas às necessidades dos outros, preocupavam-se com o bem estar de toda a gente, rezavam pelos que sofriam, partilhavam a sua merenda, respeitavam toda a gente... ○ “Jogo da forca”⁴⁸⁰: colocar no quadro traços correspondentes às letras dos valores que aprendemos com os pastorinhos: amizade, solidariedade, respeito. Os alunos vão pedindo letras até encontrarem a palavra certa. Depois copiam a palavra para o seu caderno de registos. ○ Hino para a visita do Papa: fixar a letra por partes e 	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro e giz - Caderno de registos - Lápis - Computador - Colunas 	<p>15min.</p> <p>22min</p>	
--	--	--	---	---	----------------------------	--

⁴⁷⁹ Cf. http://leiria-fatima.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=8416:novas-imagens-de-francisco-e-jacinta-no-santuário-de-fatima&catid=79&Itemid=671

⁴⁸⁰ Substituímos a tradicional “forca” por uma flor na qual são pintadas as pétalas (até sete) por cada letra errada.

			<p>por repetição; depois da letra, introduzir a melodia. Cantar acompanhados pelo videoclip.</p> <p>○ Trabalho individual: completar o refrão do hino da visita do Papa com as palavras "Maria", "esperança" e "paz".</p>	<p>- Caderno de registos - Lápis</p>	5min.	
--	--	--	---	--	-------	--

Imagem de apoio à aula n.º6 – ícones dos beatos Francisco de Jacinta Marto da autoria de Marco Ivan Rupnik



7ª página do caderno de registos

*Aula n.º 6**Data:* ___/___/___

Com os pastorinhos aprendemos os valores:

da _____,

da _____

e do _____.

Completa o refrão do hino para a visita do Papa

*Com _____ onde quer que vás,**Sê peregrino da esperança e da _____.**Com Maria, tu sabes que estás**No caminho da _____ e da paz**Com Maria, onde quer que vás...*

Hino para a visita do Papa Francisco pelo Centenário das Aparições de Fátima: vídeo



Acedido em: <https://www.youtube.com/watch?v=UI8DIMSE1JQ>

Hino para a visita do Papa Francisco pelo Centenário das Aparições de Fátima: letra

Somos apenas um traço cinzento
Estes passos levados / pelo vento
Ou haverá quem sabe / uma razão
Mais além deste muro / um clarão

Sei que Maria nos abre caminhos
a certeza de / não estarmos sozinhos
Quando pesava a noite sem fim
seu olhar / acendeu Deus em mim

Deus em mim, Deus em mim...

Refrão: Com Maria, onde quer que vás
Sê peregrino da esperança e da paz
Com Maria, tu sabes que estás
No caminho da esperança e da paz

Haverá nos céus / um segredo
Um amor que nos cure do medo?
A Sua luz te acompanha e sustém
Mesmo se não vês o seu brilho vem

Deus em mim, Deus em mim...

Com Maria, com Maria...